

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO – MINTER UEM / FAFIJA**

**A IMPRENSA PEDAGÓGICA COMO TEMA E OBJETO PARA A
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PARANAENSE:
*JORNAL ESCOLA ABERTA (1986-1988)***

EDILENE CUNHA MARTINEZ

**MARINGÁ
2009**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO – MINTER UEM / FAFIJA

**A IMPRENSA PEDAGÓGICA COMO TEMA E OBJETO PARA A HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PARANAENSE: *JORNAL ESCOLA ABERTA* (1986-1988)**

Dissertação apresentada por EDILENE CUNHA MARTINEZ, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: História e Historiografia, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elaine Rodrigues.

MARINGÁ

2009

EDILENE CUNHA MARTINEZ

**A IMPRENSA PEDAGÓGICA COMO TEMA E OBJETO PARA A HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PARANAENSE: *JORNAL ESCOLA ABERTA* (1986-1988)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elaine Rodrigues (Orientadora) – UEM

Prof.^a Dr.^a Ednéia Regina Rossi – UEM

Prof.^a Dr.^a Liane M. Bertucci – UFPR

Maringá, de agosto de 2009.

Dedico

este trabalho a **Gustavo Martinez** com amor, carinho e gratidão.

As palavras são poucas em comparação a todo apoio, compreensão e companheirismo oferecido por você neste desafio.

Mas, divido contigo mais um passo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

- a **Deus**, criador da minha existência, a quem rendo toda a glória e honra pela oportunidade de fazer este curso e de compor esta dissertação;
- à minha orientadora, Professora Prof^a Dr^a **Elaine Rodrigues**, pelas horas em que me acolheu para a execução deste trabalho, pelo companheirismo e incentivo e pelos ensinamentos que foram valiosos para a conclusão desta pesquisa;
- à **Prof.^a Dr.^a Ednéia Regina Rossi** – UEM e **Prof.^a Dr.^a Liane M. Bertucci** – UFPR, por terem aceitado participar da banca de qualificação e defesa, pela atenção, carinho e respeito por elas empreendido na leitura desta dissertação e pelas orientações por elas dedicadas.
- à Professora **Nerli Nonato Mori**, professora do Departamento de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá e a **todos os demais professores** que comigo compartilharam seus conhecimentos durante as aulas;
- aos meus pais, **Moacir** e **Neide Cunha**, às irmãs **Renata** e **Fernanda Cunha**, à minha amada sobrinha **Laiza Cunha Ribeiro**, que foram e sempre serão meu alicerce para enfrentar os desafios que me têm surgido ao longo da vida;
- ao meu esposo, **Gustavo Martinez**, pela constante e pronta dedicação, amor, apoio e compreensão. Estendo o agradecimento à **sua família**, as cunhadas **Natânia** e **Gheisa Martinez** e sogros **Dorotilde** e **José Carlos Martinez**, que sempre me apoiaram.
- às amigas, **Vera Hernandes**, **Maria de Lourdes Cavicchioli**, **Solange Zago** e as **demais companheiras das escolas Paulo Freire – Iguatemi**, e **Escola Municipal São Jorge – São Jorge do Ivaí**, aos **amigos do meio acadêmico**, pela convivência e amizade conquistada no decorrer deste curso de pós-graduação.
- à Professora **Maria de Lourdes Longhini Trevisani**, pelo trabalho dedicado na correção de língua portuguesa e pela amizade.

- à prima **Lígia Carla Pereira Salgueiro** e seu esposo **Gio**, pelo trabalho de tradução a língua inglesa e pela sempre disponibilidade em ajudar oferecendo conforto e amizade.

- à **Universidade Estadual de Maringá**.

MARTINEZ, Edilene Cunha. **A Imprensa Pedagógica como tema e objeto para a História da Educação Paranaense: *Jornal Escola Aberta* (1986-1988)**. 2009. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Rodrigues. Maringá, 2009.

RESUMO

Esta pesquisa problematiza o que o *Jornal Escola Aberta* pode revelar sobre a produção e circulação de ideias a respeito do fazer educacional. O periódico é tomado como um exemplo de Imprensa Pedagógica, oficialmente produzido pela Secretaria de Educação do Município de Curitiba, durante a década de 1980, no Estado do Paraná. A Imprensa Pedagógica é entendida como tema e objeto representativo para o estudo da História da Educação. A descrição da fonte amparou-se na compreensão de que este procedimento historiográfico amplia as possibilidades acerca da problematização, desenvolvimento e posterior análise do objeto pesquisa. A análise buscou suporte nos escritos de Roger Chartier (1990; 1996; 1999a; 1999b; 2002a; 2002b; 2007) e Michel de Certeau (1982 e 1994). Evidencia os elementos que compuseram a materialidade e organicidade da fonte e questiona o conteúdo dos editoriais, manchetes e artigos, itens que compõem o *Jornal Escola aberta* e que bem representam o pensar oficialmente instituído, direcionador do fazer educacional da época 1986 a 1988, período de circulação do periódico. O objetivo geral foi investigar a História da Educação no Paraná da década de 1980, por meio da descrição e análise de um periódico pedagógico publicado. De modo mais específico, objetivou-se apresentar descritivamente o *Jornal Escola Aberta* e analisar seu conteúdo, tomando-o como estratégia de divulgação de ideias oficialmente produzidas pela Secretaria Municipal de Educação, que direcionava o trabalho dos professores da educação pública municipal em Curitiba. Este estudo apresenta o entendimento que se construiu acerca do tema Imprensa Pedagógica, tendo as categorias representação, identidade social e apropriação como base para a construção e análise da revisão bibliográfica. Segue uma descrição detalhada das seções que compõem o *Jornal Escola Aberta*. Na análise, são priorizados os conteúdos das manchetes, editoriais e artigos que dão organicidade ao periódico. Pela análise dos jornais, foi possível inferir a organização do trabalho pedagógico “exigido”. Este seria a base para a efetivação da proposta educacional “pleiteada” pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. Neste, duas outras categorias, táticas e estratégias, ficaram evidentes na análise. Entende-se que o estudo de oito exemplares do *Jornal Escola Aberta*, embora represente um único exemplo da Imprensa Pedagógica paranaense, contribui com as muitas Histórias Educativas a serem contadas no Paraná. As categorias elencadas para a análise auxiliaram e permitiram o entendimento de como foram estabelecidas as relações entre os “personagens” criados pela Imprensa Pedagógica e a própria configuração/identidade dos sujeitos da educação da década de 1980 no Paraná.

Palavras-chave: Educação; História da Educação; Imprensa Pedagógica; *Jornal Escola Aberta*.

MARTINEZ, Edilene Cunha. **The Pedagogic Press as subject and object to the History of the Paranaense Education. Periodical Open School (1986-1988)**. 2009. 172f. Dissertation (Masters Thesis) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Rodrigues. Maringá, 2009.

ABSTRACT

This study presents what the Periodical Open School can disclose on the production and circulation of ideas with regards to being educational. This periodical is taken as an example from the Pedagogical Press, officially produced for the Secretariat of Education of the City of Curitiba, during the decade of 1980, in the State of the Paraná. The Pedagogical Press is understood as the subject and representative object for the study of the history of education. The description of the source was supported in the understanding of the historiographical procedural scope of the problem and the development and subsequent analysis of the study. The analysis sought support in the writings of Roger Chartier (1990; 1996; 1999a; 1999b; 2002a; 2002b; 2007) and Michel de Certeau (1982 and 1994). It evidences the elements that had composed the materiality and well-ordered nature of the study and questions the content of the editorials, headlines and articles, and items that compose the Periodical Open School that well represents the institutional thinking from 1986 to 1988, the period of circulation of the journal. The general objective was to investigate the history of education in Paraná in the 1980's, through description and analysis of an officially published pedagogical periodical. More specifically aimed to descriptively present the Periodical Open School and to analyze its content, taking it as a strategy of spreading ideas officially produced by the Secretariat of Education. The Periodical Open School directed the work of the teachers of the municipal public education in Curitiba. This study shows that the understanding built on the theme of the Pedagogical Press, and the category representation, social identity and ownership as the basis for the construction and analysis by means of a literature review. Below is a detailed description of the sections composing the Periodical Open School. Prioritized in the analysis are the contents of headlines, editorials and articles that give structure to the journal. For the analysis of periodicals it was possible to infer the organization of "the demanded" pedagogical work. This would be the basis to accomplish the educational "plead" for the Municipal Department of Education of Curitiba. In this, two other categories, tactics and strategies, are evident in the analysis. It is understood that the study of eight copies of the Periodical Open School represents the only example of the Paranaense Pedagogical Press contributing many educative stories to be told in Paraná. The categories listed for the analysis had assisted and allowed the understanding of how relations were established between the "characters" created by the Educational Press and the configuration / identity of the subjects of education in the 1980s in Paraná.

Keywords: Education; History of the Education; The Pedagogical Press; Periodical Open School.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Artigos	66
QUADRO 2: Eventos	68
QUADRO 3: Datilografia: seus Responsáveis	69
QUADRO 4: Número de Páginas.....	73
QUADRO 5: Ilustrações.....	80
QUADRO 6: Tiragem e Manchete	81
QUADRO 7: Patrocinadores	84
QUADRO 8: Relação Manchete Página	105

SUMÁRIO

MEMORIAL	10
1 INTRODUÇÃO	14
2 A IMPRENSA PEDAGÓGICA: TEMA E OBJETO DE ESTUDO	23
2.1 REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE SOCIAL E APROPRIAÇÃO	28
2.2 REVISANDO A BIBLIOGRAFIA	42
3 JORNAL ESCOLA ABERTA: SUA MATERIALIDADE	57
3.1 JORNAL ESCOLA ABERTA: DE QUE E DE QUEM SE COMPÕEM SUAS IMAGENS	73
3.2 JORNAL ESCOLA ABERTA: SOBRE SUA TIRAGEM E MANCHETES.....	81
3.3 JORNAL ESCOLA ABERTA: A SINGULARIDADE DE CADA NÚMERO	84
4 JORNAL ESCOLA ABERTA: SUA ORGANICIDADE	99
4.1 EDITORIAIS: O QUE EXPRESSAM?	100
4.2 MANCHETES: O QUE REVELAM? QUE PREOCUPAÇÕES EVIDENCIAM?104	
4.3 ARTIGOS: QUAL O SEU CONTEÚDO?	111
5 BUSCA PELA INTEGRAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE	117
5.1 PROFETIZAÇÃO: CAMINHOS DO CONVENCIMENTO	134
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICES	157

MEMORIAL

Elegeu-se como ponto de partida para o desenvolvimento da reflexão acerca dos caminhos desenvolvidos na pesquisa o desejo de registrar a minha satisfação em fazer parte do curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá e, sobretudo, ser orientada pela Prof.^a Dr.^a Elaine Rodrigues, do Departamento de Fundamentos da Educação. Constituiu-se no desafio de articular meus “interesses e paixões” para a pesquisa aos conhecimentos e experiência de trabalho desenvolvido por ela.

A minha formação acadêmica teve início no curso de História concluído no ano de 2003, nesta mesma instituição. Especializei-me em Educação Especial pelo Instituto Paranaense de Educação – Faculdades Maringá, concluído no ano de 2005. E, a partir daí, o desejo de fazer o mestrado em educação transformou-se em objetivo.

O ponto de partida para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado foi por meio do processo seletivo de 2005. Iniciei no primeiro semestre de 2006, onde cursei a disciplina Educação Superior na Sociedade Contemporânea como aluna não-regular. Não fui aprovada no processo de seleção, dentro do limite das vagas, mas fiquei entusiasmada com o fato de poder estar aproximando-me do objetivo, qual seja, integrar oficialmente o curso de Mestrado em Educação. Meu projeto inicial estava diretamente ligado a meus interesses práticos, lecionava em duas escolas em cidades diferentes e, numa delas, trabalhava como professora de Classe Especial, e era nessa linha de pesquisa que desejava trabalhar.

A iniciação como aluna especial, possibilitou-me instrumentos teóricos e metodológicos para desenvolver melhor uma pesquisa e ainda ter clara consciência do grande desafio a que pretendia empreitar, sob o papel de pesquisadora. Faltavam-me requisitos, assim me percebia! Seria essencial ter

uma dedicação responsável e competente, aproveitando, portanto, todo aquele emaranhado de informações, conteúdos e teorias que se apresentavam. Desafios enfrentados, e passei a fazer parte do grupo de mestrandos desde o ano de 2007.

O processo de seleção para o mestrado interinstitucional MINTER UEM / FAFIJA ocorreu em julho de 2007, fui aprovada. Esta aprovação efetivou-se pouco mais tarde com a desistência de uma das candidatas, minha espera como suplente acabou. Ingressei no Curso de Mestrado em Educação duas semanas após o seu início¹.

Nesta nova fase de disciplinas no mestrado, foi imperativo redimensionar e ampliar meus conhecimentos. Para isso, foi preciso dedicação, esforço, empenho e, com certeza, a “paixão”, elementos que seriam essenciais para realizar minha apropriação teórica, que me daria suporte nas atividades de pesquisa.

A realidade de uma dissertação era certa, a questão muito preocupou. Meu projeto intentava adentrar a área de educação especial, entretanto não foi possível realizá-lo, a professora que me orientaria não pertencia à linha de pesquisa a qual tinha concorrido na seleção. Aluna mestranda em educação, etapa cumprida. Novos desafios surgiram e junto com minha orientadora procuramos estratégias de solução.

Registro aqui a importância que representaram as disciplinas cursadas e o papel desempenhado por nossos professores no intuito de melhor nos preparar, dando subsídios teórico-metodológicos não apenas para cumprir disciplinas em curso, mas, sobretudo, como pesquisadores. Esforço que se reflete no desenvolver do trabalho dissertativo.

¹ Nada importou ter entrado pelas portas da suplência, a alegria e o choro emocionado vieram num grau de surpresa e alívio que posso sentir até o presente momento.

PESQUISA: ADENTRANDO SEUS MUNDOS

Os novos desafios propostos pelo curso esclareceram-me, era preciso buscar responsabilidade, autonomia e, acima de tudo, maturidade intelectual. No decorrer do curso, com tantas leituras e intervenções dos professores, firmou-se o objetivo não de apenas ler a maior quantidade de livros e textos possíveis, mas, sim, o de instrumentalizar-me e encaminhar-me para a pesquisa. Foi preciso repensar a postura de aluno e passar a ser estudante, o desafio era aprender a produzir conhecimentos, reflexões e posicionamentos frente aos debates acadêmicos. Destaco que o ideal seria que isso ocorresse ainda na graduação.

O desafio de um bom trabalho acadêmico, sugere o professor Severino (2002), deve ser enfrentado evocando as responsabilidades que o estudante deve assumir quando aluno universitário, qual seja, o de aprender a pensar. Evidencia que, primordialmente, o ensino superior deve ensinar a pensar. Destaca os deveres que o estudante deve cumprir para ter um caminho de sucesso nos estudos.

Entendo que não é possível aos estudantes adquirirem uma competência científica, técnica ou profissional sem disciplinada vida de estudos; e, sem essa competência, não se concebe a compreensão do sentido político da própria formação nem a significação antropológica da educação. Tudo isso pressupõe grande amadurecimento que não se consegue por osmose, nem por meditação existencial ou por meios espontaneístas; pelo contrário, será dolorosa conquista, fruto de cansativo e persistente trabalho (SEVERINO, 2002).

Severino (2002) é preciso quando aborda a necessidade de desenvolvimento de um comportamento disciplinar para o estudante e o quanto é difícil chegar a esse amadurecimento, facilitador da produção intelectual. Sua falta pode revelar-se em situações corriqueiras no meio acadêmico, alunos mal preparados intelectualmente não têm bem formulados os conceitos, suportes teóricos que ajudam construir e desenrolar as exigências do mundo acadêmico. A ausência de conhecimentos resulta, por parte do aluno, na eleição de questionamentos ou temas secundários,

deixando de abordar adequadamente problemas e temáticas que poderiam ser pontualmente essenciais para atingir o objetivo, desta maneira, as produções revelam-se com aspecto de informação, haja vista sua superficialidade.

PESQUISA: DEFININDO UM TEMA, ELABORANDO UM PROBLEMA

Muito contribuiu minha graduação na área de História para encontrar os caminhos que permitiram o desenvolvimento do trabalho. Encontros e longas conversas com a professora orientadora foram necessários para a definição do “novo” trabalho de pesquisa. Os cadernos escolares, tomados como documentação escolar, procedimento que ganhou relevância a partir de década de 1980 no Brasil e que possibilita sua utilização como fonte para discussão dentro da “Cultura Escolar” como objeto de pesquisa, como tema para a História da Educação. Por meio do estudo desta temática, podemos conhecer os saberes escolares e seus agentes, a noção de disciplina escolar e as práticas por ela proposta, conhecer a escola, sua tradição pedagógica, as convenções culturais e como se faz a recriação permanente da cultura na escola.

Pretendia-se utilizar cadernos dos alunos de uma escola de Maringá, de uma determinada série. Depois de algum tempo de dedicação a esse projeto, o trabalho não pode ser iniciado, não foi autorizado o acesso a esses materiais escolares pela Secretaria de Educação de Maringá. Resolvemos iniciar outro projeto. A melhor opção, a qual me interessou, foi o trabalho com jornais produzidos pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, intitulado *Jornal Escola Aberta*. A partir de então, nosso trabalho desenvolveu-se numa corrida contra o tempo, mas de forma alguma fez com que nosso empenho fosse desmotivado por esses desacertos iniciais. Ao contrário, no contato e trabalho direto com os Jornais e as leituras feitas acerca de tal tema, foi suficiente para que o encanto e a curiosidade pelo tema me tomassem por completo.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a pesquisa em História da Educação tem crescido, de maneira significativa, devido ao alargamento de possibilidades de trabalho com outros temas e fontes para pesquisa além dos tradicionalmente usados. É nesta fase de ampliação que a *Imprensa Pedagógica* começa a ser tomada como fonte e valorizada pela condição que tem de rememorar um lugar e período histórico.

É fundamental destacarmos que o trabalho de posse dos documentos e a busca de verdades definitivas não fazem mais parte da preocupação do historiador nesta nova proposta. Não há mais certezas normativas quando leis e modelos determinam o social. A realidade do trabalho é com a dúvida, com a suspeita, pondo em questionamento as certezas de até então. Isso porque, nesta nova perspectiva de pesquisa, tudo o que foi contado até agora poderia ser contado de outra forma, várias versões narrativas e uma única fonte.

Nossa pesquisa tem como objeto de estudo a *Imprensa Pedagógica* oficial, veiculada no Paraná de 1980 a 1990. O *Jornal Escola Aberta*, da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, fonte trabalhada, configura-se, por meio de seus exemplares produzidos e publicados no período de 1986 a 1988, nossa fonte de pesquisa.

A fonte para nós não é entendida como uma maneira de ver e contar o passado exatamente como se expressa, como transparece em seu sentido exato no texto, porque, se assim o fizéssemos, sem questioná-la, sem diálogo, o que está escrito falaria por si só e o trabalho do historiador seria desnecessário. Pretendemos, por meio dela, ver além do que está impresso e visível. Para isso, é preciso um olhar curioso e atento, na busca de respostas ao problema evidenciado. É assim que pretendemos fazer o tempo todo. Sob este ponto de vista, levamos em consideração o que Certeau (1982) teoriza sobre como se interage com a fonte no trabalho do historiador, no labor, no diálogo e no contato direto.

A nossa fonte, o *Jornal Escola Aberta*, e também objeto de estudo é um exemplo de Imprensa Pedagógica, tomado como tema para a História da Educação no Estado do Paraná, mais especificamente, na Cidade de Curitiba durante a década de 1980. Com o estudo deste periódico, esperamos responder: o que a Imprensa Pedagógica pode revelar sobre a produção e a circulação de ideias acerca do que, oficialmente, pretendia-se para aquele fazer educacional?

Ao tomarmos este objeto de estudo tendo por base esta questão, estabelecemos como objetivo geral: Investigar a História da Educação no Paraná na década de 1980, por meio da descrição e análise de um periódico pedagógico, oficialmente publicado. E, mais especificamente, apresentar descritivamente exemplares do *Jornal Escola Aberta* como representativo da Imprensa Pedagógica oficial, em circulação no Paraná; e analisá-lo, tomando-o como estratégia de divulgação de ideias acerca dos direcionamentos oficiais para a educação municipal em Curitiba.

O caminho metodológico adotado para o desenvolvimento da pesquisa, em princípio, foi fazer a coleta e classificação dos conteúdos do *Jornal Escola Aberta*. Identificamos que estes se diferenciaram no processo de confecção de cada exemplar, cada um deles trazia uma temática diferente referente à educação. A maior parte dos editoriais, artigos e todas as demais seções do Jornal foram copiados na íntegra, outras em forma de fichamento, apontando algumas observações.

A cultura e as relações culturais vividas dentro da escola integram o universo social, mas não são completamente determinadas por ele, apresentam uma relativa autonomia. Ao entender a História da Educação, tomando como tema a Imprensa Pedagógica, define-se, para nós pesquisadores, o desafio de buscar o que está dito em meias palavras, o que não está impresso nas palavras de um Jornal. Por isso, destacamos, neste estudo, a leitura atenta, o debate, a pesquisa e a análise, o diálogo, enfim, o processo por meio do qual problematizamos os vestígios transformados em fonte.

Nas palavras de Bastos (1997), queremos registrar a relevância desse estudo e, sobretudo, pontuar como a Imprensa Pedagógica, figura de representação, tem poder de orientação intelectual e moral da comunidade em meio da qual circula. Isso porque, para muitos professores, este material pode se tornar o seu guia cotidiano educacional e escolar e pode ser considerado um auxílio real para que atue de forma positiva junto ao aluno. O Jornal pode ser um guia, um parâmetro não apenas aos professores, mas também àqueles que pertencem à comunidade escolar, em que sua atuação pedagógica pode ser direta ou indireta.

Destaca-se o registro de Bastos (1997) ao mencionar o lugar da Imprensa Pedagógica, o lugar de onde ela fala. Lugar esse que deve ser entendido pelo historiador da educação, dada a sua importância, torna-se indispensável para revelar o que se tem e se entende por educação num lugar e numa época.

O estudo do lugar da imprensa pedagógica no discurso social, as estratégias editoriais face aos fenômenos educacionais e sociais, revela-se rico de informações ao pesquisador, para o resgate do discurso pedagógico, das práticas educacionais, do cotidiano escolar, do grau de submissão dos professores aos programas e instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo docente, da força de inovação e de continuidade que representa das contradições do discurso (BASTOS, 1997, p.48).

Acreditamos que, no decorrer desta pesquisa, é possível delinear o contexto histórico da década de 1980 no Paraná pelo *Jornal Escola Aberta*. Temos consciência que se trata de uma representação de um momento e um lugar e, ao analisar seu conteúdo posteriormente, aprender o que esta representação silencia, quais os argumentos produzidos por ela para a aceitação e trabalho junto a uma nova proposta de educação.

A fonte utilizada como nosso objeto de pesquisa pode ser assim caracterizada: oito números do *Jornal Escola Aberta*, produzidos pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba; as edições tomadas como fontes foram publicadas entre os anos de 1986 e 1988; o período das publicações a que tivemos acesso é de três anos.

O Jornal apresenta, em todos os seus números, seções editoriais e artigos, outras variantes na organização dos exemplares, que se alteram de um número do Jornal para outro. Alguns dos artigos são textos que reproduzem discussões de eventos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação, escritos por redatores-membros da própria Secretaria de Educação, relatando as discussões realizadas em palestras de renomados professores e autores de livros. Há também trabalhos desenvolvidos sob a forma de reflexões e debates ocorridos entre os professores, por meio de um conteúdo teórico de interesse da Secretaria Municipal de Educação.

O objetivo do Jornal veiculado pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba seria, antes de tudo, um elo de comunicação entre o órgão oficial do município e a comunidade escolar. Comunidade esta formada por todos os integrantes da escola, professores, funcionários, alunos, pais e demais interessados. É possível percebermos nos Jornais um discurso democratizador. Naquele momento, empenhavam-se na implantação de um Currículo Básico para o município, por meio de uma nova metodologia e postura de trabalho para os professores, baseando-se na teoria da Pedagogia Histórico-Crítica, corrente nascente na década de 1980.

Foi demonstrado no decorrer de todos os números que há uma preocupação real em melhorar os índices educacionais e, com isso, reduzir a evasão e a repetência, mudando o foco dado à educação. O olhar volta-se aos menos favorecidos e, para fazê-los assíduos, tornava-se necessário que os conteúdos tivessem sentido e funcionalidade a esses alunos. Para isso, era preciso que se alterasse o currículo até então vigente para outro, o Currículo Básico.

O Departamento de Educação do município de Curitiba destacava, direta ou indiretamente, a importância de o professor ser um educador com postura crítica, cheio de consciência e se tornasse um “agente pedagógico”, visto que o pensar e o agir do meio educacional seriam determinantes para a democratização da escola. Essa nova postura, segundo a Secretaria Municipal de Educação de

Curitiba, garantiria poder cumprir sua função, transmitir um saber organizado, sistematizado e de qualidade e para todos. A Secretaria esclarece, de maneira mais contundente na edição de número 7 do tablóide, que a transformação não seria fácil e nem rápida, revelando-se, por vezes, pouco possível (CURITIBA, 1986a, p.1).

Depreendemos que o Jornal, por meio de seus autores, revelava motivos e inspirava confiança sobre as mudanças pretendidas. Oferecia em seus números um tema diferenciado, mas, em cada um deles, suas manchetes, editoriais e artigos repetiam as ideias de sempre. Com essa repetição constante, o leitor tanto pode acabar convencido pelo Jornal por meio de seus autores ou, então, se cansar de sua discussão, visto que número a número as discussões se alteravam, mas sempre na mesma proposta e tentativa de convencimento político-partidário, para estabelecer a confiança do professor e, assim, executar as propostas feitas pela Secretaria Municipal de Educação. O discurso por todo o Jornal é marcado por um otimismo político, por meio do qual pretendia-se adentrar nos muros da escola para instrumentalizar o aluno de forma competente para formar um cidadão consciente dinâmico no ambiente social.

Com a descrição que apresentaremos, esperamos propiciar ao leitor a possibilidade de apropriar-se, ainda que por meio de nosso olhar, da organização, dos propósitos e ideias com as quais a Secretaria Municipal de Educação “entrou” nas escolas municipais curitibanas. O texto é constituído de quadros comparativos, bem como das “tentativas” de diálogo, realizadas constantemente, ao apresentarmos as citações, para que possamos nos aproximar da linguagem que produz os Jornais, os quais muito têm a contar sobre a educação em Curitiba e também no Paraná.

Na análise conjunta das questões curriculares e da nova proposta teórico-metodológica que lhe dá suporte, está embutido um discurso democrático, que alinha-se com a proposta maior do governo que muitos poderia seduzir, já que expressões como Democracia e Cidadania agradariam a muitos cidadãos depois

do quadro político pelo qual o Brasil havia acabado de passar. Afirmamos que seduz a todos porque essas duas palavras estão em discursos há muito tempo e pouco se fez para que sua prática acontecesse, geralmente, elas são esquecidas quando os governantes são eleitos. No caso aqui mencionado, esse discurso se apresenta de maneira fortalecida quando seus atores políticos estão em plena atividade administrativa. Procurando sempre divulgar o seu trabalho e convencer e conquistar a confiança de todos, acende a esperança de que é alcançável a prática da cidadania por uma educação de qualidade e eficiente, por sua nova proposta educacional e democrática, na qual a educação seria, realmente, um direito de todos.

Para melhor compreender os conteúdos, as temáticas e as preocupações do grupo de professores que representava a Secretaria Municipal de Educação, apesar de não ser homogêneo, traz, por meio do *Jornal Escola Aberta*, consideramos ser importante fazer uma breve retomada do que o Partido do Movimento Democrata Brasileiro, em nível do país e Estado do Paraná, pensava na década de 1980. O prefeito da cidade de Curitiba, na época, foi eleito por tal legenda político partidária, o que integra, em grande parte, o encaminhamento do trabalho administrativo e do discurso por ele e sua equipe proferido. Entender a proposta que este Impresso Pedagógico sugere por seus objetivos, sua forma de apresentação, seu discurso e, em especial, para entender o porquê da proposta do jornal se fazer interessante naquele momento.

O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), como maior partido de oposição na época, mostrou-se expressivo nas eleições para governadores do Estado no ano de 1982. Elegeram os governadores dos Estados de São Paulo: Franco Montoro, Minas Gerais: Tancredo Neves, Paraná: José Richa, Goiás: Iris Resende. O diferencial deste partido se destacava, sobretudo, ao se colocar aberto ao diálogo com a sociedade, com os mais diferentes grupos e organizações, fossem eles de minorias religiosas, estudantis, sindicais ou outras. No discurso, este mesmo partido dispunha-se a discutir com as representações institucionais organizadas, com o objetivo de reverter a situação do sistema

educacional do país, que estava em crise e com problemas em todos os níveis de ensino.

Rodrigues (2002) observa como a educação passa a ser fundamental para o discurso que “pedia” democracia, proposto pelo partido do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, aprofundado pelo documento “Esperança e Mudança” de 1982. Sugeriu que a população tomasse para si o direito de uma educação igualitária e que oportunizasse aos estudantes reais condições de promover uma mudança no quadro social vivido por estes. Como estratégia de crescimento e fortalecimento da democracia, o ensino fundamental público deveria atender à criança na intenção de torná-la um cidadão ativo, no sentido de não apenas conhecer seus direitos, mas fazê-lo valer e expor suas vontades e inquietações políticas de forma organizada.

Referente ao Paraná, Rodrigues (2002, p.56) afirma que ele “[...] não ficou à margem desse caminho projetado pelo PMDB e desenvolveu ações, entendidas como auxílio, no processo de democratização do país”. A cidade de Curitiba também teve como elemento-chave de convencimento e de propostas a democracia, que representava a esperança de prosperidade econômica e social para o país. Ensinar e aprender com significado eram tarefa para a comunidade educacional.

O Paraná de 1980 deve ser entendido pela via da política de democratização, vinculada às mudanças que se pretendia para a educação. Para que isso ocorresse, era preciso que o fazer pedagógico, os projetos educacionais, a formação dos profissionais dessa área, bem como de seus educandos tomassem para si a aquisição desses ideais políticos, traduzidos na esperança de um “novo”, que poderia ser buscado em todos os setores da sociedade. A educação foi categorizada como aquela capaz de formar homens para a realização desse “novo”, comprometido com as melhorias sociais.

A educação assumia a responsabilidade para resolver todos os males. Os problemas eram explicados pela fragilidade do sistema educacional e político do país. O governo do Paraná assumiu essa bandeira, pretendendo incorporar a educação pela via democrática. Curitiba, como capital do Estado, não fez o trabalho de forma diferente. Menciona Rodrigues (2002, p.58) que “a Secretaria de Estado da Educação torna-se a secretaria mais importante do governo José Richa e a mais evidente no Governo Álvaro Dias. Naquela década, a educação era, mais uma vez, a grande vedete!”.

Levando-se em conta o contexto de redemocratização nacional, em específico o Estado de Paraná e a Secretaria Municipal de Educação de sua capital, foi desenvolvido este estudo. Segue um breve comentário de cada um dos capítulos, demarcando as preocupações que levou-nos a assim nomeá-los e, como consequência, elencarem os assuntos que, acreditamos, permitem explorar de forma mais completa o *Jornal Escola Aberta*, para trazer ao público sua possível contribuição para a História da Educação, sobretudo no Paraná. A apresentação dos resultados dos estudos foi organizada em cinco itens, sendo uma introdução e quatro capítulos.

O capítulo inicial, **A Imprensa Pedagógica: Tema e Objeto de Estudo**, apresenta um entendimento acerca do tema Imprensa Pedagógica, elencando as categorias representação, identidade social e apropriação, baseadas nos conhecimentos elaborados por Chartier (1990; 1996; 1999; 2002a; 2002b; 2007), que possibilitaram a compreensão das relações entre os “personagens” e ações empreendidas por estes. É apresentada, ainda, uma revisão bibliográfica, objetivando identificar o que se produziu no universo acadêmico/científico sobre o tema Imprensa Pedagógica.

O capítulo seguinte, ***Jornal Escola Aberta: sua Materialidade***, é uma descrição detalhada das seções que compõem o *Jornal Escola Aberta*. Nele, apresentamos as características físicas das fontes, divulgando ao conhecimento do público leitor noções de como se compõem as imagens (fotos e gravuras), como é estruturada

a tiragem de cada exemplar e a quantidade de páginas, itens que possibilitaram identificar o que há de diferente entre eles, ampliando o universo da problematização.

O penúltimo capítulo, ***Jornal Escola Aberta: sua Organicidade***, prioriza o conteúdo das manchetes, editoriais e artigos que dão organicidade ao periódico. Relatamos o que se evidenciam por meio dos artigos, as manchetes e os editoriais, objetivando responder: O que expressam os editoriais? Manchetes o que revelam e que preocupações evidenciam? Quais os conteúdos dos artigos?

Os jornais analisados no último capítulo, ***Busca pela Interação: Escola-Comunidade***, evidenciam a organização do trabalho pedagógico “exigido”. Essa exigência seria a base para a efetivação da proposta educacional “orquestrada” pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. Para sua análise, utilizamos duas outras categorias, táticas e estratégias.

Entendemos que a descrição, problematização e análise do *Jornal Escola Aberta*, embora seja um único exemplo da Imprensa Pedagógica Paranaense, contribuíram com as muitas Histórias Educativas a serem contadas no Paraná. As categorias elencadas para a análise auxiliaram e permitiram o entendimento de como foram estabelecidas as relações entre os “personagens” criados pela Imprensa Pedagógica e a própria configuração/identidade dos sujeitos da educação paranaense da década de 1980.

2 A IMPRENSA PEDAGÓGICA: TEMA E OBJETO DE ESTUDO

Atualmente a importância da imprensa¹, pedagógica ou não, trabalhada pela historiografia geral ou da educação, abre possibilidade à reconstrução da História. A imprensa utilizada como fonte anuncia discursos e expressões de diferentes protagonistas, possibilitando inferir características e problemas de uma dada época. Com base na leitura de Lopes e Galvão (2001), o uso de jornais e revistas como fonte na pesquisa historiográfica teve seu prestígio validado há mais tempo

¹ A Imprensa tem sido reconhecida e aceita como fonte e objeto na pesquisa e estudo da historiografia entre os pesquisadores brasileiros anteriormente ao seu uso da história da educação. O trabalho da História com a imprensa registra-se de modo mais evidente a partir das décadas de 1960 e 1970. A presença do Jornal como fonte para o trabalho historiográfico é parte das mudanças que se processaram no que tange à compreensão do que é documento e que pode ser considerado fonte no trabalho do historiador. O próprio entendimento da concepção de história foi reelaborado pela abertura a novas possibilidades de trabalho em relação ao uso de documentos para o trabalho historiográfico. A temática não aprofundada no momento, deve-se aos limites que a pesquisa nos impõe. Mas seu registro é feito de forma sintetizada para dar noção ao público leitor que, entre as décadas de 1960 e 1970, tais estudos e uso desse tipo de fonte e concepção de construção histórica por meio dela eram vistos com desconfiança e até desacreditados. Conforme Capelato (1988, p.13), “antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material valioso para o estudo de uma época. A imprensa registra, comenta, participa da história”. Destacamos, a seguir, alguns pesquisadores pioneiros no uso e estudo da imprensa como fonte, com a preocupação de que houvesse uma organização e sistematização dela para a história. O estudo da história da imprensa no Brasil foi feita por Nelson Werneck Sodré em 1966, já a compreensão da imprensa como fonte de pesquisa histórica, por Benedito Juarez Bahia em 1972. Maria Helena Rolim Capelato é citada pelo fato de ser historiadora e ter trabalhado por algum tempo na perspectiva de fazer uso da imprensa como fonte historiográfica. Sabemos que outros mereceriam ser destacados, mas não o faremos no limite que se impõe a esta pesquisa. É feita uma retomada sintética dos principais trabalhos destes pesquisadores por esse tema. Nas palavras de Sodré (1966), registra-se a história da imprensa, ressaltando-a em momentos políticos importantes do Brasil, aliada a subsídios históricos. O seu trabalho sobre imprensa abrange os períodos: regencial, imperial, republicano e contemporâneo. Mas é no período da independência que seu livro se expressa de forma mais rica. Benedito Juarez Bahia se constitui como teórico do jornalismo, sobretudo em obras como: “Três fases da Imprensa Brasileira”, editado pela editora Proença em início dos anos de 60, dedicado à história da imprensa no Brasil. Outro livro é “Jornal, História e Técnica”, publicado pelo Ministério da Educação na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1964, sendo este um livro de enfoque de técnicas jornalísticas, trata-se, na realidade, de uma obra didática. Por último, destacamos “Jornalismo, Informação e Comunicação”, publicado pela editora Martins no ano de 1971. Este livro foi posteriormente ampliado, sistematizado e publicado pela editora Ática, de acordo com os conhecimentos adquiridos pelo autor ao longo de sua carreira de 30 anos, preservando o mesmo nome da obra na década de 1990. Maria Helena Capelato, em seu texto “História da Imprensa no Brasil” de 1988, ajuda-nos em alguns momentos a entender a relação entre a História e a imprensa, registrando a importância do uso do Jornal como fonte para a historiografia. Por este breve relato sobre pesquisadores que usaram a imprensa para alguns de seus trabalhos, objetivamos registrar a sua importância desde a década de 1960, como fonte para o trabalho do historiador. Evidencia-se, com base nisso, que a Imprensa Pedagógica é valorizada pela História da Educação e, posteriormente, a imprensa de forma geral para a história.

na preferência dos pesquisadores da História. No caso da História da Educação, muitos têm se dedicado, desde a década de 1990, ao estudo dos impressos que circulam junto ao público escolar. O trabalho com a Imprensa Pedagógica, seja como fonte ou objeto de estudo, tem se tornado cada vez mais frequente e a análise de seus editoriais, cartas ao leitor e demais seções presentes no impresso são considerados fundamentais para enriquecer a História da Educação.

É perceptível que os estudos no uso da Imprensa Pedagógica como fonte avançaram muito no Brasil, sobretudo depois dos anos de 1990, haja vista o número de revistas, jornais e outros periódicos publicados com regularidade devido ao interesses educacional e pedagógico. A Imprensa Pedagógica como fonte é significativa para conhecer a organização pretendida para o universo escolar. Evidencia as diretrizes oficiais que a escola recebe, sendo passível de identificação os pontos de influência de outros setores sociais para com o sistema de ensino, registrado no impresso.

Para melhor definir o que classificamos como Impresso Pedagógico, não confundindo com os demais impressos que “entram” nas escolas e que não têm caráter e interesse pedagógico, apresentamos a seguinte caracterização:

A imprensa pedagógica – jornais, boletins, revistas, magazines, feita por professores e para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igreja – contém e oferece muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, as práticas educativas (BASTOS, 1997, p.49).

O trabalho com Impressos Pedagógicos não é propriamente uma novidade entre os historiadores da educação, mas não deve ser caracterizado como algo comum. Lopes e Galvão (2001, p.52) destacam o aumento progressivo dos trabalhos historiográficos com o uso da Imprensa Pedagógica a partir de 1990. Acreditamos que tal importância se deve à percepção dos historiadores sobre a potencialidade desse tipo de material para o reconhecimento do dia-a-dia na escola,

independente de seu tempo, apresentando elementos para que se façam reconhecer métodos de ensino, materiais didáticos utilizados, como acontecem relações interpessoais, quais conteúdos ensinados, quais os processos avaliativos, dentre outras possibilidades que esse material nos oferece. Semelhante ao mencionado pelas autoras citadas acima em relação aos periódicos e à Imprensa Pedagógica acerca do que revelam, destacamos argumentos, baseando-nos em outro renomado autor.

[...] a imprensa é o melhor meio para apreender a multiplicidade do campo educativo [...] revela múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc.), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo (NÓVOA, 1997, p.12-13).

Afirmam Lopes e Galvão (2001) que, ao trabalho do historiador da educação, não basta investigar o processo de transformação e organização da escola ao longo do tempo. Assim como não é suficiente estudar o que pensam e propunham “educadores ilustres” e nem a construção de conhecimentos históricos que se baseia apenas em documentação “institucionalizada”, aquelas que são representação oficial e que equivalem a um documento com ordens a serem acatadas. É necessário fazer uso de fontes que especifiquem as particularidades de cada realidade educacional em seu tempo e lugar.

Portanto, destacamos as potencialidades do impresso pedagógico que, tomado como fonte ou objeto, muito tem contribuído para tornar visíveis os desdobramentos que ocorrem no meio educacional, conforme os interesses dos “agentes” envolvidos. Assim, é importante

[...] a natureza da informação fornecida pela imprensa, que lhe concede um caráter único e insubstituível. [...] A imprensa é, talvez, o melhor meio para compreender as dificuldades de articulação entre a teoria e a prática: o senso comum que perpassa pelas páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a

partir dos diversos actores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições, etc.) (NÓVOA, 1997, p.13).

E para finalizar o raciocínio, argumenta sobre a função da imprensa em seu contexto:

[...] a imprensa é o lugar de uma afirmação em grupo e de uma permanente regulação coletiva, na medida em que “cada criador está sempre a ser julgado, seja pelo público, seja por outras revistas, seja pelos seus próprios companheiros de geração”. De facto, a leitura de um periódico apela sempre a debates e discussões, a polémicas e conflitos; mesmo quando é fruto de uma vontade individual, a controvérsia não deixa de estar presente, no diálogo com os leitores, nas reivindicações junto dos poderes públicos ou nos editoriais de abertura (NÓVOA, 1997, p.13).

Diante de possíveis debates e apontamentos como os mencionados nas citações anteriores, novas fontes, como a Imprensa Pedagógica e outras não valorizadas e ou utilizadas até então, tornaram-se “atrativas” para a historiografia em geral. As mudanças mencionadas foram engendradas primeiramente em debates internacionais e produzidas apenas no campo da história. Todavia houve um processo de questionamentos que deu início a uma significativa crise paradigmática, que se explica pelo esgotamento dos modelos explicativos maciçamente usados até então, modelo de um regime de explicações globalizadas, com aspiração a totalidade (LOPES; GALVÃO 2001; FONSECA, 2008; PESAVENTO, 2005; NUNES; CARVALHO, 1993). Destacamos que a possibilidade de utilizar a imprensa de modo diferente do que ocorria, foi resultado de mudanças de perspectiva de estudo e trabalho da História da Educação.

A Imprensa Pedagógica tem para Nóvoa (1997) poder revelador sobre a História da Educação de uma época. Concordamos com ele, porque, nos impressos do jornal analisado, aparecem questões relevantes do campo educacional que perpassaram a época compreendida pelos periódicos, as quais apresentamos na descrição das fontes no decorrer desta pesquisa.

É importante que tomemos a Imprensa Pedagógica em seus princípios, assim como outros tipos de materiais impressos, como aquela que veicula interesse de uma pessoa, uma instituição ou um grupo de pessoas com o objetivo de que sua mensagem seja incorporada. Desta forma, percebe-se que a Imprensa Pedagógica não divulga informações de forma imparcial e neutra, ao contrário, divulga aspirações, concepções políticas, ideológicas, apresenta necessidades e objetivos específicos de um grupo de pessoas.

A categoria na qual o nosso exemplar de Imprensa Pedagógica, o *Jornal Escola Aberta*, enquadra-se é a de periódicos para professores, publicado pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. O principal destinatário/leitor deste impresso eram os professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Este circulava representando os mais diversos objetivos, alguns deles escritos diretamente em suas páginas, outros explícitos em seus conteúdos, por meio dos quais podem se discutir, a exemplo do próprio jornal, os conceitos de apropriação, estratégia e tática, baseado em Chartier (1990; 1996; 1999a; 1999b; 2002a; 2002b; 2007) e Certeau (1982; 1994), entendendo que estes conceitos estão ligados à ideia de que pretendemos escrever a história, pelo uso do impresso, representado pelo *Jornal Escola Aberta*, sobre o cotidiano, os problemas e mudanças educacionais. Esses periódicos, de forma geral, objetivam enriquecer as práticas educacionais do dia-a-dia escolar, informando sobre os programas oficiais, discutindo problemas educacionais, condutas e posicionamentos dos professores em sala de aula. Sob tais perspectivas, será feita a análise de nosso objeto.

Destacamos algumas questões que consideramos relevantes por permitir que as pensemos como justificativas para publicação do periódico *Jornal Escola Aberta*. Os trabalhos desenvolvidos nos eventos, “patrocinados” pela Secretaria Municipal de Educação e que posteriormente o *Jornal Escola Aberta* elenca como temas para seus números, expressam os principais problemas educacionais que deveriam ser superados, como: Avaliação, Alfabetização, Livro Didático e Currículo Básico Municipal. Tais metas foram estabelecidas pelos ideais

democráticos, alavancadas pela administração municipal e estendidas como princípio para a construção da nova proposta educacional.

Os temas desenvolvidos nos eventos e jornais estavam de acordo com a proposta educacional pensada e elaborada pelo grupo de professores da Secretaria Municipal de Educação. Junto desses profissionais, havia a contribuição de outros “agentes” intelectuais² da época, para que lhes fosse dado suporte teórico ao trabalho com os professores da rede municipal de ensino curitibana, a fim de que os conteúdos fossem organizados e sistematizados de forma que o professor se qualificasse para a prática pedagógica pretendida.

Esse impresso, o jornal curitibano, abre possibilidade de compreender aquele momento histórico pelo seu conteúdo. Lembramos que a compreensão da história por esta fonte registra a concepção de um grupo representativo, revelando a compreensão destes no que tange à moral, à política, à cultura e ao social. Dessa forma, pensamos que esse trabalho de pesquisa e análise pode contribuir com a História da Educação, contribuindo para o entendimento do discurso e consequentemente das práticas desse grupo neste Jornal evidenciado.

O *Jornal Escola Aberta*, exemplar da Imprensa Pedagógica no Paraná da década de 1980, é objeto de relevância para compreender a dinâmica que engloba o processo histórico educacional do Estado do Paraná. O recurso impresso, que aqui salientamos apoiados na teoria de Chartier (2002b), é importante porque entendemos a imprensa como um agente histórico que intervém nos processos e episódios não como mero registro dos acontecimentos educacionais, mas sim como aquela que interage na conflituosa complexidade de um contexto histórico em um dado lugar.

2.1 REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE SOCIAL E APROPRIAÇÃO

² Nomes que podem ser visualizados no Quadro 2.

Falar de história, produzir história é algo que nos compromete a falar da condição do historiador. Acreditamos que devemos entender o trabalho/ofício do historiador relacionado a uma prática. Essa prática e ou ofício deve ser entendida pelo leitor como fruto de um lugar social, representada e registrada na escrita do historiador. Na pesquisa, temos compromisso com uma prática teórico-metodológica para o desenvolvimento do estudo da fonte e objeto escolhidos, permitindo conhecê-los em sua materialidade e organicidade, procedimento analítico e, posteriormente, a construção e o registro escrito da pesquisa.

Amparamo-nos em Certeau (1982, p.66) para afirmar que uma pesquisa não se faz fora de um lugar social, sem comprometer-se com as regras e metodologias que orientam o pesquisador e fazem-no repensar e ou readequar o seu trabalho. E acrescenta: “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural”. Continua a reflexão Certeau (1982, p.66) no sentido de que entendamos que, pode este lugar ser ou estar vinculado a uma das atividades sociais que o sujeito desenvolve, “[...] implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc.” Conclui que, para o historiador, “[...] é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea numa topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam” (CERTEAU, 1982, p.67).

Entendemos que este lugar de pertencimento é inerente a todos os indivíduos. Para cada um há especificidades conforme a localidade em que mora, a temporalidade vivida, a atividade profissional, social, religiosa, econômica e política em que está envolvido. Não poderia ser diferente com aqueles que são “personagens” da história, aqueles que estão presentes na pesquisa histórica trabalhada. Por assim dizer, entendemos que as pessoas se aproximam do contexto que lhes interessa ou que os aproxima de alguma forma, por alguma razão. Sendo assim, formam-se grupos compostos por afinidade, interesse ou atividade profissional. Podemos afirmar que a aproximação de pessoas para a formação de um grupo, na maioria das vezes, é feita por uma identificação entre eles, há uma Identificação Social, como apresenta-nos Chartier (2002a).

Os grupos unidos por tal Identificação Social possuem objetivos e metas que são coletivos, que lhes garantem unidade. Sendo assim, fortalecem-se pela representação³. O grupo formado luta em sociedade com outros grupos, igualmente formados, para o exercício da representação dentro do contexto que lhes é próprio. Os conceitos de Identidade Social e Representação são trabalhados para que possamos melhor evidenciar o “lugar” dos que se fazem representar no contexto educacional curitibano da década de 1980.

Representar socialmente, muitas vezes, faz-se pelo exercício de poder que pode ser financeiro, político, religioso ou social. Fica registrado que a representação não se realiza exclusivamente pela prática de poder que oficialmente está instituído, há representações em outros contextos que, historicamente, nem sempre foram expressivos socialmente, por exemplo, a organização de moradores, estudantes, dentre outros.

A maioria dos grupos para representar, utiliza algum tipo de exercício de poder em sociedade, como os mencionados acima. Estes geralmente são recursos não comuns a todos os indivíduos, que resulta na viabilidade de interesses, opiniões e entendimento de mundo em detrimento dos demais. Para garantir a permanência e possível hegemonia no poder, como nos parece ser o caso Paranaense, colocam-se como representantes do grupo o qual pertencem, professores municipais, e para isso usam de estratégias.

³ O conceito de representação utilizado nesta pesquisa é fruto de estudo feito pelo pesquisador francês Roger Chartier. Carvalho (2005) o destaca como integrante da terceira geração da Escola dos Annales, tendo uma trajetória acadêmica que abrange diferentes linhas de pesquisa, tais como: História das Instituições de Ensino e das Sociabilidades Intelectuais, uma segunda linha presente em todo o percurso de sua obra é a História do Livro, das práticas de leitura e da escrita, outra seria o debate entre política, cultura e cultura popular e, por último, como pesquisador atento ao ofício do historiador tanto em publicações como em seus trabalhos, é divulgador de uma Nova História Cultural. Chartier é Diretor na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris, e professor especializado em História das práticas culturais e história da leitura. Ele tem sido responsabilizado por uma reflexão teórica diferenciada, o que tem feito vários países no mundo publicar em suas obras. Seu estudo tem estimulado a produção científica em História Cultural e também tem renovado nas maneiras de ler e de se fazer história.

Como representantes, buscam estabelecer e manter uma identidade com o grupo que querem representar, garantindo pela aceitação dos demais a manutenção e ou hegemonia do poder. Com isso, aplicam ações que demandam uma resposta social que é esperada por seus representados. Dessa forma, pensamos que o grupo da Secretaria Municipal de Educação acreditava ou intencionava prevalecer em suas práticas junto aos representados, com o interesse em resolver em conjunto os problemas educacionais do município.

A representação, segundo Chartier (2002a), nem sempre se estabelece de maneira pacífica, possíveis conflitos podem acontecer, já que a luta pela representação interpreta, legitima e coloca em prática ações de formas diferenciadas para que a representação aconteça. No momento em que a representação se estabelece, outros grupos têm minimizado seu poder de influência sobre os demais, porque o foco volta-se para os que se expressam e põem em prática ações que contentam seus representados, ficando este mais evidenciado. A representação não é algo palpável, tem uma forma própria de instaurar-se, dependendo da apropriação dos representados aos propósitos, ações e discursos de seus representantes.

Chartier (2002a) explicita que há dois entendimentos para pensar a construção das Identidades Sociais. Uma é entendida pelas relações de força entre as representações impostas por quem detém o poder de classificar, nomear e a definição submetida ou resistente que cada um produz de si. A outra considera a formação do grupo como a tradução de crédito concedido da maioria do grupo que pertence, havendo assim o reconhecimento da sua existência se dá a partir de uma exibição de identidade.

Com base no entendimento acima sobre como se dá o processo de formação da identidade para ter o exercício da representação, apresentamos uma discussão do que observamos nos jornais. Acreditamos que poderemos exemplificar tais conceitos pelo *Jornal Escola Aberta* e, também, aproximar um pouco mais o leitor da fonte/objeto utilizada por nós.

Entendemos que a Identidade Social foi a primeira forma de articulação e organização da Secretaria Municipal de Educação para fazer-se representar com a intenção de ganhar a aceitação da comunidade escolar. Posteriormente, essa identidade foi anunciada pelo discurso do *Jornal Escola Aberta*, na intenção de representar os professores municipais de Curitiba, membros de um mesmo grupo e, por meio dele, propor as reformas educacionais que vislumbravam como necessárias. A identificação social, no caso desta pesquisa, deu-se pela profissão que exerciam, uma vez que todos eram indistintamente professores. A mobilização a qual submeteram-se os representados, apresenta-se nesse impresso paranaense. Também é possível elencar por meio dos oito exemplares do *Jornal*, os principais objetivos da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, que se instauravam como desafios a ser superados, a fim de melhorar a qualidade do ensino.

Dessa forma, os representantes objetivavam que todos se apropriassem, de forma idêntica, da maneira de pensar e agir frente às diferentes questões e problemas educacionais. O *Jornal Escola Aberta* tinha o propósito de manter comunicação com os professores no sentido de orientá-los às novas formas de pensar e fazer educação, direcionando os objetivos educacionais juntamente com os sociais. Um dos argumentos de convencimento da equipe da Secretaria Municipal de Ensino era que a proposta de educação deveria ser feita pelos princípios democráticos. Acreditavam e divulgavam que, se os propósitos e orientações fossem aceitos e trabalhados a “contento” pelo professorado curitibano, as transformações se estenderiam para o social, beneficiando a sociedade em geral pela via do educacional. Selecionamos um trecho do artigo intitulado “Ensinar e ensinar bem”, escrito por Gabardo (CURITIBA, 1987, p.3), em que a autora retrata a forma pela qual os professores eram chamados ao trabalho e à aceitação da nova proposta.

Nesse processo de amplas discussões, necessário se faz que a Associação do Magistério abrace conosco pela melhoria da qualidade do ensino, superando o estigma da escola incompetente. É necessário, também, que todos os que atuam

neste espaço empenhem-se na realização da função da educação escolar: ensinar e ensinar bem (CURITIBA, 1987, p.3).

Com base em nosso material de análise, oito exemplares do *Jornal Escola Aberta*, amparando-nos também em Chartier (2002a), dizemos que a Identidade Social necessita ser revalidada constantemente entre seus pares, porque, internamente ao grupo, observa-se a demarcação das funções conforme o cargo, trabalho e responsabilidade que desempenha cada profissional. O Jornal expressa que os professores eram os responsáveis para que as novas práticas educacionais propostas se concretizassem pelo bem educacional e social de Curitiba. Eram reforçadas não apenas a responsabilidade e valoração do professor no processo de mudança educacional, como sua co-responsabilidade no processo de construção e implantação do projeto educacional.

A partir do momento em que os profissionais foram “convidados” a participar de palestras, cursos, grupos de estudos, assembleias e projetos educacionais ligados à comunidade, percebemos que a intenção da Secretaria Municipal de Educação era fazer notar que havia a “participação ativa” de todos, independente de sua função, na construção de sua proposta educacional.

A preocupação que percebemos no discurso, é a intencionalidade de que “todos” vejam-se e ou estejam envolvidos no projeto educacional e que, por consequência, aceitem tais mudanças e nelas trabalhem. Acreditamos também que havia a intencionalidade de que os professores fossem porta-vozes da Secretaria Municipal de Educação e do projeto educacional a ser implantado, já que havia projetos e aulas que foram trabalhados junto à comunidade. O dito vê-se respaldado em jornais que relatam o trabalho de alguns professores que divulgavam os projetos e também o discurso da Secretaria Municipal de Educação à comunidade. Os projetos mencionados trabalhados estão presentes de forma organizada e evidente em dois dos oito jornais. O primeiro projeto tem o nome de “Mulher Educação e Sociedade”, no qual registra que se trata este do terceiro ano de sua existência. Neste Jornal, o tema é “O Brasil Está Cheio de Mulheres Guerreiras”, Jornal de Edição Especial, o editorial destaca algumas das

atividades em que a escola vai até a comunidade para com ela interagir pedagogicamente.

Entre essas atividades merecem destaque as entrevistas realizadas com mães, as redações sobre uma mulher da família, bem como desenhos, quadrinhos, debates, jornais murais, cartazes, jornais de alunos que tiveram como tema a questão das relações entre homens e mulheres. No total forma vinte e uma escolas municipais a participarem dos trabalhos. Este Jornal é a demonstração do empenho dos profissionais da Rede Municipal de Ensino e dos alunos, mostrando a todos nós um pouco do universo infantil. A leitura deste universo nos ensina a embarcar na utopia da igualdade entre homens e mulheres (CURITIBA, 1988e, p.2).

Outro número a apresentar projeto relacionado à escola/comunidade tem por tema “A Gincana da Memória”, registrado no *Jornal Escola Aberta*. O artigo “Memória da Gincana”, escrito por Roseli Boschilia, registra que este projeto está em sua terceira fase, que foi iniciada em 1983 com as escolas da Rede Municipal de Ensino. Especifica que tem o objetivo de conhecer, valorizar, preservar o patrimônio cultural da cidade de Curitiba, considerando não apenas o centro e os bairros tradicionais, mas sim a cidade de forma geral. Apresenta como meta a esse projeto:

Uma das principais metas do projeto é possibilitar o intercâmbio entre as crianças e adultos sobre o processo histórico cultural vivenciado ou conhecido pelos mais velhos (pais, avós, tios, vizinhos, etc.) e a partir do registro de informações coletados pelos alunos, fornecer subsídios aos professores e à própria comunidade e a outros interessados sobre a realidade do bairro. (CURITIBA, 1988d, p.2).

Por meio da leitura dos jornais, vemos evidenciado o esforço dos professores idealizadores/executores do projeto educacional, os representantes, para que os demais professores, os representados, percebam-se como integrantes ativos nas decisões educacionais. Tal identificação é necessária para que os professores sejam seus aliados e sintam-se pertencentes ao grupo. Para isso, idealizam e executam práticas que os coloquem como co-responsáveis pelo Projeto Pedagógico, que leva o nome de Projeto Político Pedagógico. Exemplo dessa

participação e também responsabilidade a ser exercida pelo professor se dá nos encontros promovidos pela Secretaria Municipal de Educação para: debate sobre e escolha o livro didático, debate para a construção do Currículo Básico do Município de Curitiba e também como fica o fazer do avaliar, tanto no processo avaliativo do aluno, como também na construção da avaliação em si. Pensamos que assim se fez a construção de Identidade Social deste grupo de professores internamente, colocando o grupo de professores representados com igualdade de responsabilidade no processo das mudanças na educação. A importância dada à “manutenção” dessa Identidade Social ao grupo que representava, aconteceu devido a sua representação estar ligada a vínculos políticos partidários, o que significa dizer que esses professores que representam a categoria de professores municipais curitibanos, naquele contexto, estavam em situação transitória e trabalhando para manter-se em exercício e “hegemonia” como representantes. Já os professores representados são em maior número e fazem carreira pública no magistério municipal de Curitiba, tendo cargos estáveis.

Os conceitos de Representação e Identidade Social são elementos importantes para considerar que o *Jornal Escola Aberta* foi uma prática estratégica do grupo representante para divulgação e compreensão do projeto educacional idealizado. Quem escrevia e organizava estes Jornais eram membros da equipe da Secretaria Municipal de Educação, que exerciam o poder de decisão na educação no município de Curitiba. O *Jornal Escola Aberta* torna-se instrumento e ou estratégia importante para fazer-se representar aos demais professores dessa Rede Municipal de Ensino, manter-se no exercício da representação e construir seu percurso de mudanças educacionais, como desejava o grupo representante da Secretaria.

Acreditamos que existiam mecanismos para facilitar a apropriação de todo o conjunto de mudanças por parte dos leitores, sobretudo dos professores. Mesmo tendo o *Jornal Escola Aberta* como estratégia, era necessário que se fizesse desse Jornal a “ferramenta” decisiva para a articulação e, por consequência, a apropriação de todas as mudanças e projetos por eles vislumbrados. Para isso,

sua utilização deveria ser feita de forma eficiente, é o que pretendemos mostrar mais adiante. Neste momento, pensamos ser necessário entender como utilizamos o conceito de Apropriação na pesquisa.

A Apropriação, conceito elaborado por Certeau (1982, 1994) e “emprestado” por Chartier em alguns de seus livros, acreditando contribuir para melhor entender os processos históricos da História da Leitura (1996, 1998e 1999) e da Escrita (2007 e 2002) e, ainda, para o entendimento do conceito de Representação quando este se faz presente por algum “recurso” impresso. O conceito de Apropriação que aqui nos referimos, baseado nos autores citados, indica ser uma forma de entendimento, uma forma de interpretação assumida pelo leitor, dentro dos possíveis “significados” que a leitura pode proporcionar. Contudo, há aqueles que preocupados com a forma de Apropriação dos seus leitores, buscam compreender formas possíveis de individualmente ou em grupo, possam estes leitores apropriar-se do texto lido e como essa apropriação aplicar-se-á à vida prática.

No momento da produção escrita do texto, há a preocupação do autor sobre a forma como seus leitores se apropriarão das informações que pretendem passar aos leitores e, como decorrência, se vão ou não aplicá-las em seu cotidiano.

Pautando-nos no mencionado, acreditamos que, mediante o conceito de Apropriação ligado às práticas da escrita do Jornal, é possível perceber as estratégias utilizadas por aqueles que escreviam e editoravam o *Jornal Escola Aberta*, a fim de que as informações e conteúdos por eles elencados no impresso fossem, de maneira satisfatória, interpretados, entendidos e aproveitados no cotidiano escolar conforme suas necessidades e objetivos.

Chartier (1996) alerta-nos que o autor de um texto, ou grupo que ele representa, pretende passar ao leitor a compreensão do assunto de acordo com o seu desejo ou entendimento. Quer dizer, ao escrever um texto, pensa-se na forma como o

leitor interpreta e lê, já que o esforço é para que o entendimento do texto esteja em consonância com a sua intenção. Esta prática configura-se como instruções conscientes ou inconscientes “incutidas” no leitor pelo texto. Sendo assim, o autor expressa-se com uma intencionalidade específica, ligada a seus interesses pessoais e ou de um grupo.

O leitor pode ter autonomia de interpretação ou apropriação pela leitura, o que fazemos aqui, à luz do entendimento de Chartier (1990, 1996, 1999a, 1999b, 2002a, 2002b, 2007) e Certeau (1982, 1994), é demonstrar que pode haver formas estratégicas a serem usadas na escrita de um material impresso. A construção de um texto e os significados que deseja ser “absorvidos” é numa “luta” constante, pois o autor pretende que o leitor estabeleça entendimento coerente com seu pensamento e ao grupo que pertence, esperando que dessa forma possa em seu cotidiano refleti-lo em suas ações, resultando, dessa maneira, na apropriação conforme o esperado pelo autor.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe permite impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada de limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (CHARTIER, 1999, p.77).

Entretanto, cada tipologia textual tem suas características, com uma ordem para seu discurso, dependendo de qual recurso impresso fará uso. Chartier (2002a) menciona que a cultura impressa, como a conhecemos, estabelece-se por diferentes objetos, como: livros, diários, revistas, jornais, cartas, documentos, etc. Uma vez que são categorias de textos produzidos de maneiras diferentes, porque cada uma destina-se a um público leitor diferenciado. Para estes objetos diferenciados, devem-se levar em consideração as peculiaridades e objetivos essenciais específicos para a sua produção, o autor escolhe o

recurso impresso que melhor possa atender ao conteúdo e discurso a ser utilizado.

Diante dessas considerações, podemos inferir que o Jornal foi a forma de comunicação escrita escolhida entre representantes e representados, evidenciando-se ainda, uma estratégia do grupo representante, tendo em vista as possibilidades oferecidas por esse recurso impresso na sua materialidade e organicidade. Em outras palavras dizemos que, a escolha do objeto de comunicação entre representantes e representados ser a tipologia textual Jornal, já pode indicar intencionalidade. Sabemos que o mesmo tem características que lhes são próprias e que podem ter contribuído na sua escolha como recurso de comunicação entre os educadores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba e os demais professores.

Esclarece Chartier (1996, p.97) que o estudo dos impressos deve ser feito cuidadosamente, haja vista que, em sua apresentação e ou aparência “material”, há muitos detalhes a serem observados e considerados. O primeiro deles, na tentativa de melhor esclarecê-lo, é a sua materialidade e, em seguida, a organicidade do material escrito.

Por materialidade, entendemos aquilo que pode ser visto e palpável no contato com a fonte. Sendo assim, para desenvolver este trabalho, é necessária a descrição material e organizacional da fonte. Por organicidade⁴, podemos

⁴ Neste momento, entendemos haver também uma intencionalidade, trata-se de uma estratégia, uma vez que todo material é organizado de forma que o leitor seja convencido e que a sua interpretação seja segundo os interesses do autor e, no caso dos jornais, dos editores também. Por isso a organização do material é considerada importante, para que a leitura seja feita e que o leitor “alcance” o sentido desejado pelo autor e editor. Sendo assim, entendemos que o *Jornal Escola Aberta* apresenta a preocupação de organizar e sequenciar os temas dos jornais de forma que o grupo representante e toda a proposta pedagógica seja aceita e entendida. Consideramos ainda que, se a maioria dos Jornais é fruto de encontros presenciais com os professores, como cursos, palestras e outros, a necessidade de registrar nos jornais o mesmo conteúdo expressava a intenção de que o conteúdo fosse realmente entendido. Para isso, a articulação da escrita foi feita de maneira simplificada, sendo de fácil entendimento, proporcionando a todos uma possível interpretação dos assuntos de forma adequada, já que esse tipo de material (o Jornal) “permite” sua leitura em qualquer ambiente e situação de leitura, podendo ser compreendido o assunto por qualquer pessoa e ou grau de escolaridade.

entender como a fonte escrita estrutura-se e organiza-se internamente. Tal estrutura e sequência preocupam-se em contribuir para um melhor entendimento do texto, facilitando a interpretação/apropriação do leitor. Sabemos que tal atividade em jornais, geralmente, fica sob a responsabilidade do editor. Sobre isso, Chartier (1996, p.97) assevera: “[...] porque examina um material em que a organização tipográfica traduz, claramente, uma intenção editorial e porque pode revelar a marca, no próprio objeto, das maneiras populares de ler”.

A materialidade da fonte diferencia-se em seus discursos, visto que cada um tem, historicamente, a direção que o discurso deve tomar, usando o conhecimento e ou a percepção das características de cada modalidade de impresso. De acordo com o que já vínhamos discutindo, complementa Chartier (1996), que a escolha do objeto impresso a ser utilizado deve ser levado em consideração, pois há na escolha do recurso impresso a ser utilizado uma ou mais características discursivas mais apropriada ao público que se destina e ao conteúdo que se quer publicar. Desse modo, existe a intencionalidade do autor de escrever o texto direcionando o leitor a uma apropriação desejada. Sendo assim, desde o primeiro momento, na escolha do objeto que irá veicular suas ideias, há a preocupação com a Apropriação do conteúdo do leitor. A análise de qual dos recursos impressos é o mais pertinente às competências de seu público leitor também é algo significativo na escolha do recurso impresso, juntamente com a função que se espera que este material cumpra junto a seu público leitor. Um exemplo que poderíamos supor é que um sentido, uma escrita e objetivos diferenciados poderiam ocorrer caso a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba optasse por outra modalidade de comunicação com os professores da rede, como a carta ou o panfleto. Sendo assim, o exposto acima está em conformidade com Chartier (2002a) quando entende que

O “mesmo” texto, fixo em sua letra, não é o “mesmo” se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação. De onde, a importância reconquistada no campo de estudos literários pelas disciplinas cujo objeto é justamente descrição rigorosa das formas materiais que sustentam os textos: paleografia, bibliografia e estudos de manuscritos (CHARTIER, 2002a, p.256).

Como se pode observar em Chartier (2002a, p.256), a materialidade dos textos, no sentido da intencionalidade de levar o leitor a uma apropriação dos fatos e ideias de forma “dirigida”, está ligada a uma construção de significação dos textos nas formas em que se apresentam para ler, ouvir e ver.

Um primeiro aspecto que podemos supor como decisivo para a escolha da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba ser a materialidade impressa do Jornal como vínculo de comunicação entre eles e os professores, é porque este seria uma opção impressa no qual o espaço não é pré-determinado quanto ao número de páginas, pois o registro dos conteúdos poderiam ser maiores ou menores de acordo com a necessidade de cada edição⁵.

Um outro aspecto determinante para escolha do Jornal seria porque eles, em geral, têm conteúdos informativos e formativos, como aconteceu também no *Jornal Escola Aberta*. Os conteúdos formativos, no caso do Jornal aqui estudado, foram escolhidos de acordo com a necessidade dos conteúdos que contribuiriam para a formação do professorado, adequando-se à proposta educacional. Quanto ao conteúdo informativo, ele se limita a apresentar ao leitor o que já havia sido feito e o que estava por fazer na administração municipal naquele contexto, marcando forte a presença de um discurso sobre a atuação político-partidária do grupo em exercício de representação, desenvolvendo argumentação político/econômico/partidário. Desta maneira, posicionavam-se eficazmente frente ao grupo que representavam. A impressão que temos, pela leitura dos oito exemplares do Jornal, é de que as informações estavam, na maior parte das vezes, divulgando positivamente o trabalho do prefeito, promovendo uma propaganda político/partidário/pessoal. Por último, destacamos que o Jornal dispõe de um orçamento não exageradamente dispendioso, diante do espaço necessário para que a Secretaria Municipal de Educação conseguisse propor, convencer, preparar e informar o professorado pelo uso do impresso *Jornal Escola Aberta*.

⁵ Tal oscilação na quantidade de páginas pode ser observada no Quadro 4.

Chartier (2002b) alerta que há também uma intencionalidade dirigida nos impressos no trabalho do editor, objetivando a apropriação conforme seus objetivos. No *Jornal Escola Aberta*, o papel de editor⁶ e de quem escreve não se faz tão diferenciado, já que todos os membros representantes participavam ativamente na elaboração do projeto educacional e, por meio de artigos, cartas, sugestões de leituras e outros, expressavam, igualmente, a concepção educacional e o discurso político da Secretaria Municipal de Educação e por isso não acreditamos que houve grandes recortes/cortes nos escritos seja em artigos ou editoriais. O espaço que pode contrapor o que dissemos estaria nos textos escritos por “convidados”, conforme os conteúdos de suas palestras e ou cursos ministrados. Estes, possivelmente, poderiam sofrer alguma alteração por seus editores. Mas isso é algo que não foi registrado pelo Jornal e não há nenhuma evidência que faça transparecer essa nossa suposição.

Os textos impressos para o estudo da história, mencionado por Chartier (2002b), são os mesmos para todos os que dele fazem uso, independente de “classificação” social, cultural, religiosa e situação econômica. Todavia a diferença se faz presente na forma de como cada leitor vai estabelecer entendimento sobre o que está escrito no impresso e o diálogo que estabelecerá com o seu vivido, com a sua realidade e na forma como pode ou não incorporar sobre o que leu no seu cotidiano. Em suma, o texto pode ter significado diferenciado a cada leitor, quer dizer, cada leitor ou grupo pode apropriar-se do conteúdo do texto de forma diferenciada. Tendo isso em vista, explica-se a preocupação com a Identidade Social a ser formada no grupo para que objetivos, metas, linha de pensamentos e outros sejam aproximados, buscando facilitar a Apropriação de todos pelos conteúdos elencados e escritos, levando ao convencimento e à aceitação do grupo a representação. A passagem abaixo define, em contornos gerais, o conceito de Apropriação:

A apropriação tal como entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os

⁶ Conforme pode ser visto no Quadro 1.

produzem. Dar assim atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção do sentido (na relação de leitura e também em muitas outras) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, quer sejam filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas nas discontinuidades das trajetórias históricas (CHARTIER, 1990, p.26-27).

O objetivo da Apropriação é construir o que poderíamos entender como uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais, que são o social, o institucional e o cultural. Chartier (1990), “dialogando” com Certeau (1994), aponta a Apropriação como tensão principal ao permear a Representação, porque, ao apropriar-se das ideias e propostas, a Representação faz-se acontecer.

2.2 REVISANDO A BIBLIOGRAFIA

Diante da necessidade de fazer um “mapeamento” do que tem sido pesquisado e, conseqüentemente, publicado sobre a Imprensa Pedagógica no Paraná, percebemos que este é um tema de estudo da História da Educação com poucas publicações, mesmo em contexto nacional. Acreditamos que tal escassez explica-se pelo recente crescimento do interesse e estudo dos pesquisadores para a área da História da Educação e, mais recente ainda, a pesquisa sobre Imprensa Pedagógica. Desta forma, desenvolveremos um breve estudo do percurso da História da Educação a partir da década de 1980 no Brasil.

Desde o início da década de 1980, há um significativo aumento de publicações na área da História da Educação. Lopes e Galvão (2001) justificam tal fato devido à multiplicação de grupos de pesquisa, associações, periódicos especializados, publicação de livros, programas de pós-graduação no Brasil e pesquisas no exterior. Toda essa mobilização acadêmica faz divulgar e impulsionar o interesse dos pesquisadores por esta área de conhecimento. Esse processo, ainda em

crescimento, é importante no sentido de estar contribuindo para a construção da memória e do conhecimento educacional e escolar no contexto brasileiro.

Lopes e Galvão (2001) referem-se à década de 1980 como um marco para a História da Educação. É neste momento que o educacional se aproximou mais da História e afastou-se da Filosofia da Educação, deixando para trás o tempo em que esta, junto à História da Educação, nas palavras Neves (2009, p.19), “[...] obscureceu os contornos, os limites fronteiriços entre elas”. Segundo a autora, esse distanciamento proporcionou a minimização de certos procedimentos característicos da Filosofia, aproximando-se da investigação histórica. A História da Educação confirma-se como campo autônomo, afastado da Filosofia da Educação e não de todo consolidado no seio da Pedagogia, mas com contribuições significativas junto à História. Portanto, o trabalho mais aproximado com a História contribuiu com o campo teórico na década de 1980, ganhando mais fôlego e influência para consolidar-se na década de 1990.

Este movimento para a consolidação e reconhecimento da História da Educação como campo disciplinar de estudos e pesquisas com contornos próprios se dá nos espaços acadêmico-científicos criados para a sua discussão, como é o caso das principais comunidades interpretativas da educação e as revistas de História da Educação.

Neves (2009) cita como espaço significativo para “discutir” História da Educação o Grupo de Trabalho da Educação na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd, organizado em 1984, podendo ser considerado como um dos principais fóruns acadêmicos da área. Em 1986, sob a coordenação de Dermeval Saviani na UNICAMP, estruturou-se o Grupo de Estudos “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR, que já adquiriu reconhecimento nacional. A partir daí, é possível observar que, no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, muitos são os trabalhos em História da Educação e das mais diferentes regiões do país. Tem-se constituído no país uma comunidade de historiadores da

educação que se encontram regularmente nos eventos, seminários e congressos realizados, dos quais destacamos o Congresso Brasileiro de História da Educação, que acontece de dois em dois anos desde 1999.

Encontros de caráter internacional também são relatados por Neves (2009), considerando sua relevância, dentre eles estão: o Congresso Ibero-Americano da História da Educação Latino-Americana, ocorrendo desde 1992, e o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, desde 1996. Com o propósito de divulgar os trabalhos na área, foram criadas revistas especializadas em História da Educação, como a mantida pela Associação Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação/ASPHE e a outra sob responsabilidade da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE. Por todo o mencionado, acreditamos estar justificado o porquê da escolha de comunidades interpretativas para fazer-se saber o que há de produção acadêmico-científica sobre a Imprensa Pedagógica.

Sabemos que o processo de consolidação da História da Educação está relatado de forma breve e sintética, mas a intenção é apenas dar noção ao leitor de como as décadas de 1980 e 1990, no Brasil, foram importantes para o desenvolvimento e “popularidade” da História da Educação no meio acadêmico.

Todo esse percurso de relevância que a História da Educação construiu e ainda está construindo em relação à historiografia pode ser encontrado em Lopes e Galvão (2001). Elas esclarecem que, por meio dos princípios teóricos da denominada Nova História Cultural, oferecem opções teórico-metodológicas enriquecedoras, ampliando algumas matrizes teóricas, alargando a concepção de documento e fonte histórica. Por contribuição do trabalho de historiadores da cultura, foi possível trazer os impressos, revistas e os periódicos como fontes que privilegiam o conhecimento para a construção da História da Educação. Destacamos esse fato para demarcar a origem dos pesquisadores que contribuíram para que o trabalho de pesquisa com materiais mais próximos da realidade escolar fosse possível. No nosso caso, o *Jornal Escola Aberta*, impresso pedagógico, aproximou-nos das propostas pedagógicas da década de

1980 em Curitiba, possibilitando o entendimento das ideias pedagógicas que circulavam neste contexto, por meio de um Jornal oficial, elaborado e publicado para seus professores, com “cara” de um jornal informativo e de aproximação entre representados e representantes. Podendo, dessa forma, contribuir com a História da Educação, sobretudo do Paraná.

Esclarecemos que o período estudado é de 1986 a 1988, quando a nossa fonte, o *Jornal Escola Aberta*, exemplar da Imprensa Pedagógica no Paraná, foi publicada na cidade de Curitiba pela Secretaria Municipal de Educação. Mas, ao estabelecer a Imprensa Pedagógica como tema, exigiu um trabalho em perspectiva temporal maior, abrangendo as décadas de 1980 e 1990, já que é nessa época que são publicados os primeiros trabalhos sob este tema.

Um trabalho a ser destacado, devido à sua relevância e pelo fato de ser um dos primeiros trabalhos no Brasil sobre Imprensa Periódica Educacional, enquadrando-se no processo de reconhecimento do estudo e pesquisa da História da Educação por novas fontes e objetos em nosso país, é o das autoras brasileiras Catani e Bastos (1997), com a publicação do livro “Educação em Revista”. As autoras usam uma nova “opção” de trabalho para o historiador da educação, o livro é uma coletânea de artigos que discutem exclusivamente a Imprensa Periódica Educacional e a História da Educação. Assim justificam a produção do livro na sua apresentação:

Este livro nasceu da necessidade de divulgar pesquisas de estudiosos da História da Educação no Brasil e no exterior, que têm privilegiado como fonte a imprensa periódica educacional. Com a preocupação de avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas e as práticas educativas, a imprensa periódica educacional – feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições (sindicatos, partidos políticos, associações e igreja), contém e oferece muitos dados básicos para a compreensão da História da Educação e do Ensino (CATANI; BASTOS, 1997, p.5).

Diante do mencionado pelas autoras, fica claro o destaque que tal obra adquiriu na década de 1990. Porque, além de proporcionar a divulgação dos trabalhos de diversos pesquisadores nacionais e internacionais referentes à História da Educação, abre oportunidade para “adentrar” em conhecimentos e preocupações daquele momento pela escola e por aqueles que com ela se relacionam. Sendo assim, o estudo pela Imprensa Periódica Educacional oportuniza, segundo Catani e Bastos (1997), avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas e as práticas educativas.

O trabalho das autoras, a partir do livro citado, coloca o tema da Imprensa Periódica Educacional nos principais debates nacionais e internacionais, motivando outros pesquisadores a olharem para a mesma perspectiva como uma nova opção de trabalho ao historiador da educação, levando em conta a novidade do tema e da fonte. Sendo assim, entende-se a importância delas para a década de 1990. O uso de tema não é garantia que trabalhos relacionados a pesquisas da Imprensa Pedagógica (que referem-se aos cuidados específicos em seus conteúdos voltados à “orientação” dos professores e demais integrantes da comunidade escolar) sejam amplamente trabalhados na História da Educação, como pode-se observar no levantamento descrito a seguir.

Ante a necessidade de encontrar materiais para saber o que tem sido produzido sobre Imprensa Pedagógica no Paraná e também no Brasil, pesquisamos nos principais *sites* das comunidades interpretativas da Educação (as mesmas mencionadas anteriormente como divulgadoras e propulsoras da História da Educação desde a década de 1980), como é o caso: História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Com este reconhecimento bibliográfico, podemos perceber a escassez de materiais relativos ao tema Imprensa Pedagógica, especialmente quando se trata do Estado do Paraná.

Nas revistas *online* do *site* História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEBR), das trinta disponíveis no período de setembro de 2000 a junho de 2008, entre artigos, resenhas, documentos e resumos, existe pouco material publicado sobre Imprensa. Mais raro ainda é encontrar publicações que versem sobre Imprensa Pedagógica. A seguir, registramos os trabalhos encontrados nessas revistas.

Encontramos um artigo de Araújo (2002) que trabalha o tema Imprensa como atuante no processo de educação do homem. Menciona o aproveitamento da imprensa como divulgadora da cultura, retrata seu valor e relevância, dando credibilidade aos impressos, justificando que a imprensa contribui para o progresso, inclusive da educação. Este artigo não trata da Imprensa Pedagógica com exclusividade, mas sim de imprensa num contexto geral.

Há também um relato sobre os primeiros jornais de Irati, produzido por Zanlorenzi e Nascimento (2005). Pretendem compreender qual o discurso de educação veiculado por esse meio de comunicação destinado a todos os cidadãos. Os idealizadores do folhetim foram motivados pela falta de informações sobre a educação desse município na Primeira República, mas pouco conteúdo sobre educação encontra-se registrado nele. Portanto, o impresso, neste estudo, torna-se pedagógico pelo seu uso e não por seu conteúdo ou sua produção. O Jornal utilizado na pesquisa Zanlorenzi e Nascimento (2005) não é pedagógico, é um impresso de circulação periódica destinado a todos que por ele pudessem ter interesse de leitura. Sendo assim, os assuntos abordados por este Jornal têm informações variadas, não trazendo, especificamente, assuntos pedagógicos e educacionais. Os autores, no estudo deste como fonte, trabalham a perspectiva educacional num impresso que não é pedagógico.

O trabalho com a Imprensa portuguesa de educação e ensino é apresentado por Pintassilgo (2006) em uma das revistas História, Sociedade e Educação no Brasil. Neste estudo, analisa o debate sobre educação popular e, em específico, as universidades populares no periódico “A vida portuguesa” de 1912 a 1915, publicada na fase inicial da República portuguesa. Relaciona a intervenção de intelectuais no campo educativo com o desenvolvimento de projetos na área de

educação e ensino como um “local” de informação privilegiada. Assume o estudo desta revista para melhor compreender a temática veiculada a respeito da educação popular. Trata-se de estudo sobre um Impresso Pedagógico, diferentes das demais pesquisas mencionadas até então, que fala de imprensa de forma geral.

Zanlorenzi (2006), em outra publicação de edição diferente, faz um resumo de sua dissertação de mestrado, com o título “Irati: Imprensa e Educação (1954-1959)”. O estudo teve por objetivo analisar a relação entre estado e educação por meio dos artigos publicados no Jornal acima mencionado. Investigou como o Jornal expressa-se sobre a educação e também debate as veiculações ideológicas presentes nas matérias do Jornal que visam discutir o tema educação.

Na mesma revista em que havia o resumo acima registrado, há um artigo que leva o título “As manifestações do Positivismo e do Liberalismo no Pensamento Educacional da Imprensa de Uberabinha-MG (1907-1942)” de Carvalho e Carvalho (2006). Analisam as concepções de educação que se fizeram presentes nos jornais que circulavam em Uberabinha/ Uberlândia-MG, durante a Primeira República e o Período Vargas (1930-1945). Os jornais usados foram: O Estado de Goiaz, A Tribuna, Triângulo Mineiro, O Progresso e Jornal de Uberlândia. São jornais de grande circulação, não se enquadram no trabalho específico com Impressos Pedagógicos.

O quinto artigo, escrito por Melo e Machado (2007), tem como título “Rui Barbosa: Estado, Educação na Imprensa de 1889”. Discute a concepção de Rui Barbosa entre os anos de 1849 e 1923 acerca do papel do Estado e da Educação para o desenvolvimento da sociedade brasileira, conforme os escritos jornalísticos editados em 1889, no Jornal “Diário de Notícias” do Rio de Janeiro. O estudo faz no uso de um Jornal da grande imprensa, não se trata de um Impresso Pedagógico.

O sexto e último artigo que encontramos nessas revistas *online* e que trabalha o tema Imprensa, é de Lucena e Silva Neto (2007), com o título “Imprensa e

Educação: um estudo sobre o pensamento educacional uberlandense”, utilizando o Jornal “A Tribuna” (1930-1942). Analisa a educação em Uberlândia, por meio da imprensa uberlandense. Faz reflexões entre a educação no contexto daquele município e as transformações do capitalismo monopolista evidenciadas naquele momento. Com este estudo, o objetivo era recuperar o pensamento educacional do período, problematizando as rupturas e continuidades na educação pelo uso do Jornal “A Tribuna” da grande imprensa na época. No entanto, trata-se de estudo voltado à educação com o uso de fontes por impressos não pedagógicos.

Revisamos todos os anais do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação e foi somente no VI Congresso: Percursos e Desafios da Pesquisa e de Ensino da História da Educação, realizado em Uberlândia, Minas Gerais, em abril de 2006, que encontramos um tema e um espaço mais aproximado ao nosso. O texto, escrito por Gonçalves (2006), apresenta o título “A Educação na Imprensa: Ponta Grossa (1913-1930)”, toma como objeto de estudo o Jornal “Diário dos Campos”. Dedicar-se à compreensão dos interesses sobre a educação, levando em consideração as transformações, concepções e o papel dado à educação pela sociedade, da qual o Jornal coloca-se como porta-voz. O estudo destaca os registros do Jornal sobre o pouco apoio governamental dado à educação, condena o analfabetismo que gira em torno de 75% em Ponta Grossa, critica a pouca preocupação das autoridades municipais com a educação e enaltece a boa vontade dos professores que se esforçam por uma melhor educação. Destacamos que o estudo de Gonçalves (2006) faz parte do mote de estudos que tratam da educação pela grande imprensa e não pela Imprensa Pedagógica.

Procuramos também materiais, publicados acerca do tema Imprensa Pedagógica, no site da Associação Nacional de História – ANPUH⁷, devido o respeito e relevância dos profissionais da História por essa organização, portanto, fundamental saber o que se tem produzido na historiografia sobre o nosso tema. Nessa busca, encontramos um artigo que nos deu informações do tema Imprensa

⁷ A atual ANPUH, em 1961, ano de sua fundação em Marília - São Paulo tinha por nome “Associação Nacional de Professores Universitários de História”, isso em nível de graduação e pós-graduação. Aos poucos, a associação foi incorporada por professores historiadores do ensino médio e fundamental. Apenas em 1993, o nome é alterado para Associação Nacional de História. A ANPUH, a cada dois anos, realiza o Simpósio Nacional de História.

Pedagógica e Impressos Periódicos, assim como os principais autores que empreenderam trabalho no uso de fontes periódicas educacionais.

O artigo de Ramos (2005) consta na publicação dos anais do XXIII Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História realizado em 2005. Há breve consideração sobre os primeiros trabalhos publicados com o tema Periódicos Educacionais. É um importante levantamento feito pela autora, que informa sobre os trabalhos empreendidos por pesquisadores de forma pioneira em contexto internacional. Os autores citados são Maurits de Vroede, que estudou revistas da Bélgica nos séculos XIX e XX, publicado no ano de 1987. Na França, destaca Pierre Caspard, que pesquisou revistas francesas do século XVIII até 1940, estudo esse de 1988. George Chiosso trabalhou com revistas italianas da segunda metade do século XVIII, publicando sua pesquisa em 1992. António Nóvoa abraçou o ensino e a imprensa em Portugal, nos séculos XIX e XX, e os resultados foram publicados em 1993. Desta forma, a autora nos apresenta os trabalhos pioneiros sobre periódicos educacionais como fonte para a História da Educação. Os autores que Ramos (2005) menciona em seu artigo contribuíram para uma melhor divulgação dos Impressos Periódicos Educacionais, oportunizando possibilidades de maior acesso aos estudiosos e de forma organizada, uma vez que os trabalhos dos referenciados pesquisadores internacionais são de catalogação, descrição e classificação das fontes.

Em seguida, Ramos (2005) destaca pesquisadores brasileiros pioneiros no uso do periódico educacional como fonte: Marisa Duarte publicou, em 1988, a análise da Revista Educando da Associação dos Professores Primários do Estado de Minas Gerais de 1940 a 1945; Denice Bárbara Catani escreveu sua tese de doutorado sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do professorado público de São Paulo em 1989 e Raquel Pereira Gandini em 1990, pesquisa feita para sua tese de doutorado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos de 1944 a 1952. Todas as fontes utilizadas nesses estudos são revistas periódicas educacionais. De acordo com a pesquisa que fizemos no *site* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), desde a 16ª reunião de 1993 até

a 30ª do ano de 1997, apenas quinze trabalhos sobre periódicos foram publicados. Percebe-se que, dentre estes materiais, a maioria dos estudos volta-se para materiais oficiais, de associações ou órgãos governamentais. Os trabalhos se limitam a enumerar classificação, tiragens, temas mais trabalhados, descrição e ciclo de vida, ou destacam o discurso proferido pelo Estado.

Na Revista Brasileira de Educação, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, disponível online, de set./out./nov./dez. de 1995 até o n.37 de jan./abr. de 2008, apenas uma resenha, sob o tema Impresso e Educação, foi encontrada na Revista de n.34, jan./abr. de 2007. A resenha foi feita por Bastos (2007), com o título “A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França”, informa que oito volumes com 3.741 periódicos foram colocados em ordem alfabética, divididos em dois blocos. O primeiro deles sob a direção de Pierre Caspard e demais colaboradores, constituído de quatro volumes e realizado entre os anos de 1981 a 1991, analisa e indexa 2.500 revistas editadas de 1768 a 1940. O segundo conjunto, sob direção de Penélope Caspard-Karydis e outros colaboradores, publicado entre 2000 e 2005, faz censo de mais de 1.200 títulos que falam sobre educação, ensino e formação. Esses documentos refletem ideias, proposições e debates presentes na França por mais de dois séculos, e registram não só problemas educacionais/pedagógicos, como valores e conteúdos que julgavam ser importantes transmitir. Trata-se de um trabalho de organização documental, essencial para o trabalho do historiador, porque contribui com a organização da catalogação e a conservação de documentos. Esses impressos pedagógicos/educacionais são, devido a esse trabalho, considerados fontes para História da Educação.

A Revista Brasileira de História da Educação é uma publicação semestral da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE – que se propõe a divulgar a produção científica e fomentar o intercâmbio nacional e internacional na área de história da educação. Em seu *site*, encontramos apenas, na revista n.15, de set./dez. de 2007, um artigo que fala sobre imprensa. As revistas disponíveis são de jan./jun. de 2001 a jan./abr. de 2008. O título é “Aspectos da imprensa

periódica educacional em Lisboa e no Rio de Janeiro (1921-1963)”, escrito por Fernandes, Xavier e Carvalho (2007). Tem por propósito levantar e analisar os periódicos destinados a professores, produzidos no período referido, evidenciando como o conhecimento pedagógico, sua fundamentação teórica e consolidação de conhecimentos essenciais para o desempenho da profissão, interfere no preparo profissional docente.

As pesquisas e publicações sobre o tema *Imprensa Pedagógica*, observadas no levantamento bibliográfico, são raras, particularmente no Paraná. São muitos os anos acumulados pelas três revistas elencadas, nas quais fizemos revisão bibliográfica, e pouco material sobre o assunto. Por tais motivos, consideramos importante estudar e divulgar não apenas a pesquisa, mas também o tema que estamos nos debruçando a conhecer, debater e analisar.

Nóvoa (1997) afirma que a imprensa acabou tornando-se um “corpus documental” de inúmeras possibilidades de estudo e análise. Por ela, é possível conhecer e analisar a participação dos agentes produtores de periódicos na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam instaurar, refletindo em práticas exemplares. É claro que não são apenas aspectos negativos ou de intencionalidade duvidosa que compõem seus estudos, visto que, por esses impressos, é possível que se observe a preocupação de um grupo e as contribuições de uma dada geração.

É necessário ter consciência de que os estudos sobre *Impressos Pedagógicos*, assim como outras fontes, não vão responder por um passado na íntegra e por uma verdade certa e acabada. Concordamos com Lopes e Galvão (2001) quando se referem a essas fontes como traços não apagados e que representam vida de pessoas das sociedades passadas. Confirmando a tese de que não podemos acreditar em uma história eternamente verdadeira, destacamos:

Em sua inteireza e completude, o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo em

seus fragmentos, em suas incertezas. Por mais que o pesquisador tente se aproximar de uma verdade sobre o passado, apostando no rigor metodológico, permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de história que se quer reconstruir (LOPES; GALVÃO, 2001, p.77).

Gostaríamos que este trabalho, junto aos demais já publicados sobre o tema *Imprensa Pedagógica*, incentivasse a busca, a análise e o debate da História da Educação pelo uso do impresso e em particular do *Impresso Pedagógico* como fonte. Entendemos que os trabalhos que têm por base a análise e estudo das fontes (o *Impresso Pedagógico*) demonstram as marcas dos indivíduos em sociedade, numa dada localização e num dado tempo. As marcas deixadas pelos homens, pelos grupos representados e representantes, como supõe a teoria de Chartier (1990), e por suas práticas educacionais muito podem dizer sobre educação. Não esquecendo que é importante atentar, no processo de pesquisa, para o rigor da operação historiográfica, como sugere Certeau (1982). Não há método e nem pesquisador perfeito, as maneiras de se olhar para a história, as maneiras de olhar as marcas deixadas pelos homens em sociedade, assim como a forma de trabalhá-las na pesquisa farão toda a diferença para fazê-la “falar”.

Chartier (1990) relata que um estudo histórico não possibilita a reconstrução da realidade em si. Aquilo que aconteceu exatamente é, antes de tudo, uma representação do real, do acontecido, do vivido. O processo de pensar, ler, fazer e escrever a História da Educação possibilita diferentes percursos metodológicos, diversos usos das fontes e seus resultados são sempre importantes representações.

As representações variam conforme as disposições do grupo ou classes sociais que aspiram à universalidade, mas determinam-se sempre pelos interesses dos grupos que as mascaram. O poder e a dominação são presenças marcantes no conceito de representação. As representações não são discursos neutros, elas produzem estratégias e práticas que tendem a impor a sua autoridade, baseando-se numa relação de deferência. Sabe-se que elas se colocam no campo da concorrência e da luta, portanto, há luta de representações.

Afirmamos, com isso, que, entre os possíveis grupos que podem fazê-lo, há luta entre eles, luta essa de forças “ocultas”, não-braçais, em que a tentativa de imposição de um grupo sobre outro é a regra para imprimir socialmente sua concepção de mundo. Este movimento é possível de ser abarcado no estudo de um Impresso Pedagógico sob o conceito de representação. Sabe-se que cada um, cada pessoa sob o efeito de um material impresso, ou sua cultura e ou sua atividade profissional, classifica e observa de forma diferente uns dos outros. Esses grupos vão unindo-se conforme suas expectativas, experiências, modos de agir e interagir no meio social, construindo uma identidade entre si, podendo constituir um grupo representativo. Os diferentes grupos formados lutam para tomarem acento da representação que os valide e ser expressão de algum poder a seus interesses inerentes.

As representações no mundo social pretendem se impor às coletividades, mas os grupos e as pessoas individualmente apropriam-se diferentemente ao que lhes é “imposto”, apresentado e ou levado ao “convencimento”. Dessa forma, há também diferenças no modo em que os trabalhos dos grupos acontecem para validar sua representação e, por conseqüência, ter alguma forma de poder. A primeira delas pode ser entendida como aquela que providencia procedimentos e dispositivos, discursos ou formas que objetivam a coação do sujeito, de modo a sujeitá-lo, convencê-lo. A outra forma de fazê-lo é trabalhar formas diferenciadas de crença, persuasão, rebeldia e contra-sensos. Isso significa que a imposição de uma representação não significa a aceitação unívoca dela, existe pluralidade em sua apropriação. Entendemos que a representação pode descortinar aspectos da cultura de qualquer povo, em qualquer contexto, percebendo seus interesses, visão de mundo e suas interações culturais.

Chartier (1990) defende um conceito de representação e percebemos que Lopes e Galvão (2001), Catani (1997) e outros historiadores da Educação aceitam a definição estabelecida por ele.

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as

forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.17).

Segundo Chartier (1990), o entendimento do que a representação é, pode nos ajudar a entender como uma determinada realidade em diferentes tempos e lugares pode ser construída, pensada e dada por diferentes grupos sociais conforme seus interesses. Portanto, não se trata de reconstruir o que denominamos mundo real, o que se esperava ou, ainda, o que se escrevia sobre essa realidade, podendo ser totalmente contraditória do vivido. As identidades sociais é resultado dessa relação de forças entre a representação imposta por aqueles que têm poder em classificar, nomear e definir o que cada comunidade produz em si mesma. A *Imprensa Pedagógica*, neste cenário, integra-se a este contexto.

O estudo da História da Educação tem crescido muito nos últimos anos graças à multiplicação de grupos de pesquisa, associações, periódicos da área, publicação de livros, programas de pós-graduação no Brasil e pesquisas no exterior. Tudo isso tem levado a um processo de construção da memória e do conhecimento educacional e escolar.

A História da Educação, hoje, tendo como objeto os recursos produzidos para a escola ou pela escola no uso das fontes que compõem essa realidade escolar, pode entender e conhecer os diversos caminhos para a educação e como seus “atores” relacionam-se e trabalham na instituição escolar. Esse olhar nos permite sentir a prática, a dinâmica da escola, sentimento esse que desmente a escola como reprodutora passiva do sistema em seus conteúdos e políticas. Sabemos, por esta via, que cada realidade escolar assume diferentes posturas, metas, conteúdos e políticas, conforme a representação que se apresenta e ou que “impõem”. Constrói sua própria organização, política, ensino e cultura, sem deixar de considerar as relações que estabelece com o mundo no qual se insere.

Definidas as noções acerca dos conceitos de Imprensa Pedagógica e representação, assim como uma noção do que se tem produzido sobre a Imprensa Pedagógica no Paraná e Brasil, passaremos, nos próximos capítulos, a descrever e analisar as nossas “contaminadas” fontes.

3 **JORNAL ESCOLA ABERTA: SUA MATERIALIDADE**

A fonte, material vivo para o trabalho do historiador, expressão da vivência do social humano, é objeto primeiro para reconhecer o passado dos homens e sua ligação com a cultura e suas interferências no social. A ideia de fonte, em sua constituição, está inteiramente ligada às práticas sociais, ações produzidas pelo homem que as perpetuam, possibilitando o registro para a história. Esta concepção de fonte está em conformidade ao que temos trabalhado até o momento, a noção de representação. Neste sentido, podemos justificar a fonte como material que se expressa como “representações” do social em seu momento histórico.

Os objetos históricos, quaisquer que sejam, não são “objetos naturais” em que apenas variariam as modalidades históricas da sua existência. Não existem objetos históricos fora de suas práticas, móveis, que os constituem, e por isso não há zonas de discursos ou de realidades definidas de uma vez por todas, delimitadas de maneira fixa e detectáveis em objetivações de práticas determinadas, cujas determinações é necessário de trazer a luz do dia. É apenas ao identificar as partilhas, as exclusões, as relações que constituem o objetos em estudos, que a história poderá pensá-los, não como figuras circunstanciais de uma categoria supostamente universal, mas, pelo contrário, como “constelações individuais ou mesmo particulares” (CHARTIER, 1990, p.78).

A definição do que é e qual o objetivo do material escrito, registra-se em Chartier (2007) ao mencionar que é uma forma de evitar o esquecimento e que, tanto na escrita como em sua materialidade, há traços do passado que se fazem presentes. Podemos exemplificar isso nas formas materiais utilizadas para o registro escrito no passado, recursos de escrita, rudimentares ou não, dependendo do período histórico, marcam a necessidade de não ser esquecido. Exemplo de registros que, em sua materialidade, expressam parte da história fez-se presente historicamente em pedras, madeira, couro de animais, tecido, pergaminhos e outros materiais, até os mais recentes como o papel e a tela do

computador. Esses materiais utilizados para o registro da escrita na sua história marcam a sua realidade e os recursos disponíveis no seu contexto.

O exposto reforça o entendimento de que o estudo da materialidade da fonte pode acrescentar detalhes à pesquisa, podendo ser tão importante quanto a “mensagem” escrita. A contribuição do estudo da materialidade pode ser dada pelo entendimento da organização da fonte em estudo, o grupo a que pertence tal material e porque ele se apresenta na forma em que está e pode também indicar o porquê da escolha deste recurso escrito e não outro. Sendo assim, as formas de registro e impressão, por meio do recurso escrito escolhido, podem revelar o contexto vivido de uma época. Portanto, não devemos separar a “[...] materialidade do texto da textualidade do livro” (CHARTIER, 2007, p.13), porque, aliadas, evidenciam-se as condições materiais, culturais, econômicas, hábitos e preferências para a concretização do material escrito.

De modo mais específico, abordaremos a classificação “material” dos impressos e o uso dele como fonte para a descrição. Já que, até então, falamos de registros escritos de modo geral. O fato de nossa fonte tratar-se de um Impresso Pedagógico aproximou-nos de contribuições de Chartier (1990; 1996; 1999a; 1999b; 2002a; 2002b; 2007), mesmo quando este trata de impressos de uma forma geral.

A descrição detalhada da fonte ajuda-nos a conhecê-la e auxilia no processo de análise dos documentos quando este, além de fonte, for objeto de análise. No labor da descrição, o trabalho é facilitado ao dividi-lo em duas etapas. Uma primeira seria a materialidade do impresso, descrevendo tudo o que é possível relatar sobre ele no que é visível e palpável. Segundo “orientações” de Chartier (2002b), podemos perceber pelo modo de escrita, impressão, volume e organização do material em qual dos recursos materiais este se enquadra. Numa classificação mais genérica dos impressos, podemos identificá-los como carta, documento oficial, diário, livro, jornal, revista e outros. É possível distinguir, classificar e até hierarquizar os impressos conforme a sua aparência, função e

abordagem escrita do autor, porque, entre eles, percebe-se um discurso diferente, já que cada categoria de impresso tem suas características específicas diante das diferentes narrativas presentes nos diversos recursos materiais impressos.

Portanto, deve-se reconhecer que os diversos modos de narrativas coabitam no mesmo espaço cultural e social. A posse dos códigos que os regem permite a leitura. Ela constitui, por outro lado, o horizonte de expectativa, no sentido em que o entendo. Graças a ela, encontramos-nos novamente numa sucessão de seqüências, até conhecemos de antemão, o produto cultural que vamos consumir (CHARTIER, 1996, p.113).

A materialidade das fontes, argumentada por Chartier (2002b), confirma que os objetos apropriados para leitura são entendidos em sua função primeira, numa conceituação geral de seu significado. Cada um desses objetos tem seu papel social, suas linguagens, discursos apropriados, modalidades de argumentações diferentes entre si e critérios de organização específicos. E, de acordo com a citação acima, graças aos “códigos” de cada recurso impresso, o leitor pode, antecipadamente, ter certa expectativa do que vai encontrar no material. Por exemplo, a função do jornal é informar, mas sabemos que ele, na maioria dos casos, é mais que isso, é um formador de opinião, sujeito a uma visão particular sobre certos assuntos, dependendo de seus interesses e prioridades, que podem ser: políticos, econômicos, administrativos, religiosos, literários dentre outros, dependendo do grupo que representa. Cada um desses materiais impressos apresenta materialidade e organicidade específicas.

A nossa fonte, exemplar de Impresso Pedagógico o *Jornal Escola Aberta*, objetiva trazer novas “ideias” para a educação pelo projeto pedagógico a ser implantado, mas o que vemos é o discurso político e interesses público/administrativos misturados às prerrogativas pedagógicas. Tal esforço pode explicar-se pela “luta” da manutenção da representação para que pudesse dar continuidade ao trabalho realizado por esse grupo, priorizando seus princípios na organização e sistematização da sociedade.

Acreditamos que parte dos leitores possa e ou saiba estabelecer diferenciações “primárias” entre um tipo de texto e outro, um impresso e outro, dependendo da relação que cada um tem com os materiais impressos destinados à leitura. Mas o grupo que escolhe o recurso impresso procura definir qual deles utilizar ao pensar no conteúdo que vai ser exposto e que, por ele, passa manifestar pontos de vistas a contento de seus propósitos.

Pensamos que o *Jornal Escola Aberta*, recurso textual periódico, apresentou-se como o mais adequado aos objetivos da Secretaria Municipal de Educação, porque, como registramos no capítulo anterior, é um “produto” financeiramente menor, já que vários números foram publicados e, com este recurso impresso, não seria necessário prender-se a um volume textual (número de páginas) de forma padronizada. Os “códigos” narrativos “permitidos” pelo Jornal possibilitaram um discurso apropriado ao leitor/professor, marcado pelo convencimento do professorado, primeiramente, para a aceitação do grupo representante e, posteriormente, para a aceitação das ideias pedagógicas que estavam sendo estudadas e implantadas naquele momento. Procurava-se conquistar o público, representado pelo trabalho executado pela administração, propagandeado nos jornais, seja pelo “tom” profetizador ou convencimento alicerçado nos planos de uma sociedade mais justa pela luta de fazer da democracia um direito e um dever do cidadão (que ainda seria “construído” pela proposta educacional).

Procuramos mostrar acima as características materiais do impresso, apontando possibilidades da escolha deste recurso dentro das especificidades que o Jornal possibilita e aliadas às possíveis necessidades do grupo de professores representantes. Para caracterizar a materialidade do impresso numa “perspectiva” política e pedagógica, retiramos um trecho da “Carta aos Professores”, que evidencia a perspectiva de seus representantes.

Por seu título, o jornal fará lembrar o que melhor se colheu da gestão anterior, e servirá de estímulo para perseguir no mesmo caminho, com a disposição de o assumir, aprimorar e ultrapassar. Esse compromisso, simultaneamente pedagógico e político, e político porque pedagógico, é a razão de ser da nossa inserção na

Rede Municipal de Ensino. Este é precisamente o lugar de encontro entre a tarefa que a sociedade nos confiou e a livre e responsável opção de trabalho pessoal. Os resultados que daí advierem poderão converter-se em nossa maior contribuição à emancipação e transformação da sociedade e em nossa melhor gratificação cívica. Digo “cívica”, como poderia dizer “política”, pois as duas palavras têm originalmente a mesma denotação semântica. Independentemente, pois, e para além de nossas preferências pessoais e político-partidárias, este crescimento humano e cultural e cívico-político é conquista à qual nossa missão de educadores sem cessar nos convoca, a nível individual social (CURITIBA, 1986a, p.2).

Mesmo o leitor sabendo de modo geral que o recurso impresso disponibilizado, o Jornal, tem características bem definidas e conseqüentemente interesses para dele fazer uso, não há como adiantar-se em saber o objetivo final deste sem antes dispor-se à leitura. Nele, explicita seus objetivos, de acordo com a organização, linguagem e discurso apropriado. É por essas características materiais e organizacionais que consegue representar e mobilizar o leitor a quem se dirige. Isso nos reporta a Chartier (2002b) ao externar a importância da observação e análise da organização e da materialidade do objeto utilizado na construção da história por meio desses objetos sociais. Assim se expressa:

A atenção que foi dada à materialidade dos textos levou de uma análise estritamente morfológica dos objetos a uma interrogação sobre a função expressiva dos elementos não-verbais que intervêm não apenas na organização do manuscrito, ou na disposição do texto impresso, mas também na representação teatral, na recitação, na leitura em voz alta, etc. – o que D. F. Mackenzie (1986) designa como “a relação da forma com o sentido”. Ela acentuou, de outro lado, que o processo de “publicação” dos textos implica sobre uma pluralidade de espaços, de técnicas, de máquinas e de indivíduos. Portanto, trata-se, antes de tudo, de encontrar quais foram as diferentes decisões e intervenções que deram aos textos impressos suas diferentes materialidades (CHARTIER, 2002b, p.64).

Assevera Chartier (2007) que o texto não deve ser entendido apenas como um conteúdo em si, um material que tem forma, mas que nada significa, e sim como um texto materializado, concreto, que, por meio dele, há contribuição histórica. Nesses materiais, vê-se marcar o tempo, a história dentro de um contexto social. Podem contribuir para a produção de sentidos na leitura, ajudando a garantir aceitação e apropriação dos conteúdos.

Referindo-nos à importância a ser dada à materialidade na pesquisa e como pode esta interferir no processo de leitura e entendimento do material, pode ser usada a nossa fonte como exemplo. No caso do *Jornal Escola Aberta*, a leitura foi prejudicada, pelo fato de o material estar incompleto para a leitura, faltam algumas páginas. A falta de páginas registra-se no texto de nome “Avaliação da aprendizagem”, escrito por Wachowicz (CURITIBA, 1988b, p.6), está sem conclusão devido à falta das páginas 7 e 8. No mesmo Jornal, as páginas 17 e 18 não constam no exemplar, isso nos impediu de concluir a leitura do texto que tem o nome “O outro lado da matemática”, ele tem início na página 15 e não se sabe quem o escreveu, a assinatura não constava no início do artigo. A falta dessas páginas nos impossibilitou de ler também o início do texto que segue este último, ficando apenas com a parte final que aparece na página 19, e não sabemos o nome do artigo e nem quem o escreveu.

Diante do entendimento da importância da materialidade como fonte, observamos que alguns dos artigos são frutos de eventos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação. No Quadro 1, colocamos títulos dos artigos com seus respectivos autores, separando aqueles que foram escritos por convidados ou por membros da Secretaria. Destacamos textos que foram escritos dentro de temáticas do Jornal, mas sem o compromisso com as pautas propostas aos convidados para os eventos. Há, ainda, artigos que são expressão do trabalho feito por grupos de professores que foram, em alguns momentos, divididos por áreas de conhecimentos ou por temas. Neles, registram suas reflexões e debates que se concretizaram no Jornal. Relacionamos, em forma de quadro, os temas de cada Jornal, os responsáveis pela datilografia, fotos e ilustração, tiragem, patrocinadores, as especificidades de cada Jornal, notas e bibliografias, páginas faltosas e quantia de páginas de cada Jornal.

O Jornal teve sua circulação retomada com a edição de n.7, o que quer dizer que outros seis existiram, antes da administração do Prefeito Roberto Requião. Os jornais, no qual tivemos acesso para esta pesquisa, circularam entre os anos de 1986 a 1988. No retorno deste impresso, registra-se que entrava no terceiro ano

de publicação, portanto, fundado dois anos antes. Este pode ser observado no primeiro editorial do Jornal que registra o seu retorno.

Colega, O 'ESCOLA ABERTA' está de volta em seu terceiro ano de vida. Com cara nova e a mesma intenção: ser uma mão de duas vias que socializa o que acontece nas escolas e na Secretaria Municipal de Educação (CURITIBA, 1986a, p.1).

Abaixo, destacamos os respectivos Jornais que foram escritos por componentes da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. Alguns textos foram escritos após eventos pedagógicos para os professores, outros artigos que compunham o Jornal estavam dentro da temática proposta em suas específicas edições.

Por meio da leitura e análise dos Jornais entendemos que a equipe da Secretaria Municipal de Educação organizava-se de forma que os eventos de formação de professores fossem relatados, no *Jornal Escola Aberta*, em forma de artigos, responsabilidade dividida entre os que compunham a equipe da Secretaria Municipal de Educação. Há textos produzidos pelos palestrantes responsáveis pela temática desenvolvida em cursos. Não está registrado se esse foi um pedido da Secretaria ou se os mesmos se dispunham a relatar o conteúdo que trabalharam com os professores, fazendo também de forma escrita para o Jornal.

Verifica-se que os textos escritos por Ana Lúcia G. de Faria, com o tema "Qual é a do Livro Didático?", há um responsável para fazer o que chamam de texto final. Neste caso, a responsável foi Marlise Bassfeld. No texto escrito por Judite Trindade com título "Preconceito: essa moda ainda vai chegar ao fim", a responsável pelo texto final foi também Marlise Bassfeld. Os demais palestrantes e responsáveis pelos textos assinam os artigos sozinhos, como é o caso de Sônia Glodis Medeiro, com o título "A Literatura na Escola Básica" e de Paulo Venturelli, denominado "Quem Lê, Pensa". No *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1988b, p.5-6), constam também os textos de Jussara P. Santos, "A avaliação da escola", de Lílian Anna Wachowicz, "Avaliação da Aprendizagem", ambas assinam seus próprios textos. O mesmo acontece com Carlos Alberto Faraco, no *Jornal Escola*

Aberta (CURITIBA, 1988c, p.3), com o tema “Concepções de Linguagem e Ensino de Português”.

Nos eventos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, por meio de palestras, trabalho este mais direto com o professor, grupos de trabalho foram montados, para que reflexões e análises conjuntas se findassem na construção de um texto, que mais tarde, seria acessível a todos os professores por meio do *Jornal* a ser produzido e publicado. Percebemos pouca autonomia dos professores na produção escrita dos artigos de grupo para o *Jornal*, porque no trabalho em grupo havia um coordenador responsável, que em todos os casos eram representantes da Secretaria Municipal de Educação. Isso é observável porque no final dos textos, constam os nomes de todos os componentes do grupo e o nome de uma coordenadora, da mencionada Secretaria de Educação. Podemos observar, ainda, o que consta numa descrição de evento, registrada abaixo do título de um dos textos, no *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1988a, p.5), cujo nome é “O Livro Didático e as Áreas de Conhecimento” que demonstra o poder decisório dos representantes da Secretaria Municipal de Educação.

Durante o Seminário Municipal sobre o Livro Didático, funcionaram oito grupos de trabalho. Cada grupo produziu um texto que foi lido, discutido e aprovado em Assembléia Geral. Estes textos, assinados pelo coordenador e membros do grupo, trazem os livros analisados, bem como uma bibliografia que poderá apoiar os professores que queiram aprofundar sua reflexão. Destacamos que, embora não houvesse nenhum grupo tratando da educação ambiental, estamos publicando um texto sobre o tema, dada a sua relevância social e educacional. (CURITIBA, 1988a, p.5).

No quadro a seguir, visualizamos os nomes dos artigos escritos por membros da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, relacionados ao nome do responsável pelo escrito; os títulos apresentados com o nome dos convidados que escreveram ao *Jornal Escola Aberta* a pedido da Secretaria Municipal de Ensino. Quanto aos artigos escritos por membros da Secretaria Municipal de Educação, podemos observar que, em alguns deles, há uma lista grande de nomes em cada um, porque os artigos resultaram do debate por um grupo de

trabalho e o texto organizado por um membro da Secretaria, que era o coordenador do trabalho em grupo.

QUADRO 1: Artigos

EDIÇÃO	ARTIGOS ESCRITOS POR MEMBROS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	AUTORES CONVIDADOS A ESCREVER PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
<p>Maio/Junho 1986 ano 3 n.7</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ubaldo Puppi: Carta aos professores. 2. Neusa Maria Ramos Culpí, Carmem Lucia Gabardo, Iêda Viana Tomaz e Thelma Alves de Oliveira: Afinal, quem são essas mulheres? 3. Olinda Evangelista: Livros, Livros, Livros, Livros. 4. Regina Cely de Campos: A prática do diretor frente à democratização da escola. 5. Ieda T. Wood Gouvêa: Novo tempo para a mulher. 6. Roseli Boschilia: Memória quer resgatar cultura local. 7. Escola Integral: A proposta de Curitiba. 8. A magia da escrita em trabalho coletivo. 9. Informação 	<p>1 Roberto Requião: Palavra do Prefeito</p>
<p>Outubro 1986 ano 3 Edição Especial</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Compromissos da administração 2. Ana Maria Poppovic: Democratizar a educação. Projeto do Presente. 3. 1987: O maior orçamento da história da Secretaria Municipal de Educação. 4. Em busca da qualidade de ensino. 5. Condições infra-estruturais 6. Outros Programas 7. Reivindicações: Posição da administração 	
<p>Agosto 1987 ano 4 n.9</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Carmen Lucia Gabardo: Ensinar e ensinar bem. 2. Regina Cely de Campos: Debate sobre os Conteúdos Básicos da Semana Móvel de 1987. 3. Olinda Evangelista: Em busca da qualidade de ensino: conteúdos e as condições concretas das escolas. 4. Assessoras Pedagógicas de Língua Portuguesa: Elza Estorílio Silva e Pinto, Maria Regina Geisen, Sônia Maria Leite, Sônia Aparecida G. Medeiros, Sônia Monclaro Virmond, Vanda Aldina G. de Campos, Zuleica Águeda Ferrari: Língua: articuladora de visões de mundo. 5. Serviço de Assessoramento Pedagógico I Matemática: Carlos Roberto Vianna, Clélia Maria M. Isolani, Fátima D. L Cassoli Jacob, Cládis Bernadete Biehl, Heliete Marinho da Cunha, Maria Tereza Carneiro Soares: Matemática: noções intuitivas ao domínio da linguagem. 6. Assessores pedagógicos I – Ciências Elisabeth C. Ramos, Jane T. Gonçalves, Justina I. Maccarini, Lia Kucera Macedo. Maria Inez K Motta, Siderlei T. Pinheiro: Homem e a natureza – objeto das ciências. 7. Assessores Pedagógicos I – Estudos Sociais Aramilda do Rocio de Antonio, Elidete Perez da Costa, Ivanize m. de Albuquerque Garcia, Márcia da Cruz, Maria Auxiliadora 	

	<p>Schmidt, Maria Rosa Chaves Künzle, Valéria Gardal Collodel, Rosi T. Ferrarini Gevaerd: História e Geografia: ação dos homens na construção da realidade.</p> <p>8. Assessores Pedagógicos – Educação Física: Clarice Inez Scariet, José Cherobin Neto, Leozi Mara Lascoski, Valda Marcelino Tolkmith, Vilson Benedito: Educação Física: reprodução ou transformação?</p> <p>9. Assessoras Pedagógicas – Educação Artística: Consuelo Alcione Barbosa Duarte Schlichta, Eliana Márcia Bueno Mion, Maria Emilia Possani, Munira Sater de Andrade, Rose Mere Trojan, Tânia Maria Gregório de Andrade: Recriando a arte.</p> <p>10. Assessoras Pedagógicas I – Pré-Escolar Heliana Rodrigues da Silveira, Sandra Lúcia Fortunato, Sônia de Fátima Schwantes: Pré: entrada para o saber escolar.</p> <p>11. Serviço de Apoio a Estrutura e Funcionamento da Escola: Ana Maria Nóbrega de Ramos, Jussara Riva Finatti, Regina Maria Luz, Eloína Teixeira de Brito, Elizabeth Hillebrandt Schirmer: Avaliação – instrumento de seleção ou compromisso com o saber?</p> <p>12. Grenilda Liz Zobot e Tânia Braga Garcia: Os passos da história.</p> <p>13. Maria Auxiliadora Schmidt: Quem ganha com esta proposta?</p>	
<p>Fevereiro 1988 ano 5 n.10</p>	<p>1. Iêda Tomaz: O processo de escolha.</p> <p>2. Grupo de Trabalho: Alessandra P.Alves, Almira M. Corrêa, Arli S. de Miranda, Assíria M. L. Masetti, Cecília R. A. Ferrazza, Diva M. M. da Silva, Zonete S. Quiroza, Isabel P.Alves, Ivone M. Marangon, Janete S. Costanzi, Jeanete P.J. Cordeiro, Ladanir Millack, Luciene de Lara, Márcia F. Porto, Maria Luiza Roldão, Nivalda R. Machado, Paulo J. R. Strogenski, Tânia M. F. B. Garcia, Sandra M. B. Martins, Sandra M. Baby, Wilton F. C. de Oliveira, Sonia Monclaro Vimond (coordenadora): Da pluralidade de discursos à consequência crítica.</p> <p>3. Grupo de Trabalho: Carlos Roberto Vianna (coordenador), Maria Inês França e Silvana M. H. Artigas: O império do formalismo.</p> <p>4. Grupo de Trabalho: Carmem Sá Brito Sigwalt, Iêda Viana Tomaz, Mara Silva Lima, Marta Emília Moreira, Maria Auxiliadora Schmidt (coordenadora) e Shirley Marques de Souza: A História Maquiada.</p> <p>5. Grupo de Trabalho: Josélia Peixoto Alves, Márcia Cruz (coordenadora), Nancy Abram Souza e Valéria Rdith Gardai Collodel: Geografia Crítica em alto relevo.</p> <p>6. Grupos de Trabalho: Célia Elisa Cúbico, Cleuza S. de S. Cavicholli, Eloína T. de Brito, Elvira Souza de Sampaio, Neusa Vianna Lima (coordenadora) e Rosicler Schafaschek: O reino dos conceitos definitivos.</p> <p>7. Assessora de Educação Ambiental – SUREHMA: Thaís Komin: A romantização do meio ambiente nos livros escolares.</p> <p>8. Grupo de Trabalho: Ana Paula Martins, Beatris H.M. Gregory, Dirlene T. Wozniak, Iracema da Silva Souza, Lidvoneta B. de Almeida, Maria Cristina de Souza, Maria Helena P.Silveira, Maria Tereza Cunha, Olinda Evangelista (coordenadora), Wilma Espíndola Nogueira e Iêda Terezinha Gouvêia: Ela/ Ele: opostos, contrapostos ou compostos.</p>	<p>1. Ana Lúcia G. de Faria e Texto final: Marlise Bassfeld: Qual é a do Livro Didático?</p> <p>2. Judite Trindade e Texto final: Marlise Bassfeld: Preconceito: essa moda ainda vai chegar ao fim.</p> <p>3. Sônia Glodis Medeiro: A literatura na escola básica.</p> <p>4. Paulo Venturelli: Quem lê, pensa.</p> <p>5. Iara Amaral: Menos Verniz e mais vida na literatura</p>

	<p>9. Grupo de Trabalho: Beatriz Rodas, Consuelo Duarte Schlichta, Dalva N.R. da Silva, Diná Toledo Poletti, Judite Trindade (coordenadora), Janete G. Lesri, Jussara L. Correia e Regina Cely de Campos: Diversidade étnica: orgulho ou tolerância?</p> <p>10. Grupo de Trabalho: Maria Amélia S. Zainko (coordenadora), Rosângela Cristina Rosinski Lima: É hora de acabar com o “marque X”.</p> <p>11. O preconceito no Livro Didático.</p> <p>12. Não existe preconceito no livro didático!</p>	
<p>Julho 1988 ano 5 n.11</p>	<p>1. Luckesi discute a avaliação em Curitiba.</p> <p>2. Alguns aspectos da avaliação na RME.</p> <p>3. Carlos Roberto Vianna: O poder da fórmula.</p> <p>4. Grupo de Trabalho: Ana M. de Ramos, Anelor Tambosi, Carmen Lúcia Gabardo, Carmem S. B. Sigwalt, Cecília Dias dos Reis, Dora L. N. R. Loures, Evelise R. Cardoso, Fernando L. M. Guirald, Hermínia Rabello, Idelzi T. Massaneiro, Isabel P.Alves, Ivone Moscibroski, Juaneti C. Santos, Jussara B. R. Finatti, Lídia Nedbajluk, Lúcia Klein, Maria Emília Martins, Maria H. P.Silveira, Maria I. Svistalski, Maria Madselva F. Feijes, Maria Neusa D. Ferreira, Olinda Evangelista, Regina C. Campos, Regina Josefina Marochi, Rosimary A. A. Coelho, Solange S. Santos, Solange L. Martins, Terezinha de Jesus B. Carmello, Wanirley P.Guelfi: A avaliação e as áreas do conhecimento.</p> <p>5. Como Avaliar a Alfabetização.</p>	<p>1. Jussara P.Santos: Avaliação em debate.</p> <p>2. Lílian Anna Wachowicz: Avaliação da Aprendizagem.</p>
<p>Agosto 1988 ano 5 n.12</p>	<p>1. Aparecido Quinaglia: O Analfabetismo no Brasil.</p> <p>2. Equipe de Redação: Carmem Sigwalt, Maria de Fátima Targino Cruz, Maria do Rossio Virmond Torres, Martha Christina F. B. Z. de Moraes, Rosangela Rosinsk Lima, Rosicler Schafaschek, Sônia Monclaro Virmond, Carlos Alberto Faraco-Coordenador da UFPR. Colaboração de Maria Cristina Novratil, Mestranda em Educação/UFPR.</p> <p>3. Grupo de Trabalho de Matemática: Roberto Viana, Cláudia Miriam Tossato, Clélia Maris Martins Isolani, Fátima de Lourdes Cassoli Jacob, Gládis Bernadete Biehl, Heliete Marinho D. da Cunha.</p> <p>4. Grupo de História e Geografia: Ivanise Medeiros de Albuquerque Garcia, Márcia da Cruz, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schimidt, Maria Rosa Chaves Künzle, Rosi Terezinha Ferrarini Gvaerd e Valéria Edithe Gardai Gollodel.</p> <p>5. Equipe de Ciências: Carlos Petronzelli, Darci Barros, Marina Segalla, Salua Schell e Siderlei Pinheiros.</p> <p>6. Equipe de Educação Artística: Consuelo A. B. D. Schlichta, Eliana Márcia Mion, Rose Mari Trojan, Tania Maria G. de Andrade.</p> <p>7. Equipe de Educação Física: Leozi Mara Lascoski, Esther Figueiredo Boell, Vilson Benedito, Carlos Alberto Ghesti, Pedro Simões de Lima Filho, Valda Marcelino Tolkmitt.</p> <p>8. Regina Leite Garcia – Texto Final – Marlise Bassfeld: A Alfabetização e a Classe Trabalhadora.</p> <p>9. Sônia de Fátima Schwantes: Alfabetizar na Pré-Escola. Sim ou Não?</p>	<p>1. Carlos Alberto Faraco: Concepções de Linguagem e Ensino de Português.</p>

<p>Agosto 1988 Edição Especial Programa Mulher e Educação</p>	<p>1. Como você se sente sendo mulher?</p>	<p>1. Rodrigo José da Silva, 4ª série. Escola Municipal de União da Vitória: A mulher antiga. 2. Alex Gonçalvez – 4ª série: O dia da mulher. 3. Alcione Gomes do Prado – 4ª série Escola Municipal de União da Vitória: A luta da mulher. 4. Julie C. Lagos Riveira - 4ª série: A mulher Criança/Lápis/Papel 5. Dalan Péricles Alves - 3ª série: A mulher Criança/Lápis/Papel. 6. Lendro Vieira de Souza - 2ª série: Minha querida mãe. Criança/Lápis/Papel. 7. A experiência da “Dona Lula”. Profª Maria Cristina S. Romfeld. Escola Municipal Dona Lula. 8. Ana Paula Vosne Martins – Membro do Conselho Municipal da Condição Feminina de Curitiba: O mito do amor materno.(resenha do livro: Um amor conquistado: O mito do amor materno). 9. Maria Cristina de Souza. Escola Municipal Vila Verde: A Mulher na Literatura.</p>
<p>Dezembro 1988 ano 5 n.13</p>	<p>1. Roseli Boschilia: Memória da Gincana. 2. Wanirley Pedroso Guelfi: Por que “Gincana da Memória?” 3. Wanirley Pedroso Guelfi: Trabalho: é permitido sonhar. 3. Valéria Edith Gerda Collodel: Terra: pecado capital. 4. Carlos Petronzelli: Remédio caseiro também cura. 5. Maria Tereza Carneiro Soares, Clélia Maria Isolani, Fátima Sassoli Jacob, Gládis Bernadet Biehl, Heliete Marinho da Cunha, Cláudia Miriam Tosatto: A matemática do cotidiano. 6. Isabel Pereira Alves: Lobisomem também dá literatura. 7. Roseli Boschilia: Como proteger-se dos males da vida. 8. Consuelo Alcioni Schlichta, Rosi Meri Trojan, Sonia de Fátima Schwntes: Por que a</p>	

	criança brinca? 9. Pelo grupo de língua portuguesa e alfabetização: "Quem conta um conto aumenta um ponto..." 10. Neide Teresinha e Nóbrega Lorenzi: Escolas Moradias Ribeirão faz história. 11. Wanderley Pedroso Guelfi: APM: Assistencialismo ou organização? 12. Jussara Maria T. P.Santos: Da promoção de festas à luta pelo ensino. 13. Jussara Maria T. P.Santos: Nota de recuperação de uma documentação.	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: Curitiba (maio/jun. 1986, out. 1986, ago. 1987, fev. 1988, jul. 1988, ago. 1988a, ago. 1988b, dez. 1988).

Completando as informações acima, descrevemos, no quadro abaixo, a edição do Jornal, os nomes dos convidados que participaram das atividades programadas pela Secretaria de Educação Municipal de Curitiba com seus respectivos assuntos. Percebe-se que a concentração desses eventos ficou entre agosto de 1987 e agosto de 1988.

QUADRO 2: Eventos

EDIÇÃO	EVENTOS: PALESTRANTES CONVIDADOS.
Agosto 1987 ano 4 n.9	1. Abertura da Semana Móvel - Palestra do Professor Neidson Rodrigues: Debate sobre os Conteúdos Básicos.
Fevereiro 1988 ano 5 n.10	1. Palestra: Professora Ana Lúcia G. de Faria e texto final de Marlise Bassfeld: Qual é a do Livro didático 2. Mesa-redonda: Discriminação Sexual e Racial - Professoras Judite Trindade e texto final: Olinda Evangelista. 3. Mesa-redonda: Literatura - Professores: Paulo Venturelli, Iara Amaral e Sonia G. Medeiros. 4. Entrevista: Carlos Alberto Faraco – Título: Aluno e Professor Buscam Saídas do Labirinto Pedagógico.
Julho 1988 ano 5 n.11.	1. Conferência de Abertura: Cipriano Lukesi: Avaliação 2. Mesa-redonda: Avaliação em Debate - Professores: Jussara Maria Tavares P.Santos, Lílian Anna Wachowicz e Lizia Helena Nagel e Odilon Carlos Nunes
Agosto 1988 ano 5 n.12	1. Conferência: Professor Carlos Alberto Faraco: Concepções de Linguagem e Ensino de Português. 2. Conferência: Regina Leite Garcia: A Alfabetização e a Classe Trabalhadora.

Fonte: Curitiba (ago. 1987, fev. 1988, jul. 1988, ago. 1988a).

O *Jornal Escola Aberta* manteve a sua forma de apresentação durante os três anos de publicação a que tivemos acesso. Não se diferencia dos demais jornais da grande imprensa da década de 1980 quanto ao tipo de papel, qualidade de impressão, apresentação de fotos e gravuras em preto e branco. A diferença registrada está no tamanho, tem um formato um pouco menor se comparado com os da grande imprensa em circulação.

Entrando nessas minúcias materiais que, muitas vezes, passam de forma despercebida ao nosso olhar, apresentaremos as características físicas do *Jornal Escola Aberta*. O seu formato é 34,5 centímetros de comprimento por 28,5 de

largura. É de fácil manuseio pelo seu tamanho, com boa impressão de texto na cor preta e com boa definição de imagem quando aparecem fotos ou gravuras. A textura do papel é áspera e grossa se comparado com os jornais que temos acesso na atualidade. Em algumas de suas passagens, onde o texto é extenso, a leitura torna-se difícil pelo fato de as letras e palavras estarem pouco espaçadas entre si, havendo vários recortes entre uma matéria e outra. Percebemos quanto à digitação que há considerável número de erros ortográficos e ou de digitação, poderíamos dizer que eles ocorrem excessivamente se considerarmos que é um material pedagógico de circulação, feito por professores e para professores. Mas, em momento algum, esses erros de digitação prejudicam a mensagem ou conteúdo que precisa abordar. Mencionamos abaixo a relação dos nomes das responsáveis pela datilografia do *Jornal Escola Aberta*, conforme as informações contidas no próprio impresso, como expediente. As edições não mencionadas, não constam o registro desse serviço.

QUADRO 3: Datilografia: seus Responsáveis

PUBLICAÇÃO	RESPONSÁVEIS PELA DATILOGRAFIA	TRANSCRIÇÃO DE FITAS
Outubro 1986 ano 3 Edição Especial	Mirjan Scheffer, Salete Bauman Velho, Solange Guiraud.	
Agosto 1987 ano 4 n.9.	Lucimara Wolf, Rita Rodrigues, Tânia Schuarça, Vanessa do Rosário	
Fevereiro 1988 ano 5 n.10	Eliana Prados, Eloína Padilha, Jane Terezinha S. Gonçalves, Lucimara Wolf, Rita Rodrigues, Tânia Schuarça, Vanessa do Rosário.	Eliana Prados, Eloína Padilha, Jane Terezinha S. Gonçalves, Lucimara Wolf, Rita Rodrigues, Tânia Schuarça, Vanessa do Rosário.
Julho 1988 ano 5 n.11	Lucimara Wolf, Rita Rodrigues, Tânia Shuarça, Vanessa do Rosário	
Agosto 1988 ^a ano 5 n.12	Lucimara Wolf, Rita Rodrigues, Tânia Shuarça, Vanessa do Rosário	

Fonte: Curitiba (out. 1986, ago. 1987, fev. 1988, jul. 1988, ago. 1988a).

Percebemos que, referente à quantia de páginas dos jornais, há uma considerável oscilação entre uma edição e outra. O Jornal com menor número de páginas é 8 e o de maior é de 31 páginas. Apresentam variações entre 10, 12 e 24 páginas. Vamos discutir mais em relação à quantia de páginas e as que faltam, já que, como dissemos, nem todos os jornais pesquisados estão completos. Elaboramos um quadro com as Manchetes de cada número de Jornal, fazendo uma reflexão concomitante sobre esses dois itens.

QUADRO 4: Número de Páginas

PUBLICAÇÃO	PÁGINAS
Maio/Junho – 1986 – ano 3 - n.7	8 páginas
Outubro – 1986 – ano 3 – Edição Especial	8 páginas
Agosto – 1987 – ano 4 – n.9	31 páginas
Fevereiro – 1988 – ano 4 – n.10	24 páginas
Julho – 1988 – ano 5 – n.11	12 páginas
Agosto – 1988 – ano 5 – n.12	24 páginas
Agosto – 1988 – Edição Especial – Programa Mulher e Educação	24 páginas
Dezembro – 1988 – ano 5 – n.13	12 páginas

Fonte: Curitiba (maio/jun. 1986, out. 1986, ago. 1987, fev. 1988, jul. 1988, ago. 1988a, ago. 1988b, dez. 1988).

3.1 *JORNAL ESCOLA ABERTA*: DE QUE E DE QUEM SE COMPÕEM SUAS IMAGENS

A parte artística do Jornal se distribui em gravuras e fotos em preto e branco por todo o Jornal. Falaremos primeiramente das fotos, cujos principais responsáveis são os fotógrafos Aldo Gil e Erony Santos, da Secretaria da Comunicação Social. No *Jornal Escola Aberta* de maio/jun. 1986, compõe a capa desta edição a fotografia de crianças andando uniformizadas e sorridentes (não menciona quando e onde essa foto foi tirada), e traz como manchete “Diretor de Escola: mais do que um administrador” e, logo abaixo da foto, uma citação de Antonio Gramsci⁹: “Criar uma Nova Cultura não significa apenas fazer individualmente

⁹ O Jornal não menciona a origem da citação. Antonio Gramsci nasceu no norte da ilha mediterrânea da Sardenha em 1891, faleceu aos 46 anos em 1937. O autor é referência no pensamento de esquerda do século 20, unindo idéias marxistas às de Maquiavel. Sua influência ocorre principalmente depois de sua morte com a publicação de mais de trinta cadernos, conhecidos como “cadernos de cárcere”, escritos quando esteve na prisão em que datam de 8 de fevereiro de 1929 à agosto de 1935. Gramsci é famoso principalmente pelos conceitos de hegemonia e bloco hegemônico elaborado por ele e também por focar o estudo dos aspectos culturais da sociedade. Seus trabalhos contemplam ainda seu pensamento sobre a teoria crítica e educacional.

descobertas 'originais'; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas”.

Na página 2, as fotos são de algumas autoridades, como o prefeito da época, Roberto Requião, em “Palavra do Prefeito”, e o secretário da educação Ubaldo Martini Puppi, em “Cartas aos Professores”. No mesmo Jornal, há fotos seguidas de material escrito que apresentam algumas das mulheres que fazem parte da Secretaria Municipal da Educação e o trabalho que cada uma delas desempenhava. Discorreram sobre o que pensavam e o que esperavam da educação demarcando também o lugar que ocupam na sociedade, sobretudo o lugar destas como representantes dos professores frente à equipe de administração da Secretaria Municipal de Educação. Tal demarcação e as expectativas frente à educação, aliadas ao discurso democrático, apresentam-se como uma estratégia de aproximação, criando uma identidade com o público leitor. Colocam-se como mulheres, como as demais professoras, (acreditamos que por esse motivo elas relatam também sobre suas famílias, dizendo se são casadas e se tem filhos) as quais, historicamente, são maioria no processo de educação, e também como assíduas e co-responsáveis pela melhoria e conquista de um ensino de qualidade.

A primeira delas a se apresentar é a professora Neusa Maria Ramos Culpi, formada em pedagogia pela Universidade Federal do Paraná. Desempenhou trabalhos desde o Ensino Pré-Escolar até superior. Como pedagoga, atuou na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, na Divisão de Ensino do Departamento de Educação e no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, primeiro como técnica e, depois, assessora da diretoria. Revela que seu trabalho era como secretária adjunta da Secretaria Municipal de Educação. E, subsequente à sua foto, expressa as suas expectativas sobre a educação em Curitiba. Mencionamos um trecho do texto de Culpi.

Curitiba, como outras capitais, teve que assimilar um alto crescimento demográfico e com ele toda a gama de problemas sociais. A nossa periferia se alastrou e exigiu do poder público ações que viabilizassem construções de novos equipamentos sociais, como também a extensão da estrutura básica do sistema

viário. Diante desse quadro real, e tão presente para cada um de nós, como fica a educação? Qual é a nossa expectativa em relação ao trabalho da atual da SME (Secretaria Municipal de Educação)? Neste momento, temos que continuar uma discussão crítica sobre a política educacional, pensar o real papel do educador do ensino de 1º grau em escola de periferia (com características tão diferenciadas), e levantar uma bandeira em defesa de melhores escolas, melhores salários, maior acesso e garantia de permanência dos alunos na escola. Sinto que não pode ser diferente, sinto que a luta de todos nós é esta, e que também não é nenhuma novidade. É uma luta antiga! Assegurem-se que hoje há condições de avançarmos um pouco mais. Existe uma Secretaria Municipal de Educação, disposta a discutir incansavelmente todas as questões fundamentais da educação em conjunto com todos. O nosso objetivo é assegurar um trabalho mais crítico e eficaz. A participação de cada um de nós, professores, funcionários e alunos, será decisiva na construção desta educação (CURITIBA, 1986a, p.3).

A segunda professora a se apresentar foi Carmem Lucia Gabardo, Pedagoga com mestrado em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, na época, era Diretora do Departamento de Ensino. Iniciou sua carreira na Rede Municipal de Ensino em 1971, regendo uma turma de 5ª série na Escola Municipal Graciliano Ramos. Assumiu a Direção dessa Escola em 1973, permanecendo neste cargo até 1976. Em 1977, licenciou-se em função do curso de mestrado. Desenvolveu atividades no Instituto de Proteção ao Menor como Pedagoga na Orientação das monitoras de creches, associações e instituições de amparo ao menor. Professora universitária, lecionando as disciplinas: Currículo e Programa, Introdução ao Planejamento Educacional, História da Educação, Metodologia da Pré-Escola, Educação de Adultos e Economia da Educação. Foi chefe da Divisão de Ensino no Departamento de Educação no período 1983/1985. Antes de assumir a Diretoria do Departamento de Ensino, trabalhou como Assistente do Departamento Administrativo. Gabardo, em sua frase de apresentação, afirma: “Precisamos articular conceitos e interesses populares com a prática escolar”. Segue esclarecendo:

O Departamento de Ensino, órgão da Secretaria Municipal de Educação, é composto por quatro divisões: Apoio Técnico Pedagógico. Aperfeiçoamento Profissional, Ensino Supletivo e Educação Especial. Tem por finalidade principal dar respaldo às escolas no que se refere à consecução do grande objetivo a que se propõe a Escola Pública: a articulação dos conceitos e interesses populares com a prática escolar, desempenhando seu papel através de um trabalho conjunto onde educadores e

comunidade estejam atentos para democratização do saber, difundindo conteúdos sistematizados, organizados, vivos e concretos, portanto indissociáveis das realidades sociais. Considerando que este objetivo tem sentido e vida apenas em uma escola democrática, é a busca dessa escola a razão maior do trabalho do Departamento de Ensino (CURITIBA, 1986a, p.3).

A terceira professora que se apresenta nesse jornal foi Ieda Viana Tomaz, formada em Ciências Sociais pela Universidade Católica do Paraná e com mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Paraná. Professora da Rede Municipal e Estadual de Ensino, tendo lecionado em escolas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Ocupou o cargo de chefe da Divisão de Treinamento Pedagógico e diretora da Diretoria de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba. Militante nas lutas de classe do magistério em 1978 e membro do Diretório do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) desde a sua fundação. Acredita que, só com muito esforço e engajamento nas lutas sociais, é possível a construção de uma sociedade mais justa e uma educação mais digna. É membro do Conselho de Condição Feminina e do Diretório do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Foi destacada a frase “Por trás de tijolos e consertos, a postura do educador” para apresentá-la. Mostra um pouco de suas características e a preocupação de fazer com que os leitores vejam a política com credibilidade, evidenciando compromisso e seriedade administrativa. Destacamos uma parte de seu comentário no Jornal:

Cumpra à administração considerar métodos administrativos e formas de enfrentamento que passem pela transparência pública e pela participação ativa da população no planejamento, com vista ao resgate da cidadania e da credibilidade da administração pública. Sobretudo, no tocante à educação, cumpre recuperar as necessidades evidenciadas pela população. Cabe ao administrador diagnosticá-las, articulá-las e traduzi-las nas suas ações políticas, superando-as, apesar de todos os limites da administração pública. Essa não é uma tarefa fácil. Exige realmente muito trabalho, muita coerência e muita clareza naquilo que se quer ou onde se quer chegar. Estas propostas são tão simples como toda a complexidade que nelas se encerram. Pretende-se lutar para alcançar tudo aquilo no qual se acredita para melhorar a educação. Ofertar mais escolas para atendimento às necessidades e melhorar as já existentes. Para isso, já estamos de mangas arregaçadas há algum tempo e contamos com a ajuda de todos: educadores, pais, alunos, políticos,

peças, enfim, crédulas como nós, que esperam fazer deste um grande País! (CURITIBA, 1986a, p.3).

Por último, a professora Thelma Alves de Oliveira apresenta-se como Diretora do Departamento de Esportes e Recreação. Concluiu seus estudos na Escola de Educação Física e Desportos do Paraná em 1975, exercendo o magistério de 1974 até 1983. Licenciada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, desenvolveu atividades nas áreas: Escolar, Clínica e Organizacional de 1983 a 1985. Possui especialização em Psicodrama Pedagógico, tendo trabalhado com Teatro Amador nas peças teatrais: “Piquenique no Front”, “Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre” e “Como é duro fazer Política”. Ela explica que o Departamento de Esportes e Recreação é um órgão da Secretaria Municipal de Educação, tem por finalidade planejar, desenvolver, apoiar e realizar atividades esportivas e recreativas dentro do município. Para desenvolver essas atividades, conta com serviços que realizam promoções recreativas e desportivas, populares e estudantis. Tem como frase de apresentação: “Educação direcionada para uma sociedade mais justa”. A frase, escolhida pela professora, indica a direção do trabalho educacional e demarca o aspecto democrático da proposta, aliado à palavra justiça que, supomos, queria indicar igualdade entre todos, sentido democrático mais uma vez demarcado. Abaixo, citamos um trecho de sua fala:

Em sintonia com o lema ‘Curitiba, função cidade’ pretendemos fortalecer o compromisso com a população, resgatando a função social do Esporte e recreação através do incentivo à sua prática como um direito de cada e de todo cidadão e valorizar a prática do esporte e da recreação como instrumento de formação de pessoas conscientes e atuantes em seu meio de relação. Acreditamos na riqueza das possibilidades educativas do esporte e da recreação, reconhecendo a necessidade de resgate de sua função social, iniciamos sua luta, juntamente com outros apaixonados, para que o esporte e a recreação, sejam tratados como instrumentos de educação. Educação esta direcionada para a libertação, para a construção de uma sociedade mais justa e para criação, hoje e amanhã, de uma vida mais feliz. Para tanto, humildemente, optamos pelas estratégias:

1º - manter os jogos estudantis, populares e eventos recreativos, intensificando os aspectos que marcam a humanização da prática esportiva e recreativa.

2º - criar programas alternativos de atendimento à população da periferia da cidade, dando condições a todos para que exerçam seu direito de lazer e prática de liberdade. Além disso, alimentamos diariamente a expectativa de juntos criarmos

mecanismos que desempenhem a máquina administrativa para que nossas idéias, sonhos e desejos aconteçam e se multipliquem de forma crescente e irreversível (CURITIBA, 1986a, p.3).

As fotos das professoras mencionadas anteriormente, têm características semelhantes, visto que destacam seus rostos, já que foram tiradas de modo que as privilegiassem da acima da cintura, todas elas eretas com aparência séria. Olhando para as fotografias, seus semblantes passam uma sensação de autoridade, portanto, suas imagens impõem respeito.

Outra foto que aparece no mesmo *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986a, p.5) é de Heitor Wallace de Mello e Silva, Secretário de Finanças do Município. Concede entrevista ao *Jornal Escola Aberta* a fim de informar quais são as fontes de verbas geridas pelo município e quais os critérios adotados para a sua distribuição. O título da entrevista é “Plano Cruzado: a repercussão na administração municipal”. A Entrevista foi concedida a Marlise Bassfeld Gnata, que, no expediente, é apresentada como Jornalista responsável, Olinda Evangelista, está registrada no expediente do Jornal como pertencente à Equipe de Coordenação. A natureza da entrevista é justificada em seu subtítulo. Nele, menciona os gastos a serem feitos e aqueles que, apesar de reivindicações, não foram efetivados. Observamos isso quando Gnata afirma:

A Secretaria da Educação é que tem maior contingente de servidores e, conseqüentemente, tem índice de gastos evidenciado em relação às demais. Ainda assim, um dos pontos de principal dificuldade no relacionamento com as escolas é a questão orçamentária. Os professores não sabem de onde vêm e para onde vão os recursos da prefeitura (CURITIBA, 1986a, p.5).

A edição Especial do *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986b, p.5), com o título “Em busca da qualidade de ensino”, publicou informações sobre o trabalho da prefeitura em relação à educação. Neste exemplar pensamos haver a intencionalidade de comprovar, por meio de fotos, o que estava sendo feito no momento e o que ainda estava por fazer aos alunos e escolas do município de Curitiba. A primeira foto registra um grupo de alunos junto a professoras, em um espaço amplo, fazendo passos de dança. No Quadro 5, a imagem é de alunos dispostos em grupos, sentados em carteiras na sala de aula, sobre elas aparecem

quadrados com figuras e os alunos os manuseiam, o que nos faz perceber ser uma atividade relativa a jogos pedagógicos. Na página seguinte, de número 6, há outra foto, em que um grupo de crianças brinca sobre “pernas de pau”, observados por dois professores que parecem auxiliar as crianças na atividade física. Na última foto sob esse título aparece: ao fundo, uma escola e, mais à frente, vemos materiais de construção e entulhos espalhados, demonstrando o processo de reforma naquele ambiente. Nos demais jornais, encontramos gravuras diversas e apenas uma foto de evento.

A única foto de evento da Secretaria Municipal de Educação registrada nos exemplares trabalhados, foi a palestra do professor Neidson Rodrigues que abre a Semana Móvel de 1987. O artigo que segue junto a foto foi reescrita por Campos (CURITIBA, 1987, p.3), editada e publicada no *Jornal Escola Aberta*, caracterizando conteúdo e tema abordado em alguns dos artigos presentes nesses impressos. Neste evento, discutem sobre os conteúdos básicos da educação, tendo como tema a elaboração do Currículo Básico. As palavras de Campos registram o evento que havia ocorrido e leva em conta o trabalho feito pelo palestrante com as professoras, discutindo a questão em pauta:

As abordagens feitas durante as palestras levaram à reflexão sobre o papel da escola no momento atual brasileiro e trouxeram à tona a vivência do dia-a-dia na escola, recolocando questões à luz de um posicionamento político pedagógico claro. A ação da escola deve voltar-se à formação do que Neidson chama de “cidadania ampliada”. A cidadania ampliada, segundo ele, é a compreensão da complexidade do mundo em que se vive. O sujeito (aluno) cria e constrói a realidade a partir do domínio dos instrumentos que produzem a sociedade moderna e através do acesso aos bens culturais. Daí porque, neste momento histórico da sociedade brasileira, o ensino dos conteúdos das áreas deve atender às necessidades sociais que se impõem e, portanto, a formação da consciência crítica do aluno. Durante suas palestras, o professor Neidson levantou alguns pontos que seriam necessários para a consecução de uma proposta de Currículo Básico. Enfatizou que a alfabetização é um aspecto crucial a ser considerado: a escola é toda alfabetização, início do processo que possibilita a ler, entender e ouvir a língua pátria. [...] Reafirmou o professor Neidson que o papel da escola é a socialização do saber, através do qual se prepara o educando para o exercício da cidadania: “Conteúdos são como janelas para ver o mundo; o professor abre janelas para a visão da realidade”. Esta ampla responsabilidade

deve ser compartilhada por todos os profissionais da educação, num trabalho coletivo (CURITIBA, 1987, p.3).

Conforme a citação, ele defende que o aluno que se pretende formar socialmente justifica-se pela existência de uma sociedade moderna, ante da realidade da época. Percebemos a valorização de posicionamento político dado por este, segundo seu entendimento, frente à sociedade. E, para que isso se efetivasse, a escola deveria redimensionar seu trabalho de modo que os encaminhasse à democracia e à constituição do aluno como cidadão. Destaca que a maior preocupação dessa Secretaria era com a alfabetização e, nessa passagem, aborda a temática do patriotismo, menciona entender o papel da escola como aquela que democratiza o saber e prepara o aluno à cidadania almejada.

As ilustrações têm a preocupação de registrar, em sua maioria, o tema central proposto pelo artigo ou temática abordada no Jornal. Algumas delas têm características infantis, que se apresentam num único número, o de agosto de 1988 – Edição Especial, evidenciando que se tratam de ilustrações infantis. Nos demais jornais, os traços das ilustrações são bem mais definidos e elaborados, retratando o tema a ser levantado naquela edição.

QUADRO 5: Ilustrações

PUBLICAÇÃO	ILUSTRADOR DE CAPA	ILUSTRADOR DO JORNAL	QUANTIA DE ILUSTRAÇÕES
Maio/Junho 1986 ano 3 n.7	Não tem ilustração, é foto.		8
Outubro 1986 ano 3 Edição Especial	Luiz Fernando Reffo	Luiz M. Hayakawa, Fernando Luiz Popp, Seto.	5
Agosto 1987 ano 4 n.9	Lionel Andeler	Lionel Andeler	18
Fevereiro 1988 ano 5 n.10	Lionel Andeler	Retiradas de livros didáticos usados na R.M.E. e Jornal LEIA Marise Louise Nery e Miguel Paiva.	23
Julho 1988 ano 5 n.11		Consuelo A.B.P.Schlichta	5
Agosto 1988		Consuelo A.B.P.Schlichta	18

ano 5 n.12			
Agosto 1988 Edição Especial – Programa Mulher e Educação	Desenho infantil	Composto apenas por desenhos infantis.	10
Dezembro 1988 ano 5 n.13		Consuelo Alcioni B. D. Schlichta	17

Fonte: Curitiba (maio/jun. 1986, out. 1986, ago. 1987, fev. 1988, jul. 1988, ago. 1988a, ago. 1988b, dez. 1988). O Jornal registra em seu “expediente” o nome dos responsáveis pelas ilustrações presentes em seus respectivos números. Salientamos que essas informações não estão completas, faltam referências em três dos oito números de quem fez as ilustrações de capa e, em um deles, não há o nome do ilustrador das gravuras que compõem o Jornal. Baseando-nos nas informações constantes, construímos o quadro acima, com suas edições e os responsáveis pelas ilustrações de cada número do Jornal, isso quando as informações divulgadas pelo Jornal estão completas.

3.2 JORNAL ESCOLA ABERTA: SOBRE SUA TIRAGEM E MANCHETES

A tiragem dos exemplares apresenta uma alternância significativa em suas quantidades e alguns números não revelam sua tiragem. Segue o quadro das manchetes e tiragem dos exemplares pesquisados.

QUADRO 6: Tiragem e Manchete

EDIÇÃO	MANCHETE	TIRAGEM POR EXEMPLAR
Fevereiro – 1988 – ano 5 – n.10	Livro didático a favor ou contra?	10.000
Julho – 1988 – ano 5 – n.11	Avaliação na berlinda.	6.000
Agosto – 1988 – ano 5 – n.12	A aventura da alfabetização	8.000
Agosto – 1988 – Edição Especial – Programa Mulher e Educação	O Brasil está cheio de mulheres guerreiras.	8.000
Dezembro – 1988 – ano 5 – n.13	A “gincana da memória”.	4.000

Fonte: Curitiba (fev. 1988, jul. 1988, ago. 1988a, ago. 1988b, dez. 1988).

O não registro da tiragem dos jornais nos anos de 1986 e 1987 impossibilita perceber a sua abrangência nos anos iniciais do governo municipal. Em 1988, percebe-se que, em fevereiro, tem-se a maior tiragem (10.000 exemplares) entre as encontradas, já que a escolha do livro didático pelas escolas é uma atividade desafiadora para todos os professores e é sobre esse tema – Livro Didático – que o Jornal trata. Todavia, em julho, a tiragem cai 40% e, em dezembro, desce para 60% em relação ao segundo mês do ano.

Outra questão refere-se à proporção que tomaram esses jornais depois de entregues ao seu destino. A pergunta que fica é sobre o destino desses jornais. Sabemos que as escolas recebiam os jornais, mas não evidencia se cada um dos professores recebia um exemplar. Uma evidência encontrada a respeito da abrangência do *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1988b, p.2), encontra-se na coluna “Cartas à Redação”. Este é um dos poucos indicadores que temos a marca do leitor no Jornal. Chartier (1996; 1999a; 2002a; 2002b,) considera tais pistas de extrema importância para entender a forma como os leitores se apropriam do impresso e como essa resposta à leitura contribui com a História da Educação e com a Nova História Cultural. Segue citação das cartas a que tivemos acesso, conforme nossa fonte:

1 de junho de 1988

Vimos pelo presente agradecer a Vossa Senhoria o encaminhamento do Jornal Escola Aberta n. 10, de fevereiro de 1988. Na oportunidade, queremos dizer ainda da importância de contarmos com o referido material, para subsidiar nosso trabalho na Educação. Colhemos, outrossim, do ensino, para renovarmos nossos protestos de alta estima e subida consideração. Cordialmente Prefeitura Municipal/Rio Negro- PR.

20 de maio de 1988

Sou estudante do 7º período do curso de Letras Português e sinto a necessidade de estar cada vez mais atualizada em termos de Educação. Tive a oportunidade de conhecer e manusear este maravilhoso Jornal ‘Escola Aberta’, em especial a edição n. 10 fevereiro de 1988, ‘O Livro Didático – a favor ou contra’, o qual gostaria muito de receber mensalmente, pelo excelente conteúdo apresentado pelas suas edições, entre materiais disponíveis. Pela sua presteza e atenção, agradeço antecipadamente. Janice Adriane Rufato – Cel. Vivida-PR.

19 de junho de 1988

Através deste queremos agradecer pelo gesto de delicadeza por ter-nos enviado os dois jornais 'Escola Aberta'. Muito Obrigado. A riqueza de alguns pode muito contribuir para a pobreza de outros. Gostamos de novas sugestões para a educação. Quando houver oportunidade mandaremos alguém aí, para buscar os demais jornais. Com estima, grata, Ir. Lise Ana Rauber – Campo Mourão-PR (CURITIBA, 1988b, p.2).

As citações apresentadas fazem com que cheguemos à conclusão de que estes jornais não ficavam restritos às escolas municipais de Curitiba e nem às cidades mais próximas à capital. A última carta é escrita por uma professora de Campo Mourão, cidade esta que tem distância significativa de Curitiba. O conteúdo das cartas manifesta respeito e aceitação do trabalho divulgado pelo jornal. Questionamos se seriam publicadas cartas com conteúdos diferentes destes que elogiam e engrandecem o trabalho desenvolvido por essa equipe, que, nesta pesquisa, também chamamos de grupo. Seria interessante a divulgação dessas cartas em todos os números, mas não é possível saber se a opção foi não registrar cartas com conteúdos negativos e ou críticos ou se estas foram as únicas que chegaram à redação. Elas foram publicadas no Jornal de número 11 (CURITIBA, 1988b, p.2), o assunto tratado foi de certa forma um agradecimento pelo acesso destes em suas escolas.

Não é apresentada, em nenhum exemplar do Jornal, referência a valores com gasto de produção e publicação, ou se era vendido. Acreditamos não ser vendido pelo fato de não trazer nenhum valor especificado em nenhuma edição dos jornais, como os jornais de grande circulação normalmente fazem. Há a possibilidade de, nesse tipo de publicação, os exemplares terem outros patrocinadores, que não apenas a Secretaria Municipal de Educação, pela Prefeitura de Curitiba, a fim de conseguir ajuda financeira. Esse tipo de "patrocínio" está registrado em apenas dois jornais, o de número 9 (CURITIBA, 1987, p.1), em que em seu expediente menciona outra secretaria como patrocinadora, a Secretaria Municipal da Comunicação Social com 4 mil exemplares de tiragem registrada e também no exemplar de número 12 (CURITIBA, 1988c, p.1), com uma tiragem de 8.000 exemplares, patrocinado pelo Banco Nacional. O registro se faz da seguinte maneira: "Esta edição foi

patrocinada pelo Banco Nacional” (CURITIBA, 1988c, p.2). Nesta mesma página, em destaque, já que tem amplo espaço em relação aos demais no quesito estético, segue a propaganda do banco sobre os serviços disponíveis e as facilidades pelo uso de seus serviços. Se houve ajuda de custo deste ou qualquer outro patrocinador nos outros jornais, não foi registrado nas demais edições.

A tiragem parece não ter relação com o patrocínio de outras instituições que não sejam a Prefeitura Municipal de Curitiba, como é o caso do Banco Nacional, pois a maior tiragem do Jornal tem 10 mil exemplares, que é a publicação de agosto de 1988 de número 12. Acreditamos que a tiragem possa estar mais relacionada à relevância dos temas e a uma maior abrangência que possa ser dada ao Jornal, como veremos mais adiante.

QUADRO 7: Patrocinadores

PUBLICAÇÃO	PATROCÍNIO
Maio/Junho – 1986 – ano 3 – n.7	Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura do Município de Curitiba
Outubro – 1986 – ano 3 – Edição Especial	Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura do Município de Curitiba
Agosto – 1987 – ano 4 – n.9	Secretaria Municipal da Comunicação Social.
Fevereiro – 1988 – ano 5 – n.10	Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura do Município de Curitiba
Julho – 1988 – ano 5 – n.11	Banco Nacional
Agosto – 1988 – ano 5 – n.12	Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura do Município de Curitiba
Agosto – 1988 – Edição Especial – Programa Mulher e Educação	Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura do Município de Curitiba
Dezembro – 1988 – ano 5 – n.13	Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura do Município de Curitiba

Fonte: Curitiba (maio/jun. 1986, out. 1986, ago. 1987, fev. 1988, jul. 1988, ago. 1988a, ago. 1988b, dez. 1988).

3.3 JORNAL ESCOLA ABERTA: A SINGULARIDADE DE CADA NÚMERO

Não houve mudanças significativas na estrutura, organização e qualidade material nos números pesquisados. Afirmamos, portanto, que suas publicações mantêm as mesmas características físicas. A maioria dos editoriais e artigos foram escritos conforme o tema proposto para cada número, mas suas características gerais foram mantidas.

Quanto à sua circulação entre uma edição e outra nada temos de informação, é verificável apenas nas “Cartas à Redação”. Observamos também na capa do exemplar de agosto de 1988 – PROGRAMA MULHER E EDUCAÇÃO, o desenho de capa é da aluna Patrícia Mendes da Silva, aluna da 4ª série da Escola Municipal Arapongas. Lá menciona:

Participaram deste trabalho: Escolas Municipais de Rio Negro, União da Vitória, Umuarama, Irati, Padre José de Anchieta, Parigot de Souza, Maringá, Lapa, Dona Lula, Arapongas, Moradias Ribeirão, Camponesa, Papa João XXIII, Sonia Kenski, Maria do Carmo Martins, Francisco Klemtz, Vila Verde, Guilherme Butler, Pedro Dallabona, Augusto Sandino e Paranaguá. Paraná, Secretaria Municipal de Educação e Conselho Municipal da Condição Feminina (CURITIBA, 1988e, p.1).

Por essa relação de nomes, fica visível que, pelo menos neste número de Jornal, escolas municipais que vão além das cidades “vizinhas” de Curitiba participaram dessa edição, mas também cidades distantes da capital, como Maringá e Arapongas. Não há menção de como esse número de Jornal chegou a todas as escolas fora da cidade de Curitiba. Podemos, com base nos nomes anteriormente relacionados, fazer duas pontes de reflexão. A primeira é a de que é possível que a busca de laços e apoio de outras municipalidades tornava-se importante pelo fato de estar debatendo conteúdos da esfera democratizante. Discutir o tema mulher era, no momento, dar-lhe forma na aquisição de direitos e, conseqüentemente, de deveres. A segunda é que o apoio almejado seria uma forma de chamar a atenção para a capital Curitiba e, mais especificamente para o trabalho administrativo do prefeito, assim como para o pedagógico, representado pela equipe responsável na Secretaria Municipal de Educação. Os nomes das cidades ali registradas, em nosso entendimento, justificam um aval de aprovação pelo trabalho desenvolvido por esses “agentes” que representam a educação curitibana, junto à pessoa do prefeito Roberto Requião.

Propostas de leituras¹⁰, com resumo dos livros, aparecem apenas uma única vez, no *Jornal Escola Aberta* de número 7, feitas por Olinda Evangelista, na seção “Livros, Livros, Livros, Livros” (CURITIBA, 1986a, p.4). Esta professora fazia parte da Equipe de Coordenação, e escreveu esta coluna no intento de que os professores pudessem, com essas leituras, desempenhar seu trabalho com mais qualidade e competência. As referências indicadas pela professora Olinda Evangelista, conforme o seu entendimento, apresentam características marxistas, ligadas à proposta pedagógica histórico-crítica, objetiva pôr em prática os ideais democráticos almejados por esse governo municipal. Ela justifica as indicações de livros¹¹ da seguinte forma:

É preocupação da Secretaria Municipal de Educação manter os profissionais da Rede e da própria Secretaria informados sobre os livros, artigos e revistas que tenham interesse para a educação. A S.M.E. (Secretaria Municipal de Educação) entende que a competência profissional é fundamental para que se propicie um ensino de boa qualidade. Esta qualidade não está restrita apenas ao bom desempenho do professor, mas ao bom desempenho de todos os que trabalham com a educação do servente ao secretário. Nesse sentido, pretende trazer sempre à apreciação dos profissionais da educação, e até dos alunos as últimas publicações neste setor. Neste primeiro número, serão indicados livros de caráter geral. No entanto pretende-se ampliar as indicações para assuntos específicos de cada área (CURITIBA, 1986a, p.4).

Na citação acima, demonstra-se ter interesse em um professor que tenha leitura e informações, mas leituras direcionadas conforme seus planos de educação, com isso, reafirma seus interesses educacionais. Observa-se uma valorização do trabalho de todos, quer dizer, envolve todos como responsáveis e parceiros junto a eles na educação. É relatada a intenção de que, nos próximos exemplares, houvesse a continuação do trabalho de indicação de leituras. Nos demais exemplares, não houve mais esse trabalho descritivo de resumo de obras, apenas apresentam-se intenções de orientação à leitura em notas que se encontram no final de alguns textos. Chartier (1996) afirma que as notas são indicações de leituras que induzem à leitura, este é um dos mecanismos desenvolvido pela

¹⁰ Ver indicação e resumo de cada um dos livros no Apêndice A.

¹¹ Indicações de leitura, ver Apêndice A.

equipe de produtores do jornal, que pode ser enquadrada como estratégia, a fim de convencer o público de seu projeto, de sua forma de entender, ver e interagir no mundo.

Acreditamos ser oportuno de falar em outros dois conceitos trabalhados por Certeau (1994) e que são utilizadas também por Chartier (1990; 1996; 1999a; 2002a), as táticas e as estratégias. Estes conceitos são fundamentais para entender o processo de “relação” entre representantes e representados. A sua utilização por Chartier (1990; 1996; 1999a; 2002a) se espalha por suas obras, não trabalhando especificamente tais conceitos.

Destacamos que as estratégias são procedimentos previamente calculados em suas ações e ou práticas em um grupo representante. Elas podem ser aplicadas ao grupo e representadas de diversas formas, uma delas é o discurso, como acontece, por exemplo, em recursos impressos como o Jornal. Por ele, o leitor pode ser levado à coação, ser sujeitoado, convencido. Sobre as estratégias, esclarecemos:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc.) como na administração de empresas, toda a racionalização ‘estratégica’ procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ um ‘próprio’, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da Modernidade científica, política ou militar (CERTEAU, 1994, p.99).

Essas estratégias se aplicam também ao conceito de apropriação, já que nem todos serão persuadidos farão contra-sensos e demonstrarão rebeldia. Por isso, afirmamos que a luta pela representação, pelo uso de estratégias, objetivando a apropriação dos representados, não significa aceitação única por todos, visto haver pluralidade de leituras, entendimentos, interesses e interpretação. Podendo,

assim, não acontecer à apropriação conforme a intencionalidade de seus representantes. Ou seja, entre o que é proposto pela representação e o sentido construído pelo representado há uma distância, em que as discordâncias são possíveis. Portanto, consideramos como estratégias algumas das ações daqueles que exercem o papel da representação no cenário educacional municipal e Curitiba, os professores integrantes da Secretaria Municipal de Educação.

Tática, na definição mais simplificada de Certeau (1994, p.101), “é a arte do fraco”. Entende que, muitas vezes, ela se dá pela astúcia do fraco, ocorrendo em momentos que só se tem ela como recurso. Tem por característica apresentar-se ou acontecer de modo “surpreendente”, inesperado. Desse modo, o fraco, aqui, é o representado, professores das escolas públicas municipais de Curitiba, que não desempenham cargos administrativos, mas exercem sua função de ensinar nas escolas, junto aos alunos. Desta maneira, conforme o autor citado define:

[...] chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’. [...] Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar, Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (CERTEAU, 1994, p.100).

A tática mais evidente utilizada pelos professores representados foi uma moção. Podemos entender moção como uma proposta, numa reunião ou assembleia, sobre o estudo de uma questão ou a propósito de incidente que ali venha surgir. Sendo assim, na definição que aqui tentamos delinear de forma simplificada, ficam caracterizadas as condições do acaso e da astúcia conforme sugere Certeau (1994) na citação acima.

As moções¹², que aparecem em alguns dos exemplares do *Jornal Escola Aberta*, fazem explicitar a impressão dos professores sobre determinados temas ou assuntos abordados em assembleia, aceita e ou aprovada pela mesma, tornando público o seu pensar que era coletivo. No conjunto de oito números do jornal aparecem em apenas duas das edições essas moções. A primeira está na publicação de fevereiro de 1988, ano V, n. 10 com o tema “Livro didático: a favor ou contra”. A segunda está na Edição Especial PROGRAMA MULHER E EDUCAÇÃO, de agosto de 1988.

O conteúdo das duas moções faz referência ao tema proposto aos seus respectivos Jornais. A primeira delas critica o conteúdo de um dos livros didáticos avaliados. Em outra, chama a atenção para a política de editoração dos livros com o apoio do Governo Federal. Política essa que, segundo a opinião das cursistas, muito prejudica a formação intelectual do aluno, julgam-no “mutilada”, porque prejudica aqueles que têm poucas oportunidades de acesso a materiais de qualidade e que realmente contribuam para seu crescimento educacional e cultural, já que pertencem às camadas mais carentes da sociedade.

A segunda moção tem características mais reivindicatórias ao considerar alguns temas abordados pelo Jornal. Os profissionais expressam suas ansiedades e anseios como classe de “professores” e demonstram as inquietações político-sociais dentro do ambiente escolar com situações das quais não concordam e buscam sinalizar a sua insatisfação, para que sejam atendidas as suas manifestações. Esse espaço dado pelo Jornal pode ser entendido como espaço aberto aos professores para expressarem, de maneira coletiva, ideias, reflexões e inquietações. Estas moções foram posteriormente publicadas, passando antes por assembléia e sendo aceita pelos integrantes que dela participaram. Consideramos que este espaço foi pouco utilizado, devido a sua não publicação ou desconhecimento por parte dos professores de que situações como estas poderiam ser possíveis de acontecer e serem publicadas em Jornal. Afirmamos

¹² Ver moção completa no Apêndice B.

isto porque, apenas em dois jornais, aparecem estas moções. Tais manifestações possibilitam inferir como a categoria de professores estava vivenciando e respondendo a organização da Secretaria Municipal de Educação naquele momento, mas é pouco para entender como os professores estavam apropriando-se dos conteúdos e discursos professados por seus representantes.

Ao final da maioria dos artigos, aparecem notas e ou bibliografias, assim como os nomes dos grupos de trabalho que elaboraram o tal escrito. Em vários momentos, assina apenas uma pessoa, quando isso acontece, entendemos que algum membro da Secretaria de Educação se responsabilizou por escrevê-lo. Queremos destacar com isso que em nenhum momento foram observados textos produzidos por professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. No primeiro *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986a) pesquisado, o editorial menciona a quem este espaço seria aberto, conforme a citação abaixo:

Apesar de, neste número, não termos forte contribuição dos professores e das escolas, esperamos a partir do próximo, que isto aconteça. Para isto, criamos as seções “CARTAS” e “FALA PROFESSOR”. Nelas todos poderemos reclamar, sugerir idéias e contar nossas experiências pedagógicas e, por último, temos o bate-papo cultural. Se você compõe, escreve contos, poesias, publique no Jornal. É nosso desejo que o “Escola Aberta” represente sua posição diante das questões educacionais, estando, portanto, efetivamente aberto a você que deve ter muito a dizer (CURITIBA, 1986a, p.1).

Observamos que a seção “cartas” aparece em apenas um dos jornais e a seção “fala professor” não foi encontrada em nenhuma das edições deste impresso pedagógico. Dessa forma, a única expressão dos professores, nestes exemplares, aparece nas moções e cartas. Algo próximo da proposta do espaço “fala professor” está publicado no *Jornal Escola Aberta – PROGRAMA MULHER E EDUCAÇÃO*, Edição Especial de agosto de 1988, nele a participação de uma professora foi registrada de forma diferenciada, trata-se de um relato de experiência da professora Maria Cristina S. Romfeld, da Escola Municipal Dona Lula, relativo ao dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, no qual comenta a sua experiência pedagógica, a atividade desenvolvida em sala de aula sobre o

tema das diferenças sexuais, em que discutiu com os alunos a situação da mulher com base em suas vivências e em histórias de mulheres que conhecem.

Registramos acima as esporádicas “participações” dos professores nos jornais. A atenção é essencial por parte do leitor para percebê-las nas edições, por serem pequenas e ocuparem pequenos espaços e em fonte (tamanho de letra) reduzida, no canto lateral direito do jornal, no caso das moções. Entendemos tal fato como uma estratégia dos representantes, pois demonstraram a intenção de abrir espaço para os professores registrarem suas opiniões ou para que tivessem outro tipo de participação nos jornais (vocalização democrática), mas, ao longo do tempo, suas participações pouco aparecem e a possibilidade de dar “voz” aos professores não acontece de forma planejada, organizada e frequente.

Os idealizadores/realizadores, que conseqüentemente são os representantes desse grupo de professores, tentam, por meio do Jornal, criar uma identidade para o grande o grupo, aproximando representados e representantes. O interesse maior era colocar seu projeto educacional/curricular em prática. Mas, para ser possível visualizá-lo, faziam-se valer de estratégias para que seus objetivos fossem alcançados. Portanto, o sentimento de identidade social entre todos os envolvidos era fundamental para que o projeto tivesse andamento e se sentissem co-responsáveis pela implantação e possível sucesso deste. O sucesso era confiado e induzido pela propaganda panfletária “revestida” por esse Jornal. Podemos entender em seu “discurso” que esse governo não tinha espaço para o erro, já que tudo, até então, feito pelo governo municipal era indiscutível e incomparável. Tal discurso enfático também é estratégico, ao mesmo tempo que “divulga” o trabalho, de forma positiva, da administração municipal, tem em seu conteúdo um “tom” persuasivo que afirma-se acima de qualquer contestação.

Entendemos que o Jornal como estratégia, sob a perspectiva de entendimento do conceito em Certeau (1994). Explicamos: o grupo da Secretaria Municipal de Educação já tinha poder oficialmente instituído, já que foram eleitos, portanto, tinham força de decisão e poderes para fazer acontecer independente da

aceitação ou não dos professores para o novo projeto educacional. Sendo assim, entendemos o *Jornal Escola Aberta* como um artifício de convencimento e comunicação. A tentativa era promover a aproximação do professorado junto à liderança política/administrativa da educação, criando a identidade de grupo, para ter neles um apoio convencido, a fim de que os acontecimentos se desenvolvessem de forma pacífica e a contento da maioria. A bandeira levantada por meio do discurso deste governo era a democracia, para tanto, tornava-se necessário que todos “decidissem” em parceria. Mas, diante do que mostramos sobre nossa fonte, percebe-se que as decisões de como as coisas aconteciam já estavam prontas e organizadas. O Jornal, em grande parte, marcava apenas uma das “vozes” que deveria ser ouvida, a voz de quem tem o poder já estabelecido em seu cargo político/administrativo na educação.

Consideramos outra estratégia, a publicação das cartas com valoração positiva ao governo municipal. Nelas, referem-se positivamente ao conteúdo e organização do jornal. Tal posicionamento poderia ter induzido uma identificação daqueles que escreveram formalmente ao jornal, por meio de suas cartas, com aqueles que não o fizeram, identificação que pode ser dada pela ideia de pertencimento e identificação com a função e posição de grupo. O posicionamento de uma pessoa do mesmo grupo (representados) pode ter significância para quem lê, no sentido de ser “orientado”, “levado a crer” e “influenciado”, já que o conteúdo escrito por um “representado”, um semelhante do mesmo grupo é diferente daquele que vem diretamente dos representantes. Em contraponto às cartas, as moções demonstram maior insatisfação com a administração municipal em geral. Acreditamos que as moções foram registradas por forças circunstanciais, já que as questões por elas levantadas são discussões que apareceram diante do tema proposto, mas que estavam naquele momento fora de contexto, sendo publicada por força e proposta dos membros que compunham da assembleia e consideraram importante que fossem registradas.

As entrevistas existentes no Jornal foram apenas duas, do total dos oito números que temos trabalhado. Conforme a passagem de texto que traremos logo abaixo, fica a intenção de trazer outras pessoas, com outras entrevistas a serem

concedidas. A intenção é expressa no primeiro editorial do *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986a, p.1): “a cada número traremos um secretário para conversar conosco. Assim, poderemos entender melhor os mecanismos da administração pública e neles intervir de maneira objetiva”. Dito isto no editorial, na página cinco, apresenta-se a primeira entrevista. A entrevista não tem relação pedagógica em si, tem como título “Plano Cruzado: a repercussão na administração municipal” concedida a Marlise Bassfeld e Olinda Evangelista por Heitor Wallace de Mello e Silva. Tem como objetivo informar sobre os recursos destinados à Secretaria Municipal de Educação.

A entrevista concedida por uma pessoa de outra secretaria não deixa de ser uma estratégia, já que está falando de dinheiro e relacionado a recursos para a educação. Justifica os altos gastos com essa secretaria. A forma como a entrevista acontece acaba sendo uma forma de demonstrar como funciona a questão orçamentária municipal. Com isso, justifica os gastos municipais nessa secretaria, podendo ser também considerada como uma possível resposta aos professores ante as inquietações salariais não relatadas de forma direta no Jornal. Mas o fato de uma entrevista como esta estar presente no *Jornal Escola Aberta*, impresso pedagógico, reflete a necessidade de falar sobre o assunto e justificar algumas questões de como e onde estavam sendo gastos os recursos municipais, destinados à educação.

Outra entrevista tem caráter pedagógico, o Livro Didático é o tema, com o título: “Aluno e Professor buscam saídas do labirinto pedagógico”, concedida a Marlise Bassfeld, Olinda Evangelista e Sônia Monclaro Virmond por Carlos Alberto Faraco para o *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1988a, p.21). O conteúdo da entrevista gira em torno de problemas e debates que circulam acerca do Livro Didático. Na entrevista, discutem-se: a relação e a sua utilização de forma acrítica, conteúdos impostos pela política da editoração, maiores exigências para mudança do perfil do Livro Didático, a importância de fazer do Livro Didático uma ferramenta educacional e não norteador do cotidiano escolar e, por fim, que o livro não deve e nem pode ser o cativo de professores e alunos.

Também aparece uma única vez a coluna Informação no *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986a, p.6), trazendo textos curtos com avisos de todos os tipos. São seis os números de títulos que aparecem e têm os títulos a seguir: Novas Metas, Aperfeiçoamento: inscreva-se e participe, Livro didático é problema sem solução? Esporte e recreação no Circo da Cidade, Mais escolas, Relate sua experiência. Esses temas trazem informações ao educador público de Curitiba sobre cursos já promovidos e outros mais que se pretende promover, noticia suas obras e projetos tanto na recreação e esporte quanto na área de ciências a fim de integrar a comunidade à escola nas atividades técnicas e de pesquisa. Justifica-se quanto ao atraso e falta de livros didáticos nas escolas, destaca a escola inaugurada e outras mais que o serão no mesmo semestre. Por fim, pretende-se, pela Divisão de Aperfeiçoamento Profissional, abrir espaço para que os professores externem as suas práticas pedagógicas aos demais colegas, para que seja valorizado e ajude os demais a inovarem. Esta coluna não se fixa pelo seu título, uma vez que é observável em outros Jornais com textos que apresentam características como essas, em que informam, dão resposta e justificam-se ao servidor, mas não apresentam o título informação.

Nos espaços em que não estão privilegiadas as discussões pedagógicas, percebe-se um teor de prestação de contas. Geralmente, os registros estão sem assinatura, o que nos faz pensar que a Secretaria Municipal de Educação, portanto, concorda com o que e a forma como está escrito. Os espaços em que não há vínculo pedagógico, mas se referem à estrutura e organização da educação, no decorrer dos oito exemplares, expressam a necessidade de evidenciar tudo o que fosse feito, de obras que aparecem a olhos vistos e outros, como cursos e etc. caracterizam-se como uma autopromoção administrativa ou, mais diretamente, trata-se de propaganda.

No *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986a, p.4), há o título “Escola Integral: a Proposta de Curitiba”. Seu texto esclarece que a administração municipal de Curitiba tem como meta, na gestão de Roberto Requião do Partido do Movimento

Democrático Brasileiro, por meio da Secretaria de Educação, a implantação do Projeto de Educação Integrada em Período Integral. O objetivo da proposta é oferecer à criança da periferia a possibilidade de permanecer o dia todo na escola. Com esse aumento da jornada escolar, a Secretaria pretende desenvolver, além das atividades curriculares obrigatórias, atividades artísticas, recreativas, oficinas culturais, tarefas orientadas, atividades do cotidiano e atividades livres, que, se trabalhadas de forma integral, contribuirão para melhor rendimento escolar. Segue informando sobre seus princípios básicos e como irá funcionar esse projeto. Segue a citação que o explica:

1º - repensar o papel da escola, garantindo o acesso da criança oriunda das classes trabalhadoras ao conhecimento socialmente produzido e o desenvolvimento de habilidades necessárias para a vida.

2º - a noção já adotada como premissa, de que dispêndio e custos na área educacional significam investimentos.

3º - utilização de recursos físicos disponíveis, isto é, adaptação das escolas através da construção de pavilhões onde funcionarão refeitórios, área de esporte coberta, salas para atividades complementares, área de serviço, sanitário, etc. [...] Além da integração com as Secretarias Municipais, um convênio foi firmado com um grupo de professores da Universidade Federal do Paraná, para desenvolver um trabalho pedagógico conjunto. O que supõe uma nova orientação da escola e nos seus procedimentos. Ou seja, o salto de qualidade visto hoje como desafio para educação só será possível mediante mudanças estruturais nos conteúdos e métodos que deverão ser, necessariamente, voltados a esta criança de cultura diferenciada e economicamente desfavorecida (CURITIBA, 1986a, p.4).

Inicialmente, o Jornal tinha seus conteúdos e organização direcionada de modo mais específico para os professores, mas, posteriormente, acreditamos que seus idealizadores perceberam que este também poderia ser uma forma de chamar a atenção e “conquistar” a comunidade em geral para as mudanças que propunham. Percebe-se que o discurso e as propostas estavam voltadas a toda comunidade. É visto pela proposta de escola integral que as mães trabalhadoras, além de terem onde deixar seus filhos, estes ainda teriam atividades socioculturais de qualidade. E acrescenta que isso tudo não é gastar, e sim investir nas pessoas de baixo poder aquisitivo. A questão da economia com os recursos públicos também é algo que, provavelmente, é apresentada de forma

positiva, isso fica exposto ao mencionar que se deve fazer de tudo com o menor investimento possível de dinheiro, aproveitando os recursos, materiais e estruturas que já dispõem, fazendo apenas as melhorias necessárias. Menciona, ainda, que a capacitação dos professores, para as mudanças de conteúdos e métodos na educação, deve adequar-se aos alunos economicamente desfavorecidos. Todo esse discurso, acreditamos ter sido de agrado de significativa parcela da sociedade.

O texto “Compromisso da Administração” (sem assinatura) está no *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986b, p.2) e possibilita inferir que as reivindicações salariais dos professores existiam. Nele, aparecem oito questões e menção a três medidas da prefeitura, as quais foram respondidas pela administração, mas não há assinatura de quem redigiu. As perguntas referem-se a salário, promoção de funcionário por merecimento, cursos de 4ª a 8ª séries para adultos, enquadramento de 10% aos professores para pagamento de habitação, criação de creches para filhos de funcionários, lotação de professores nas escolas, ajuda de custo a professores que trabalham em escolas de difícil acesso, férias e horas extras e, por último, registra as medidas já determinadas pela administração fora das reivindicações, demonstrando que está sendo feito além do que foi reivindicado. Nas passagens abaixo, registramos o tom enfático que aparece em certos trechos.

Diante das reivindicações de melhorias salariais dos professores, o prefeito tem sido claro nas suas negociações. Embora ele a considere justa, mas não pode ser atendida por falta de disponibilidade orçamentária. O orçamento seria suficiente se fosse melhor administrado? Não é verdade. A austeridade vem constituindo-se marca da atual administração. Estamos acabando com todo o desperdício. [...] Nosso jogo é do diálogo franco e da transparência administrativa. Não jogamos com a desinformação. [...] Estamos trabalhando na implementação das propostas vitoriosas na última eleição. Com a sua ajuda e com o respeito mútuo conseguiremos alcançar nossos objetivos que são a melhoria do ensino e da qualidade de vida de todos os funcionários municipais (CURITIBA, 1986b, p.2).

Neste texto, são destacadas as características do bom administrador municipal, como aquele que acaba com o desperdício e tem como marca a austeridade. Justifica que tais manifestações são feitas de maneira que todos sejam informados, evidenciando a tentativa de tirar qualquer impressão de promoção pessoal ou administrativa. Identifica o projeto administrativo com a qualidade de vida dos funcionários e que pretende oferecer a estes, na função em que atuam, uma participação profissional próspera, para que melhorem a qualidade do ensino.

No mesmo Jornal, um artigo escrito com o título “1987: o maior orçamento da história da Secretária Municipal de Educação” apresenta a aplicação orçamentária na educação como um de seus grandes investimentos. Coloca-se na história como o maior orçamento e a Rede Municipal, com seus professores e recursos materiais, como uma das melhores do país. Aqui, é perceptível a intenção de “super” prestigiar o trabalho da Administração Municipal e de valorizar seus professores. Destoa de toda a proposta que visa pôr em prática uma renovação educacional e também contrasta com os dados alarmantes de evasão e repetência, que é uma das principais justificativas para a renovação educacional que a Secretaria Municipal de Educação propõe para a cidade de Curitiba. Assim, marca-se a necessidade de uma aproximação e ou identificação com os funcionários da educação e é feita a crítica aos governos municipais anteriores.

[...] antes estávamos sob a égide de um regime que não tinha a Educação como fim e sim como meio de implementar uma visão autoritária de sociedade, um império de desinformação, na tentativa de tornar uma geração em massa acrítica. Para a atual Administração, mais que uma bandeira, este ideal é um dever e a prova mais palpável disto é a dotação orçamentária prevista para a Educação em 1987. [...] a dotação orçamentária para a educação em 1979 o orçamento correspondia a 10,59% [...] e em 1987 a 24,54%. Assim, a dotação para 1987 passa para Cz\$ 533.617.000,00. A intenção é promover a Secretaria de meios para execução de seus audaciosos projetos: a expansão da rede, ampliação da pré-escola, a escola integral e do horto, a recuperação das escolas, entre outros. Visa promover definitivamente um salto na qualidade de ensino, através do aperfeiçoamento profissional com palestras, cursos, seminários, semanas móveis e oficinas. [...] A Rede Municipal de Ensino já pode orgulhar-se de ser considerada uma das melhores no país,

tanto pelas condições materiais quanto pelo nível dos professores. Os meios para que esta condição avance estão dados. O que resta é o trabalho de todos nós para que transformemos a Educação num instrumento de libertação dos nossos jovens e de nossa Nação (CURITIBA, 1986b, p.3).

Outra estratégia significativa, identificada na edição do *Jornal Escola Aberta*, Edição Especial de outubro de 1986, com o título “Em busca da qualidade de ensino”¹³, organiza em tópicos informações ao professor não relacionadas ao seu “fazer pedagógico”. Embora a coluna não leve o nome Informação, é isso que faz, mostra por este espaço o que a Administração Municipal fez, estava fazendo e ainda faria naquele contexto pela educação. Essa coluna é extensa, preenche três páginas no formato do Jornal. Na sequência, outros textos aparecem nas mesmas características e completam mais duas páginas que, a nosso ver, consistem em informações sobre os atos do governo municipal. Os próximos títulos de artigos apresentam as mesmas características informativas mencionadas posteriormente, aparecem sob os títulos: “Condições Infra-Estruturais” e “Outros Programas”. Este Jornal é praticamente voltado para informações sobre o que estava sendo feito na Administração até aquele momento. Tais títulos e conteúdos conotam preocupação em divulgar o trabalho do governo municipal, no intento de evidenciar e valorizar o trabalho dessa administração.

¹³ Ver Apêndice C.

4 JORNAL ESCOLA ABERTA: SUA ORGANICIDADE

Pretendemos abordar neste momento, os conteúdos dos artigos, editoriais e manchetes, os quais dão organicidade ao periódico. Para a abordagem dos editoriais, foram estabelecidos dois critérios: assinados por representantes da Secretaria Municipal de Educação e editoriais que não apresentam autoria. As manchetes são apresentadas por meio de suas inter-relações com os temas dos editoriais e discussão do conteúdo dos impressos número a número do Jornal, respectiva quantidade de páginas e sua tiragem.

Algumas características básicas presentes no *Jornal Escola Aberta* permanecem em todos os exemplares. Observamos que manchete, editoriais, expediente, edição, dia e local estão impressos nos moldes de jornais convencionais que configuram na grande imprensa. O nome do Jornal vem no alto da primeira página em todos os exemplares, a única diferença está no tipo de letra que aparece na edição de maio/jun. de 1986, ano 3, n.7, em que a escrita está em forma manuscrita/cursiva. O título parece estar grafado em um pedaço de papel de caderno, apresentando linhas e rasgado. Acima do nome do Jornal, no alto da página, está escrito Prefeitura Municipal de Curitiba e, abaixo deste, Jornal da Secretaria Municipal de Educação. As demais edições mantiveram um mesmo padrão, com a escrita em caixa alta no alto da primeira página e a palavra AbertA com os dois "AS" maiúsculos.

Em semelhança com os jornais de grande circulação, as manchetes apresentam-se com palavras em fonte maior e em negrito, destacam o tema central a ser abordado naquele número, assim como os editoriais. O Jornal não segue e ou estabelece um padrão de organização como fazem os da grande imprensa ao constituírem seus cadernos, seções ou colunas. Em nenhum deles aparece o índice para que o leitor organize o manuseio. Não estabelece uma rotina de produção.

4.1 EDITORIAIS: O QUE EXPRESSAM?

Em geral, os editoriais não são assinados, por indicar uma tradução de linha de pensamento e argumentação do Jornal (idealizadores) como um todo, no seu processo de construção/edição/publicação. Dentro desta perspectiva, a pergunta a ser feita é: Por que três dos editoriais estão assinados? Outro questionamento a ser feito tem relação com o papel do editor neste Jornal, uma vez que acreditamos ter ele função e ou organização diferenciada em relação a outros jornais da grande imprensa e ou de outros materiais em que seja necessário o uso de editorial. Três é o número de jornais em que os editoriais estão assinados¹:

- outubro – 1986 – ano 3 – Edição Especial – Assina Ubaldo Martini Puppi;
- agosto – 1987 – ano 4 – n.9 – Assina Ubaldo Martini Puppi;
- dezembro – 1988 – ano 5 – n.13 – Maria Auxiliadora Schmidt assina.

Nos três editoriais² acima listados, percebemos a predominância do discurso político, na tentativa de convencimento do professorado para a proposta educacional que a Secretaria Municipal de Curitiba almejava colocar em prática.

No primeiro Jornal com editorial assinado³, discutia-se o tema, apresentado em manchete, “Democratizar a educação: Projeto presente”. Neste Jornal, não há um tema exclusivamente pedagógico, estão presentes apenas informações referentes ao trabalho da administração no município, apresentando o que havia sido feito até o momento e o que ainda se pretendia fazer pela educação curitibana. As palavras chamam a atenção do leitor para a eficiência e o reconhecimento do trabalho desenvolvido pela administração municipal até o momento. São palavras

¹ Dois deles estão assinados pelo Secretário de Educação Ubaldo Martini Puppi. Maria Auxiliadora Schmidt assina outro editorial, não há menção ao cargo ou função específica que desempenhava na Secretaria Municipal de Educação e nem no Jornal. Em um dos expedientes do *Jornal Escola Aberta* (ago. 1987), aparece seu nome no “grupo de revisão geral”. Em um dos exemplares deste Jornal (dez. 1988) ela aparece no expediente como integrante do Conselho Editorial e também no Grupo de Revisão daquela publicação.

² Editoriais na íntegra – verificar Apêndice D.

³ Outubro – 1986 – ano 3 – Edição Especial – Ubaldo Puppi.

fortes que induzem a um pensamento unilateral em relação ao trabalho desenvolvido pelo prefeito em prol da educação. Puppi (CURITIBA, 1986a, p.2) deixa para o leitor a responsabilidade de conferir os dados apresentados no Jornal, para que este possa concordar (ou não) com tudo o que se tem tornado evidente segundo este dirigente educacional.

No segundo editorial assinado⁴, mais uma vez, exalta-se a figura do prefeito pela disposição e responsabilidade em fazer de sua campanha política objetivo de trabalho, enfatizando que a responsabilidade e o compromisso administrativo são características louváveis do mesmo. Destaca que o prefeito objetiva fazer um trabalho diferenciado, em que o caminho mais justo e correto é levar a educação rumo à democracia e o aluno, conseqüentemente, aprender a exercer seu papel de cidadão. No final de seu registro, elenca os temas a serem abordados na edição, o Currículo e o conteúdo deste currículo.

O terceiro editorial⁵ analisa como nossa sociedade tem trabalhado, preservado e divulgado o tema Memória. O jornal vem com a proposta de trabalho e divulgação dos projetos executados pela escola/comunidade/Secretaria Municipal de Educação, idealizado por essa última. A ideia era divulgar e popularizar o trabalho para que outras escolas seguissem o exemplo. Fecha seu comentário enaltecendo o bom trabalho desenvolvido nessa parceria.

Esses editoriais são forte expressão em fazer-se reconhecer como sendo o melhor trabalho municipal, evidenciando sua preocupação com o cumprimento das propostas eleitorais e, ao fazer isso, registra um forte discurso de tônica panfletária. Objetivavam o apoio e o reconhecimento da comunidade escolar, mais especificamente dos professores.

A estratégia que se faz presente propõe convencer pelo ato político em si, demarcando as obras físicas, que são visíveis e reconhecíveis, percebidas sem

⁴ Ubaldo Puppi (CURITIBA, 1987, p.2).

⁵ Maria Auxiliadora Schmidt (CURITIBA, 1988d, p.2).

esforço, “saltam” aos olhos. O registro de Puppi (CURITIBA, 1986b, p.2), parece exigir dos leitores tal reconhecimento, aceitação e até admiração pela figura do prefeito. Entendemos que a aproximação leitor/administração é almejada de forma que expresse o empenho do trabalho administrativo municipal, incutindo nos leitores a noção de todo o esforço e a necessidade de valorização do trabalho político/administrativo. Percebe-se o destaque ao trabalho do prefeito de Curitiba como algo único até o momento. Entendemos que os editoriais assinados assim o foram como estratégia de indução ao reconhecimento pelas obras realizadas, as quais poderiam ser visivelmente identificadas.

Conforme as leituras feitas para compor este estudo/análise na perspectiva de representação de Chartier (1990, 1996, 2002a), acreditamos que a identificação dos autores e também dos editores, citados logo a seguir, foi feita, em primeiro momento, como uma forma de identificação e apresentação de autoridade, colocando-se como membros responsáveis pela reforma do projeto educacional da “nova” Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, que tomava posse juntamente com o novo prefeito eleito, Roberto Requião. Assim, além de fazer a interlocução entre o público-leitor e o prefeito, automaticamente, posicionavam-se como representantes do poder, com a incumbência de exercer trabalho na Secretaria Municipal de Educação. O Jornal contribuiu para estabelecer contato entre os representantes dessa Secretaria e os professores municipais, visto que seriam estes que trabalhariam de maneira efetiva para a viabilização de ações que fosse levada a termo à “nova” proposta educacional.

Nos demais editoriais, observamos a apresentação dos conteúdos desenvolvidos que estruturam a base da edição, tendo a função de apresentar o impresso, como uma introdução a todos os temas abordados no Jornal, demarcando o assunto principal que os artigos tratariam.

A função do editor desse Jornal destaca-se pela responsabilidade de supervisão de todo o material preparado à veiculação no Jornal. No *Jornal Escola Aberta*, esta tarefa fica dividida entre diferentes pessoas. Esse fato vê-se registrado em

expediente, na função de Conselho Editorial, os nomes daqueles que mais se repetem de uma edição e outra são Marlise Cássia Bassfeld, Olinda Evangelista, Grenilda Lis Zobot, Regina Cely Campos, Carlos Roberto Viana.

É possível perceber que os nomes acima apresentados aparecem assinando artigos, como responsáveis por grupos de estudos e também por entrevistas. Esse fato nos dá parâmetro para entender como se organizava o trabalho do grupo em exercício de representação. Percebe-se que todos aqueles que estavam responsáveis pela execução do novo projeto educacional participavam afincamente de todo o processo de planejamento das práticas de mobilização dos professores representados e, posteriormente, no processo de elaboração e publicação do Jornal. Entendemos que há um revezamento nas diferentes atividades até a finalização do Jornal.

O trabalho realizado pelo grupo citado dividia-se desde a organização pedagógica de encontros, palestras e cursos, até os textos que configuraram os conteúdos do Jornal com as diferentes leituras e ainda outros materiais que complementavam a composição final do Jornal, como: figuras, fotos, gravuras, cartas, frases de pensadores, etc. Enfim, a organização e publicação do Jornal objetivavam colocar em prática as propostas desses professores representantes, para que os demais profissionais da educação, os professores representados, fossem preparados a entender, aceitar e trabalhar na proposta empreitada naquele momento pelo grupo representante.

Os jornais que não apresentam, em expediente, o Conselho Editorial são:

- maio/junho – 1986 – ano 3 – n.7;
- outubro – 1986 – ano 3 – Edição Especial – Assina Ubaldo Martini Puppi;
- agosto – 1987 – ano 4 – n.9 – Assina Ubaldo Martini Puppi.

Observamos que, no Jornal de outubro de 1986, o expediente não foi registrado, portanto, não há informação sobre o Conselho Editorial e nem sobre a tiragem, fotos, datilografia, assessoria e outros. Os números dos jornais mencionados abaixo publicam, no expediente, o nome de todos os integrantes do Conselho

Editorial.

- fevereiro –1988 –ano 5 – n.10;
- julho – 1988 – ano 5 – n.11;
- agosto – 1988 – ano 5 – n.12;
- agosto – 1988 – Edição Especial – PROGRAMA MULHER E EDUCAÇÃO;
- dezembro – 1988 – ano 5 – n.13.

4.2 MANCHETES: O QUE REVELAM? QUE PREOCUPAÇÕES EVIDENCIAM?

As manchetes são entendidas como importantes pelo grupo que organiza o jornal se visualizarmos os títulos que o *Jornal Escola Aberta* prioriza em cada um dos seus números. A sustentação do assunto/foco da edição, desenvolvido com base na Manchete, há um formato específico para o número do periódico, deflagrando o conteúdo dos editoriais, a tiragem (Quadro 6) e, ainda, a quantidade de páginas por exemplar (Quadro 8). São informações que podem melhor esclarecer os enfoques que a Secretaria Municipal de Educação priorizou para discriminar os assuntos que foram considerados de maior interesse para o cumprimento dos objetivos, quer fossem mais gerais, representativos do projeto da própria Secretaria, quer mais específicos, porque organizados para uma edição do tablóide.

Apresentamos, abaixo, um quadro no qual listamos todos os números/publicações do Jornal, as páginas para poder observar (Quadro 6) a relação estabelecida entre a tiragem e o volume de cada um desses exemplares, pensando ainda na interação que pode ser estabelecida com o tema da Manchete em cada número. Em suma, resolvemos adicionar os dados de quantia de páginas para verificar se a ideia ou tema de cada Manchete tem relação com o número de páginas impressas. Pretendemos, com isso, refletir se os temas com maior relevância para a Secretaria Municipal de Educação apresentavam maior número de páginas.

QUADRO 8: Relação Manchete Página

PUBLICAÇÃO	PÁGINAS	MANCHETE
Maio/Junho – 1986 – ano 3 – n.7	8 páginas	Diretor da Escola: Mais do que um administrador.
Outubro – 1986 – ano 3 – Edição Especial	8 páginas	Democratizar a Educação: Projeto do Presente.
Agosto – 1987 – ano 4 – n.9	31 páginas	Currículo Básico nas Escolas Municipais
Fevereiro – 1988 – ano 5 – n.10	24 páginas	Livro Didático a Favor ou Contra?
Julho – 1988 – ano 5 – n.11	12 páginas	Avaliação na Berlinda.
Agosto – 1988 – ano 5 – n.12	24 páginas	A Aventura da Alfabetização.
Agosto – 1988 – Edição Especial – Programa Mulher e Educação	24 páginas	O Brasil Está Cheio de Mulheres Guerreiras.
Dezembro – 1988 – ano 5 – n.13	12 páginas	A “Gincana da Memória”.

Fonte: Curitiba (maio/jun. 1986, out. 1986, ago. 1987, fev. 1988, jul. 1988, ago. 1988a, ago. 1988b, dez. 1988).

Em relação ao número de páginas, percebemos oscilações de um número para outro. Não encontramos nenhum tipo de comentário que justificasse tal oscilação, mas consideramos a questão relevante em função da não-regularidade em termos quantitativos para cada uma das edições.

A edição de agosto de 1987, com 31 páginas, foi patrocinada pela Secretaria de Comunicação Social, e a manchete sobre o **Currículo Básico nas Escolas Municipais**. Foi a maior quantidade de páginas dentre todas as edições pesquisadas. O tema apresentou-se como preocupação em toda a composição do tablóide. Revela intencionalidade de persuasão, objetiva encontrar e constituir adeptos à ideia de que Curitiba precisava de um Currículo que viesse harmonizar o trabalho nas escolas, e a composição das seções evidenciam a importância atribuída a essa discussão. Por meio das argumentações de Gabardo (CURITIBA, 1987), demarcamos alguns registros que retratam a realidade escolar daquela época, interligando isso a outros autores que fizeram reflexões que mostram situações pertencentes ao universo institucional escolar e que tivemos acesso por meio desse Impresso Pedagógico.

Na passagem a seguir, Gabardo (CURITIBA, 1987, p.3) expõe como compreende o problema educacional e afirma que deveria ser a administração pública a tomar

a iniciativa do trabalho para resolver tal situação. Deixa claro ao leitor, em nome do grupo de que faz parte, o compromisso e o reconhecimento das dificuldades e necessidades de mudanças para melhorar a educação do grupo popular mais humilde. Afirma Gabardo:

A concentração de rendas e o atrelamento das políticas sociais às exigências econômicas exigem o redimensionamento dos investimentos governamentais para as áreas de atendimento social. Este contexto releva a distância existente entre o avanço em determinadas áreas, como a tecnologia, por exemplo, e a incapacidade do sistema educacional deste país em cumprir a contento a tarefa básica de ensinar a ler e a escrever à maioria da população (CURITIBA, 1987, p.3).

Identifica, na passagem a seguir, a área educacional com maiores problemas na aprendizagem, no caso, a alfabetização. Destaca uma posição decisiva ao defender que essa fase do ensino deve ser privilegiada e as condições para essa maior atenção devem ser dadas. Para isso, Gabardo aponta, como auxílio a esse trabalho, assessoramentos específicos para a alfabetização, assim como para o trabalho pedagógico.

A discussão e implantação do Currículo Básico definem também a necessidade de priorizar o atendimento das séries iniciais e o enfrentamento efetivo da questão da alfabetização. O atendimento às séries iniciais dar-se-á através de assessoramentos que subsidiarão o processo de escolarização básica. Tal assessoramento visa discutir tais alternativas metodológicas para o trabalho na alfabetização. Ao lado disso teremos um trabalho de assessoramento profissional que assegurará o trabalho pedagógico. Nesse processo de amplas discussões, necessário se faz que a Associação do Magistério abrace conosco a luta pela melhoria da qualidade do ensino, superando o estigma da escola incompetente. É necessário, também, que todos os que atuam neste espaço empenhem-se na realização da função da educação escolar, ensinar e ensinar bem (CURITIBA, 1987, p.3).

Com base no texto acima, acreditamos que há uma crítica que está além da falta de “competência” dos alunos em aprender, justificada por circunstâncias sociais, as quais afetavam a maioria dos alunos. Percebemos que Gabardo entende que o professor também é parte muito importante no processo de aprendizado, uma vez que enfatiza a necessidade de assessoramento aos professores.

Por último, chama atenção dos professores para uma parceria no trabalho que está sendo proposto pela Secretaria. Afirma que os dirigentes não desmerecem a necessidade de que os professores trabalhem conjuntamente nesse processo de busca pela qualidade do ensino, porque desejam superar o “estigma de escola incompetente”, mas, ao mencionar isso, toda uma crítica está por trás: aos governos anteriores que não trabalharam em prol dessa melhoria, ao trabalho dos professores que é incompetente, e aos alunos a quem a escolarização é um desafio. No caso dos alunos, a justificativa de Gabardo limita-se à ideia de carência social/econômica vivida pelos mesmos.

No comportamento do grupo representante em relação ao grupo representado, percebemos que os representantes expressam em nome de todos os professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, dados levantados e também apresentam hipóteses e cobranças, compreendidas como necessárias ao trabalho do profissional da educação. Para manter a força discursiva, é preciso uma identificação com o leitor. Para isso, usou estratégias que abordam o tema de forma leve e aponta a culpa de forma generalizada para os fracassos na educação. Gradativamente, são evocados os objetivos a serem alcançados, estabelecendo as melhorias que deveriam ser feitas e como deveriam ser feitas.

O número de fevereiro de 1988 do *Jornal Escola Aberta* possui 24 páginas, e com a manchete **Livro didático a favor ou contra?** Seu artigo evidenciou o uso do livro como apoio constante e insubstituível, portanto, a necessidade de saber utilizá-lo e fazer suas leituras de forma crítica e contextualizada, destacando, ainda, a importância de saber fazer as escolhas corretas para os novos livros. O intuito era conscientizar o professorado de que escolhas mal feitas os condenariam a um trabalho de má qualidade, estariam sendo direcionados pela política da editoração e pela falta de conhecimento. Este tipo de livro, geralmente, é o único material a que o aluno tem acesso para estudo e leitura na realidade em que vive.

Na edição de agosto de 1988, o *Jornal Escola Aberta* apresenta 24 páginas e a manchete é **A Aventura da Alfabetização**. Esta temática, no decorrer da leitura

dos artigos e editorial, evidencia preocupação e cuidados. Aborda, de forma detalhada, artigos de diferentes assuntos que poderiam assessorar aos professores na alfabetização, destacando objetivos a serem alcançados para maior qualidade de ensino na alfabetização. Isso porque os índices de analfabetismo, evasão e repetência eram altos, sendo assim, urgia buscar outras formas de promover a alfabetização, que trouxessem o aluno de volta para a escola e lá o mantivesse.

Preocupação semelhante envolveu o tema da avaliação, que foi tema no *Jornal Escola Aberta* de julho de 1988, 12 páginas, com a manchete: **Avaliação na Berlinda**. O número de páginas é bem próximo a outros, mas percebe-se empenho em discutir e orientar os professores nesta parte que compõe o processo ensino-aprendizagem na escola. O tema avaliação está diretamente ligado às manchetes anteriores. Relação estabelecida com a qualidade da alfabetização e com a proposta de um novo Currículo, atrelado a uma nova metodologia de ensino baseada na pedagogia histórico-crítica. A efetivação com sucesso de ambos – alfabetização e currículo – estava na dependência direta de um instrumento eficiente de avaliação, o que se refletiria na qualidade do ensino. Os analfabetos que desistiam da escola aumentavam a porcentagem estatística de evadidos. Para muitos, isso acontecia por responsabilidade da avaliação, que, no processo educativo, possuía decisão sobre a vida escolar do aluno, conforme a escola utiliza essa ferramenta de ensino o aluno pode desistir ou evadir-se da escola ou envolver-se ainda com sua aprendizagem.

O impresso de agosto de 1988 apresenta uma Edição Especial – Programa Mulher e Educação, 24 páginas, com o tema: **O Brasil Está Cheio de Mulheres Guerreiras**. Seu conteúdo contribuiu não apenas para discutir o papel das diferenças de tratamento na sociedade, como defendeu o desenvolvimento de um ambiente democrático. Este exemplar ofereceu a oportunidade de discutir uma temática que, por muito tempo, foi vista como tabu. Assim, a intenção da Secretaria, conforme podemos observar, é prestar contas da proposta democrática ao tema da mulher e, por decorrência, à etnia, essencial para enriquecer a formação dos professores e a percepção de abertura social que a Rede queria que o professorado assumisse.

A edição de dezembro de 1988 do *Jornal Escola Aberta* tem 12 páginas, sua manchete, **A Gincana da Memória**, tem por objetivo mostrar a sua preocupação com a questão da memória cultural, da lembrança e da preservação cultural. Esta preocupação não fica centrada apenas nas camadas mais ricas da população, mas estende-se a todas, especialmente àquelas que não têm acesso aos bens culturais e que a Secretaria busca desenvolver. Pode-se perceber que a busca em estabelecer uma relação entre passado e presente na realidade da população é constante. A Secretaria, com a ajuda de outras secretarias do município, procurou resgatar a memória dos bairros, por meio de atividades que uniam escola, secretaria e comunidade. Essa proposta de trabalho visava valorizar e conhecer o que a periferia tem e pode oferecer dentro de uma proposta pedagógica, no sentido de desenvolver um trabalho crítico na sociedade, conforme a proposta educacional vislumbrada pela equipe da Secretaria Municipal de Educação. Assim se expressa Petronzelli (CURITIBA, 1988d, p.6):

Valorizar esse conhecimento e incentivar a sua transmissão é condição necessária para preservar este conhecimento historicamente preservado de geração para geração. As influências do mercado consumidor são muito grandes e verificamos diariamente em farmácias e drogarias, verdadeiras liquidações de medicamentos, de qualidade duvidosa e que passam a ser consumidos 'naturalmente'. Portanto, se faz necessário questionar a ação destes mercadores de remédios que vêem o lucro como única instância. É preciso valorizar o conhecimento da medicina popular, cujo conhecimento e qualidade está em sua sustentação histórica que chega a nós como resultado da ação do homem. Precisamos compreender que é através da ação coletiva e organizada que conseguiremos viabilizar soluções para o que foi anteriormente proposto e que vai garantir as condições básicas de vida.

Reiteramos que as manchetes apresentadas em cada exemplar revelam e direcionam as preocupações educacionais da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. Percebemos que cada uma delas compõe uma linha sequencial que facilita a compreensão e possível utilização do projeto de educação que seus profissionais, naquele momento, estavam elaborando e implementando. Vejamos por que.

Na primeira manchete, **Diretor da Escola: mais do que um administrador**, a preocupação era orientar e definir aos diretores escolares o seu papel frente à educação/administração democrática, de forma que fossem exemplo para sua comunidade escolar, e, ao mesmo tempo, seguissem a proposta conforme os direcionamentos de seus representantes. A segunda é denominada de **Democratizar a Educação: Projeto do Presente**. Evidencia que as orientações para adequar viabilizar o trabalho pedagógico com a nova proposta já estavam dadas e essa edição concentraria esforços para ajudar o professorado a entender os objetivos e a metodologia de trabalho que aquele contexto “exigia”. As manchetes seguintes: **Currículo Básico nas Escolas Municipais**, **Livro Didático a Favor ou Contra?** **Avaliação na Berlinda** e **A Aventura da Alfabetização** mostram, tomando por base tais temas, como encaminhar, de forma efetiva, as mudanças curriculares necessárias para que o novo projeto pudesse, de maneira eficiente, “atrair” e manter o aluno em sala de aula, uma vez que os conteúdos apontados sob os temas currículo, livros didáticos, avaliação e a nova proposta de alfabetização estavam de acordo com a linha teórico/metodológica escolhida para fazer a educação curitibana democratizadora. Já as duas últimas manchetes, **O Brasil Está Cheio de Mulheres Guerreiras** e **A “Gincana da Memória”** tratam de projetos trabalhados em algumas escolas que exemplificam como a interação escola comunidade, por meio de informações e conhecimentos, contribui para a educação conforme a proposta pedagógica implantada.

Desta maneira, pensamos que a organização dos conteúdos, observada pelo que cada manchete apresenta como tema, expressava as preocupações educacionais da Secretaria e ajudava os profissionais com ela envolvidos a rever e reformular suas concepções diante da nova proposta de educação. Percebe-se que os conteúdos que poderiam ajudar nessas mudanças foram organizados de forma que os professores pudessem incorporá-las de forma facilitada no seu fazer pedagógico.

4.3 ARTIGOS: QUAL O SEU CONTEÚDO?

O assunto dos artigos nos Jornais pesquisados está de acordo com o que sugere sua manchete e o que adianta o seu editorial, relacionados ao mesmo tema. É visível como os artigos acabam tornando-se redundantes. Isso acontece porque cada um dos jornais está organizado sob um único tema. Perpassa pelos jornais um discurso carregado de “intencionalidades” políticas e de “autopropaganda” em relação ao governo municipal.

No primeiro *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986a), são apresentados alguns membros importantes da Secretaria Municipal de Educação e o Prefeito de Curitiba fala aos leitores. Estes foram mencionados anteriormente quando falamos das fotos presentes nos jornais. Nesta edição, a intenção é caracterizar ao público-leitor as mudanças que precisam e vão ser feitas para por em prática um novo currículo, o Currículo Básico. Esclarecem que, para isso, é preciso uma reforma educacional completa, da estrutura física e material à profissional. Dentro dessa perceptiva, o leitor é informado das mudanças estruturais que estão sendo feitas e que se pretende fazer.

Lembrando que o discurso em pauta é o da democratização, coloca-se como responsável a atual administração para promover tais mudanças. A democratização, tema desenvolvido para ser discutido entre os administradores da escola nessa edição, justifica-se por responsabilizar a chefia para uma postura exemplar. Devia entender e por em prática o sentido do que é e como fazer a democratização por meio da escola. O diretor era considerado apoio incondicional da Secretaria Municipal de Educação para desenvolver seu projeto, deveria ser exemplo para todos nessa empreitada democratizante, em especial nas mudanças que se instauravam naquele momento. Destacam-se alguns temas que, em números posteriores, foram transformados em tema para o Jornal, como é o caso da Gincana da Memória, que, no artigo, tem o nome de “Memória quer resgatar cultura local”. O outro é o tema mulher, o título do artigo leva o nome de “Novo tempo para a mulher”. Este Jornal ganha um número inteiro para discutir o tema, junto a textos de crianças nele publicados.

A Edição Especial do *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986b) é composta integralmente por artigos que consideramos tratar das ações administrativas em benefício da educação. Tudo o que foi mencionado nesta edição tem como cunho valorativo destacar o poder político-administrativo do atual Prefeito. O mesmo número dá resposta às reivindicações dos professores, não se explica como foram encaminhadas essas reivindicações para o Prefeito, mas, nesse número, ele dá a sua resposta.

Os dois primeiros números do *Jornal* visam conscientizar para o projeto educacional no qual começavam a trilhar. Para que os professores tivessem ciência da realidade são oferecidos dados estatísticos, pelos quais é evidenciado como estava caminhando a educação e, como consequência, seu rendimento. Era necessário que, pela conscientização, sentissem a necessidade de mudança. Mudança era a palavra da Secretaria Municipal de Educação. Destaca-se que uma das maiores metas da Secretaria da Educação era a de resgatar 30% de alunos evadidos da escola e buscar alternativas para mantê-los nela. Transcrevemos uma citação sobre como Evangelista fundamenta a justificativa da mudança de currículo, demonstrando em percentagem os índices de desistência, evasão e reprovação.

Para iniciar essa discussão sobre as razões que explicam e justificam uma mudança de currículo na Rede Municipal de Ensino (R.M.E), citaremos alguns números que são bastante expressivos e assustadores. Segundo dados divulgados pela Fundação Pedroso Horta, 'No Paraná, cerca de 60% dos alunos são excluídos da escola antes de completarem a 4ª série do 1º grau e apenas 20 dos 25% conseguem concluir a educação básica completa. E, ainda, a taxa de progressão da educação básica gira em torno da média de 15%. Isto significa que, para cada 100 alunos que ingressam na 1ª série, apenas 15 continuam até o final da 8ª série sem reprovação'. Os dados da Rede Municipal de Ensino dão conta de que o índice de reprovação, nos últimos dez anos, têm girado em torno de 30%. No ano de 1986, dos 52.520 alunos inicialmente matriculados, 12.228 foram reprovados, descontados os 3.682 que desistiram, trancaram ou cancelaram suas matrículas. Neste ano, o índice de reprovação foi de 32%. Deste total, 44% dos reprovados concentram-se na área de Língua-Portuguesa (CURITIBA, 1987, p.4).

Para que as mudanças acontecessem e os professores estivessem envolvidos nelas, a Secretaria Municipal de Educação estava organizando a escola de forma geral para atender às necessidades de alunos com uma realidade de vida que não mais poderia ser ignorada pelo processo educacional. Sabia-se que grande parte dos alunos, evadidos ou não, pertencia às camadas mais pobres da cidade de Curitiba. Olinda Evangelista, na sequência, faz menção à situação do estudante no Brasil e, conseqüentemente, em Curitiba.

Afinal nossas crianças são filhas dessa faixa da população que encontra grandes dificuldades para uma sobrevivência digna, seja ela econômica, social ou cultural. Assim o trabalho que agora começamos tem objetivo claro, discutir os conteúdos curriculares da Rede Municipal de Ensino. Nosso compromisso é inequívoco: vincular estes conteúdos aos interesses da maioria da população, concretizada na criança de periferia que ocupa hoje os bancos de nossas escolas, tendo esses dois elementos presentes poderemos pensar e propor mudanças nos conteúdos e métodos escolares (CURITIBA, 1987, p.4).

A citação que segue explicita o tom político-ideológico do discurso municipal. Nele, fala-se em favor da política do município, revestida na pessoa de Roberto Requião (na época prefeito). A proposta para educação estava sendo feita e precisava atingir a todos, sobretudo os professores. O Jornal leva não só as propostas de renovação educacional como destaca o trabalho da administração daquela época. O Secretário de Educação Puppi, em editorial, dá tom profetizador e sensacionalista à administração e assim argumenta: “[...] jamais se programou, se executou e executar-se-á tanto a favor das camadas sociais, incluindo nelas particularmente a educação, quanto na administração de Roberto Requião [...]” (CURITIBA, 1986b, p.2). É perceptível nas passagens onde registram-se os escritos de Puppi, Roberto Requião e demais dirigentes que falam da educação curitibana no Jornal, a exaltação à capacidade e boa vontade do prefeito e da Secretaria Municipal de Educação no trabalho em favor aos munícipes. Exemplo disso foi exposto na citação acima.

Nos Jornais de número 9, 10, 11 e 12, já se delineia a forma como o trabalho proposto deveria acontecer. No único *Jornal Escola Aberta* publicado em 1987,

número 9, apresentam-se os conteúdos a serem trabalhados conforme a nova proposta, pautada na adoção do Currículo Básico nas escolas municipais de Curitiba. O objetivo era adaptar o conteúdo de acordo com a realidade da maioria das crianças que faziam uso do sistema municipal de ensino daquela cidade. Explica a Secretaria que, muitas vezes, esses alunos se evadiam da escola porque não viam sentido, nem tinham interesse na forma como estavam organizados os conteúdos.

Em fevereiro 1988, no *Jornal Escola Aberta*, o tema foi o Currículo Básico, que estava em processo de implantação, discutiu-se como usar e escolher os livros didáticos. O debate em torno do livro didático justificava-se como importante porque funcionava como suporte da prática pedagógica e, por isso, a sua qualidade deveria ser questionada. Para subsidiar as discussões desse tema, a Secretaria Municipal de Educação e o Conselho Municipal da Condição Feminina realizaram um Seminário sobre o assunto de 16 a 22 de outubro de 1987. A necessidade do evento se impôs porque a prática educacional precisava ser repensada, havia uma nova proposta educacional e uma nova forma de abordagem dos conteúdos. Evidencia-se, desta maneira, que os conteúdos assumidos para o novo trabalho junto ao Currículo não combinavam com os livros com os quais professores e alunos faziam uso. Era preciso rever a forma de trabalhar daqueles que já estavam na escola e com os alunos. Outra proposta de discussão foi como escolher o melhor livro didático, adequando a escolha ao novo olhar que estavam lançando à educação. Trabalho este que foi feito com um delineamento de dicas e características para a melhor escolha em cada disciplina.

No mês de julho de 1988, a publicação do *Jornal Escola Aberta* tratou do tema avaliação. Resultado de um Seminário que aconteceu de 6 a 15 de junho de 1988, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Departamento de Planejamento e Administração Escolar da Universidade Federal do Paraná. O que mobilizou a realização do evento foi a alta porcentagem de repetência na Rede Municipal de Ensino, que, segundo dados coletados por essa Secretaria, girava em torno de 30%. O tema avaliação foi abordado de forma que orientasse aos professores frente à nova realidade de ensino e esperava-se que, sob uma nova maneira, um novo olhar sobre a forma de trabalhar a avaliação poderia ajudar os

alunos a manterem a frequência escolar e obterem melhor aprendizagem.

Em resumo, a avaliação, segundo o debate realizado, deveria acontecer articulada a outros conteúdos e métodos de ensino. O tema foi discutido levando em conta as seguintes perspectivas: rendimento do aluno, desempenho do professor, organização da escola e condições materiais para o ensino. As discussões⁶ forneceram subsídios para que os grupos, divididos em áreas de conhecimento, debatessem sobre o tema avaliação, direcionando a questão para suas respectivas disciplinas. Os trabalhos por área realizaram-se por meio de textos preliminares escritos pela Secretaria Municipal de Educação. Com base nas discussões, esses textos foram ampliados, reduzidos ou mesmo reescritos e, posteriormente, publicados no Jornal. No último dia de Seminário, aprovaram, em assembleia geral, os conteúdos dos textos a serem divulgados no Jornal, já que eles eram frutos dessas discussões.

O *Jornal Escola Aberta* de agosto de 1988 privilegiou a discussão sobre a alfabetização, que teria novas características com a democratização da escola, aliada à proposta de trabalho com o Currículo Básico. Para isso, foram traçadas algumas diretrizes básicas para auxiliar o trabalho dos professores nas classes de séries iniciais. Este número do Jornal é resultado de um grupo de estudos com os professores, coordenado pelo Professor Carlos Alberto Faraco da Universidade Federal do Paraná, durante a Semana de Estudos Pedagógicos, realizada no início de 1988. O Jornal traz considerações preliminares sobre a alfabetização, propondo um tratamento que permitisse superar os problemas evidenciados pelos professores naquela semana, tendo em vista a redução da evasão e da repetência na Rede Municipal de Ensino, na época em torno dos 30%. Publicou as conferências de Carlos Alberto Faraco e Regina Leite Garcia, proferidas na Semana, bem como textos sobre a educação pré-escolar, o ensino supletivo e as áreas de conhecimento em conexão com o tema da alfabetização. Pretendeu-se, sob este tema, abrir uma “[...] discussão sistemática que atinja o processo de aquisição da leitura escrita, norteadada pelo nosso compromisso com a

⁶ O trabalho iniciou-se com a abertura da conferência feita por Cipriano Luckesi e a mesa-redonda, que contou com a presença de: Jussara P.Santos, Lízia Helena Nagel e Lilian Wachowicz.

democratização do saber escolar” (CURITIBA, 1988c, p.1).

Os próximos números tratam de assuntos paralelos à educação e aos demais temas propostos por outras edições. Têm como foco de discussão e debate democratizante, já que trazem ao cenário de discussão a Mulher e o seu papel na sociedade, tudo isso abordado no Jornal de Edição Especial de agosto de 1988, no qual o nome *Escola Aberta* é substituído por Programa Mulher e Educação. Neste número, contou com o apoio da Secretaria Municipal de Educação e do Conselho Municipal da Condição Feminina. As características desse número em nada mudam em relação ao da *Escola Aberta*, os nomes do jornalista e conselho editorial são os mesmos. Acrescentaram-se apenas alguns nomes que faziam parte da Comissão de Educação do Programa Mulher e Educação e Projeto Mulher, Educação e Sociedade.

No último número estudado, o assunto foi especificamente sobre a “Gincana da Memória”. Foram apresentados os projetos Memória da Gincana, Escola Moradias Ribeirão Faz História e outros artigos, como Associação de Pais e Mestres: Assistencialismo ou organização? Da Promoção de festas à luta pelo ensino e, por último, Notas sobre a recuperação de uma documentação.

Os últimos números do Jornal julgamos ter caráter diferente, porque o conteúdo abordado tem como objetivo aliar a escola à comunidade seja por seus projetos ou pelos conteúdos trazidos para a escola debater com maior embasamento. Vimos necessidade de analisá-los de forma separada e diferenciada e, por isso, estão colocados com um título e em capítulo diferente, mas com objetivos próximos, integrar escola e sociedade.

5 BUSCA PELA INTEGRAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE

O Jornal que tem como título “Busca pela integração escola-comunidade” apresenta a proposta dos dois últimos números do *Jornal Escola Aberta*, tem por objetivo aproximar a população do projeto educacional a ser implantado pela Secretaria Municipal de Curitiba, viabilizado por intermédio da escola. A tentativa de aproximação comunidade/escola/Secretaria Municipal de Educação era para que os objetivos almejados fossem alcançados com o apoio da população, particularmente daqueles mais carentes. Essa aproximação ajudaria na comunicação, promovendo maior reflexão sobre as mudanças educacionais, levando ao conhecimento popular o trabalho da administração municipal e, conseqüentemente, esperando que fosse valorizado.

Esperava-se envolver a comunidade escolar, especialmente os professores, para que houvesse maior contribuição/comprometimento com a educação que estavam propondo, conforme suas novas perspectivas. Apoiando a nova proposta, poderia fazê-los sentirem-se integrantes dela. Entende-se que haveria uma proposta de identidade a ser construída junto à população, “gestada”, sobretudo, com o sentimento de pertencimento e valorização do seu espaço, dos seus conhecimentos e de sua vida.

Os projetos representavam uma forma de acesso às informações e o reconhecimento da comunidade ao saber das necessidades, angústias, conhecimentos presentes e ausentes para que a estrutura curricular pudesse ter novos encaminhamentos diante da realidade social. Por meio desses projetos, poderiam se tornar conhecidos o trabalho didático/metodológico diante da nova proposta educacional da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, os conteúdos incrementados com conhecimentos que partiram da realidade social e das necessidades da comunidade revelados pelos projetos. Era vislumbrada a possibilidade de que todos os envolvidos na escola entendessem e apoiassem o trabalho desenvolvido pelos órgãos educacionais e a administração municipal de

Curitiba. Existia a finalidade de que uma identidade também fosse construída, em que o sentimento de valor e reconhecimento fosse recíproco entre comunidade e administração pública por intermédio da instituição escolar.

O novo projeto educacional, para ser colocado em prática, assim como encaminhar um novo Currículo e ter uma maior integração entre a comunidade e a escola, viu como opção promover tais projetos pela educação, que, mais tarde, foram divulgados por duas edições do *Jornal Escola Aberta*. A Secretaria Municipal de Educação, por meio do Jornal, advogava ser preciso conhecer melhor quem era, como se organizavam e de onde vinham e como viviam os alunos das escolas municipais de Curitiba. Esta Secretaria, em parceria com outras secretarias do município de Curitiba, trabalhou por um maior contato entre comunidade e escola. Para que isso fosse viabilizado, a Associação de Pais e Mestres tornou-se fundamental. Iniciou-se uma série de projetos voltados para que essa interação se concretizasse.

Em agosto de 1988, na Edição Especial – Programa Mulher e Educação, o Jornal dedicou-se a mostrar como os alunos estavam discutindo e entendendo os papéis de homens e mulheres naquela sociedade, já que os professores tinham a tarefa de trabalhar as discriminações em geral, dentre elas a discriminação contra as mulheres em diferentes situações. Nessa edição, é possível observar os trabalhos realizados por professores e alunos no intento de desenvolver tais temas. O trabalho foi feito por meio de entrevistas com mães, redações sobre uma mulher da família, desenhos, debates, quadrinhas, jornais, murais, cartazes, jornais de alunos que tiveram como tema “As relações entre homens e mulheres”. Vinte e uma escolas municipais trabalharam com esse tema. O Jornal demonstra o empenho dos profissionais e alunos, que expressam um pouco das concepções do universo infantil frente a essa temática naquele momento e espaço.

Para que possamos perceber como estava sendo trabalhada essa proposta pelas escolas e, ainda, como os alunos estavam assimilando os debates feitos em torno

dela, seguem trechos de textos produzidos por crianças curitibanas, apresentados por esse número de Jornal.

Os direitos da mulher

No meu bairro tem um homem que é machista, ele veio de Maceió com a mulher dele. Ele bate na mulher dele quase todos os dias. Ela não tem o direito de falar nada, só de trabalhar em casa e cuidar dos filhos. Esse homem do qual estou escrevendo veio para Curitiba fazer um curso para Policial. Imaginem que policial ele vai ser, se não respeita nem a sua mulher. Eu dei esse exemplo para dizer que a mulher tem direitos iguais ao homem. Se o homem trabalha de mecânico, a mulher também pode trabalhar, se ela gostar. Eu sei que muitos homens não deixam suas mulheres trabalharem, isso é terrível. Um dia eu vou casar, vou respeitar minha mulher como pessoa humana, vou deixá-la trabalhar e não vou permitir que ninguém a faça sofrer por ser mulher! Eliel Furtado (4ª série – 12 anos) (CURITIBA, 1988e, p.6).

O relato do menino Eliel de 12 anos retrata a realidade conflituosa entre um homem e uma mulher, da qual é testemunha em seu bairro. Estabelece, posteriormente, uma relação com as diferenças sexuais que ainda se impõem na sociedade. E, por fim, menciona de como será o seu comportamento e relacionamento com sua esposa.

Outro trecho, citado abaixo, de um texto elaborado pelo aluno Leandro, demonstra as impressões pessoais sobre as relações e diferenças profissionais referentes ao ganho mensal e faz também uma reflexão das suas condições familiares. O objetivo final da Secretaria, aos poucos nos parece ser alcançados, já que este trabalho abriu possibilidade de conhecer a realidade familiar e comunitária dos alunos no contexto abordado na pesquisa. Isso porque, objetivava-se atrelar os conhecimentos e conteúdos da escola aos da comunidade, podendo ainda conhecer melhor os integrantes e o espaço próximo às escolas.

Minha querida mãe

Ela é legal porque ela me ajuda a fazer as minhas lições. Ela tem 27 anos e eu gosto muito dela me faz bem quando eu estou doente. Ela trabalha no Hospital das Clínicas e lava tudo no Hospital. Ela se mata de trabalhar e só ganha por dia Cz\$500,00. Meu pai recebe o dobro dela. Ela tem dois filhos e o nome é Leandro e Juliano. Diz que vai ganhar mais uma que vai se

chamar Juliana. Mas como? Se ela não pode alimentar a nós dois! Ela gosta muito de crianças principalmente de mim e de meu irmão. Leandro Vieira de Souza, 2ª série, E. M. Pedro Dallabona. (CURITIBA, ago. 1988e, p.6).

Entre as atividades realizadas no Projeto Mulher e Educação, uma delas foi entrevistar as mães dos alunos sobre a sua condição de mulher. As escolas Francisco Klemtz, Maria do Carmo Martins, Papa João XXIII e Pedro Dollabona foram algumas das escolas que desenvolveram esse trabalho. Fizeram de suas crianças repórteres, com o objetivo, segundo o Jornal (CURITIBA, 1988e, ago. p.7), de promover um diálogo mais próximo com as mães e, assim, constatar a diversidade do universo feminino. Perguntas sobre a infância, a juventude e o casamento estiveram muito presentes. Relatamos algumas das respostas das mães entrevistadas.

- _ 'Sinto-me como uma empregada'.
- _ 'Sinto-me bem, pois vejo que a mulher hoje está aparecendo muito no mundo inteiro, em diversas áreas. Estão competindo junto com os homens e, muitas vezes estão ganhando'.
- _ 'Sinto-me mulher quando olho para meus filhos e meu marido. Cuidar da casa, da comida e dos filhos me dá muito orgulho. Só uma mulher em todos os sentidos pode arcar com tais responsabilidades'.
- _ 'Tenho uma péssima vida. Sou uma escrava'.
- _ 'Muito bom ser mãe. Recompensa ser mulher'.
- _ 'Como mulher e trabalhadora que sou, acredito que ao invés de os constituintes aprovarem quatro meses para a mulher quando dá luz, deveriam olhar as discriminações salariais que sofremos'.
- _ 'A mulher está conseguindo seu espaço na sociedade, mas também não pode esquecer e deixar em segundo plano seus filhos e seu lar'.
- _ 'Ser mulher é muito mais difícil, mas é bom. Sinto-me vitoriosa porque tenho meu trabalho, cuido da minha casa e tenho quatro filhos que me dão muita felicidade'.
- _ 'Me sinto muito feliz dividindo o serviço com meu marido'.
- _ 'Estou realizada cuidando da família e dos outros afazeres da casa' (CURITIBA, ago. 1988e, p.7).

Do trecho acima, podemos destacar duas observações. A primeira diz respeito ao objetivo a que se propõe este Jornal, assim como toda a proposta educacional do Município de Curitiba, promover uma aproximação da escola/comunidade, para que, conhecendo sua realidade em seus sucessos e dificuldades, colocassem em prática conteúdos e conhecimentos necessários àquela comunidade. Neste

sentido, a citação acima mostra o que pensam as mulheres de diferentes comunidades escolares em relação à condição da mulher em sociedade. Percebe-se que há opiniões e pontos de vistas diferentes entre elas.

A segunda observação nos reporta ao que registram Catani e Bastos (1997, p.6), ao referenciarem Nóvoa, para defender o impresso pedagógico como “o melhor meio para apreender a multiplicidade do campo educativo”. Haja vista que a proposta educacional de democratizar a educação na cidade de Curitiba, tendo por base uma construção teórico/metodológica que pleiteie os mesmos interesses junto à comunidade escolar, fez-se essencial para que a representatividade da Secretaria Municipal de Educação fosse aceita e também trabalhada para o sucesso do projeto educacional.

Os últimos números analisados demonstram os trabalhos realizados pela escola junto à comunidade, fazem parte da intenção de promover um mapeamento e reconhecimento das comunidades escolares para uma redefinição dos conteúdos escolares e uma aproximação política pela escola junto aos cidadãos/eleitores. Fica efetivamente registrada, nas linhas do jornal, pelo seu discurso, a vontade política em “fazer a diferença” pelas comunidades mais carentes. Sendo assim, junto ao trabalho pedagógico, há o apelo discursivo da política.

Outro projeto realizado pela Secretaria Municipal de Educação levou o nome de Projeto Gincana da Memória. Conforme o *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA 1988d, p.2), este estava em sua terceira fase, era desenvolvido desde 1983¹ com as escolas da Rede Municipal de Ensino. A proposta foi executada em conjunto com a Secretária Municipal de Educação, por meio do Serviço de Apoio à Integração Escola-Comunidade, e Secretaria Municipal de Cultura, pelo Departamento de Patrimônio Cultural, com o objetivo conhecer, valorizar e preservar o patrimônio cultural da cidade de Curitiba, em que se considerava não

¹ Portanto, iniciado em um governo municipal anterior, no qual José Richa era o prefeito, eleito também pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

apenas o centro e os bairros tradicionais, mas sim a sua totalidade, quer dizer, a inclusão da periferia nesse projeto.

Justificava-se, pelo discurso do *Jornal Escola Aberta*, desenvolver tal projeto pelo fato da maior parte das escolas municipais serem localizadas em bairros periféricos, alguns muito recentes e habitados por migrantes vindos do interior do Estado do Paraná e de outros Estados. Diante disso, a Secretaria Municipal da Educação acabava não conhecendo a realidade de determinados locais e, conseqüentemente, a realidade dos pais de seus alunos. A inexistência de conteúdos e fontes bibliográficas a respeito desses novos núcleos habitacionais dificultava o trabalho dos professores no momento em que os mesmos necessitavam repassar aos alunos informações sobre o local onde eles moravam.

Segundo o *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1988d, p.2), uma das metas do projeto era possibilitar o intercâmbio entre a criança e os adultos sobre o processo histórico-cultural vivenciado e ou conhecido pelos mais velhos, como os pais, avós, tios, vizinhos e demais conhecidos das crianças, que poderiam contribuir no registro de informações coletadas pelos alunos. Este teve por finalidade fornecer subsídios aos professores, à própria comunidade e outros interessados sobre a realidade e a história dos bairros.

Essa terceira fase do projeto tem como inovação a participação direta da comunidade, através de associação de Pais e Mestres em todas as fases do trabalho. O Plano de Educação de Curitiba prevê que as linhas política e pedagógica propostas devem passar pela apreciação dos profissionais da educação e da comunidade que usufrui desses serviços. Nesse sentido, o Projeto Gincana da memória pretende a partir do envolvimento dos pais, possibilitar a abertura de um canal que viabilize a participação efetiva da comunidade na escola, através das Associações de Pais e Mestres (CURITIBA, 1988d, p.2).

Esta citação informa que o projeto é inovador, visto o intuito de promover a comunidade por meio da Associação de Pais e Mestres (APM). Como este foi o primeiro ano desta administração com tal trabalho, supomos que seus interesses de identificar, aproximar e sentir-se pertencente era o valor agregado a esse projeto.

O artigo de Guelfi (CURITIBA, 1988d, p.3), “Por que Gincana da Memória”, explica o objetivo da Gincana da Memória descrito por nós. Ele menciona que esse trabalho deveria possibilitar a recuperação de memórias resgatadas pelas pessoas que vivem nos bairros da periferia do Município de Curitiba e com a ajuda das Escolas da Rede Municipal de Ensino. O trabalho, nesse projeto, privilegiou a participação dos pais, por meio da Associação de Pais e Mestres, além de alunos e educadores. Para desenvolver essa dinâmica de trocas de informações, todos aqueles que compunham o ambiente escolar e as famílias dos alunos foram convidados a envolver-se e participar de reuniões, que explicavam a importância e o porquê da existência de toda essa organização junto à escola. Essa atividade de integração escola/comunidade tinha como objetivo maior organizar a história e a cultura da comunidade. Para isso, foram enviados formulários às famílias para que os preenchessem. Depois de preenchidos e devolvidos, a Secretaria Municipal de Ensino se responsabilizou em tabular e sistematizar todas as informações obtidas.

Segundo Guelfi (CURITIBA, 1988d, p.3), após a volta dos formulários trabalhados nas escolas e tabulações feitas, cada tema foi analisado de um ponto de vista específico, conforme a área da dimensão do cotidiano. Com as tabulações feitas, voltaram às escolas e às Associações de Pais e Mestres dois documentos: O *Jornal Escola Aberta* e uma apostila. No Jornal, constavam as análises dos temas e, na apostila, a tabulação estava organizada por tema (geral) e por escola. O professor deveria utilizar as informações da Gincana da Memória para organizar o planejamento de pré-escola à 4ª série, incorporando-as aos conteúdos das diversas áreas do conhecimento. Assim, as informações da realidade social do aluno poderiam permear os conteúdos considerados científicos. Ao incorporar essas informações, provindas da realidade periférica da cidade de Curitiba, aos conteúdos sistematizados na escola, o professor poderia possibilitar ao aluno o acesso ao saber socialmente produzido, partindo de sua própria realidade, de seus conhecimentos prévios, assim como propunham as orientações da Secretaria Municipal de Educação mediante o novo projeto educacional.

Com as informações obtidas, Guelfi (CURITIBA, 1988d, p.3) sugeria que as escolas e/ou comunidade poderiam organizar trabalhos específicos, como:

1. Organização de museu, com objetos, roupas, documentos, livros, etc., das pessoas da comunidade;
2. História do bairro por meio de desenhos ou textos;
3. Organização de uma “Feira de Divulgação” dos conhecimentos medicinais da comunidade;
4. Painel de fotos, com as pessoas, a paisagem, moradia, comércio, etc., da comunidade.

Além dos temas propostos ao professor em sala de aula, poderiam ser desenvolvidos outros, aprofundando questões específicas de uma ou outra área conforme a necessidade de cada turma, ou de acordo com a demonstração de interesse por parte dos alunos. Essa gincana foi realizada como uma das formas possíveis de se trabalhar conteúdos na perspectiva educacional escolhida pelos representantes da Secretaria Municipal de Educação, no sentido de fazer um encaminhamento dirigido às escolas participantes desse projeto. Por meio dela, deu-se um exemplo prático sobre como seriam os mecanismos a serem utilizados para que a proposta fosse colocada em prática na “rotina” escolar.

A dinâmica de encontros com o professorado com o objetivo de formação pedagógica, a circulação do *Jornal Escola Aberta*, os projetos educacionais trabalhados dentro e fora da instituição escolar possibilitaram aos professores, alunos e a toda a comunidade escolar que respeitassem e se adequassem à forma de trabalho orientada e respaldada pela Secretaria Municipal de Educação. Todos pareciam concordar com a proposta maior da administração municipal, democratizar a educação e a sociedade, por entenderem que a comunidade podia ver-se na escola, porque lá se via reconhecida em seus conhecimentos prévios na rotina nos conteúdos escolares. Isso foi possibilitado devido ao conhecimento que os projetos educacionais estendidos à comunidade ofereciam.

“Escola Moradias Ribeirão faz história” é um artigo escrito por Teresinha e Lorenzi (CURITIBA, 1988d, p.11) que relataram mais um trabalho de aproximação comunidade/escola. Faz menção política ao comentar que a escola daquele lugar, apesar de nova, não tinha estrutura física para funcionar, então, há cinco anos, a reforma aconteceu. E com o objetivo de aproximar a população e a escola, pensaram em um evento diferente, uma exposição, uma espécie de museu, que representasse um pouco da história daquela comunidade.

Isso não foi difícil, segundo Teresinha e Lorenzi (CURITIBA, 1988d, p.11), porque o resgate de memória das pessoas foi feito em 1984 com o Projeto Mutirão da Cultura. Nele, alunos, pais e professores, com o apoio de sociólogos, historiadores de instituições da cidade, fizeram um levantamento da história e da cultura dos moradores dos Conjuntos Habitacionais Moradias Ribeirão, Parati, parte do Cananéia e Itatiaia. Conforme as autoras, os objetivos foram alcançados, uma vez que as pessoas começaram a compreender que todos eram personagens da história. Com isso em mente, a exposição foi montada com a ajuda da Companhia de Habitação (COHAB), que forneceu fotos desde 1982, com: desmatamento da região, terraplanagem, as primeiras casas de autoconstrução, os primeiros prédios de apartamentos, a primeira creche. Os pais mandaram fotos da época em que se mudaram e puderam analisar as modificações que ocorreram.

Nas escolas, os alunos de 3ª série fizeram cartazes que mostravam a origem das famílias, desde o êxodo rural até a mudança para a cidade, as lutas para conseguir benefícios para o bairro, as reivindicações que se faziam atuais no momento, como: segurança pública, escola de 2º grau, atendimento noturno no posto de saúde e outros.

Para mostrar a realidade de muitos dos primeiros moradores, que já não viviam mais naquele lugar, colocaram em exposição os carnês de prestação da Companhia de Habitação (COHAB), contas de água e energia, fazendo uma

comparação de ontem e hoje. Havia também os instrumentos de trabalhos da época, mostrando que o que há fora fruto de muita luta.

Guelfi (CURITIBA, 1988d, p.11) escreve mais um artigo neste Jornal com o título “Associação de Pais e Mestres: assistencialismo ou organização?”. Aborda assuntos referentes às relações estabelecidas no sistema capitalista de produção. Ele afirma que a sociedade se articula permanentemente, no sentido de manter e conservar a ordem estabelecida pela classe dominante. As contradições deste sistema na relação capital/trabalho aparecem nos períodos de sua crise. Mas, diferente da classe trabalhadora, a classe dominante se articula e utiliza meios de que dispõe – legislação, escolas, televisão –, concedendo e limitando espaços de conquistas da classe trabalhadora, conseguindo, dessa forma, manter intocável a estrutura do sistema. Essa realidade é expressão de um movimento que faz parte da dinâmica da sociedade capitalista.

Guelfi (CURITIBA, 1988de, p.11) considera que, pela análise histórica dos discursos das Políticas Sociais promovidas pelo Estado brasileiro, nas diversas mudanças de governo, capta-se sua dinâmica por intermédio da incorporação das falas reivindicatórias da classe trabalhadora nesses discursos. Afirma que o discurso do aluno carente é produzido historicamente nesse processo há muito tempo, passando por várias fases, como a coexistência do populismo, do nacionalismo e das pressões das camadas populares na década de 1950, o movimento de articulação político-militar e o golpe de 1964 – com a consolidação da ditadura, torturas e as organizações clandestinas das camadas populares e segmentos médios da sociedade na década de 1970 – e, pela Nova República, o processo da transição democrática na década de 1980, período que estavam vivenciando na época.

Toda essa abordagem histórica e reflexão do processo capitalista da sociedade, trazida por Guelfi (CURITIBA, 1988d, p.11), era para justificar a existência do *Jornal Escola Aberta* e a ativação da Associação de Pais e Mestres, destacando

sua importância no contexto escolar. Assim esclarece Guelfi (CURITIBA, 1988d, p.11):

A conjuntura da transição na década de 80 é permeada pelo discurso da democratização das relações nos programas de governo em nível nacional. Em Curitiba, na área da educação, esse discurso passa pelo programa 'Escola Aberta', que tem como meta a descentralizações das decisões, estabelecendo com a escola e a comunidade uma relação de co-responsabilidade no processo de reflexão e decisão das questões pedagógicas. Nesse discurso, cabe às Associações de Pais e Mestres enquanto espaço concedido por lei repensar e transformar suas ações. [...] Nesse momento, sentiu-se a necessidade de retomar um trabalho crítico com a Associação de Pais e Mestres na Rede, a partir da possibilidade de efetivação das relações na escola com a participação dos pais. Durante o seu desenrolar percebeu-se que os trabalhos desenvolvidos pela Associação de Pais e Mestres nas escolas podem e devem mudar [...] O compromisso de uma discussão ampla com a escola e os pais, numa 1ª fase, deverá passar por dois aspectos fundamentais: a socialização das informações e a retomada da escola enquanto espaço de transmissão do saber socialmente produzido. Entre outros espaços existentes na comunidade o da APM é decisivo e possível para a organização da sociedade a partir de seus interesses.

Fica evidente, neste trecho, a tentativa de aproximação entre escola e comunidade. Afirma a eficiência do trabalho conjunto para discutir questões pedagógicas por meio das Associações de Pais e Mestres. Conforme menciona o autor, a Associação possibilitou aliar escola e comunidade, pelos seus respectivos representantes mestres e pais, que decidiram pelo Projeto Gincana da Memória. Neste artigo, Guelfi justifica a presença da Associação não com função assistencialista na escola e ou fora dela. Para que isso fosse possível ou que dessa maneira não fosse vista, estavam revendo sua postura e trabalho, melhor organizando o fazer da Associação de Pais e Mestres. Pretendia-se que a Associação ajudasse na organização e aproximação no trabalho conjunto entre escola/comunidade e comunidade/escola. A abertura do debate junto à comunidade criava a possibilidade para discussões políticas, já que a busca era pela democracia. Interpretamos que, por meio do trabalho com a comunidade, estava oferecendo e "convencendo" as pessoas que a democratização da escola e, por consequência, da sociedade estava acontecendo apenas em Curitiba.

O discurso da democratização, conforme percebemos na citação registrada acima, esteve presente em todas as edições do *Jornal Escola Aberta*, informando ter o objetivo de descentralizar decisões, de forma que escola e comunidade tivessem responsabilidades nas decisões pedagógicas. Aponta o autor para uma responsabilidade dividida, portanto, não pretendia destacar maiores responsáveis pelo fracasso e ou sucesso escolar.

Não duvidamos da intenção de fazer uma proposta mais democratizante pela via da descentralização das decisões. Acreditamos ser duvidosa a afirmativa de que um processo de maior autonomia às escolas e à sua comunidade estava acontecendo naquele momento se considerarmos os encaminhamentos dados até então. Asseveramos isso por conta dos trabalhos já estarem organizados previamente. Ficou evidente que as principais questões teóricas já estavam estabelecidas, seus temas organizados de acordo com os eventos programados em concomitância com o projeto de educação que buscavam preparar o professor para assumi-lo. Os eventos para professores e seus respectivos temas/palestrantes foram escolhidos de forma que as melhores personalidades acadêmicas direcionassem o conteúdo de sua especialidade, conteúdos estes que vislumbravam a tendência pedagógica assumida pela Secretaria Municipal de Educação. Sendo assim, o assunto, o debate e o projeto a ser “abraçado” pelos professores representados da época estavam prontos e nos demonstram intenções e objetivos já estabelecidos para o trabalho junto ao professor de maneira antecipada. Não havia mais nada a ser decidido pelos professores e menos ainda pela comunidade.

Diante do mencionado, entendemos que as decisões estavam estabelecidas antecipadamente, por considerar todo o planejamento de apresentação, divulgação e convencimento dos professores ao novo projeto educacional e, posteriormente, à comunidade. Consideramos que o grupo de professores da Secretaria Municipal de Educação executou ações estratégicas, em que este grupo exerceu representação sobre os demais. As estratégias do grupo são

percebidas pela própria necessidade de existência do *Jornal Escola Aberta*, sendo essa a de maior importância, já que, pelo Jornal, outras mais poderiam ser articuladas.

Para melhor entender qual o sentido utilizado para a palavra estratégia, retomaremos esse conceito, tendo por base os trabalhos de Certeau (1994). Além deste, definimos, segundo o mesmo o autor, o conceito de tática. Na verdade, estes dois conceitos são tipos de comportamentos diferentes, tais termos pertencem ao contexto militar, mas seus significados foram alterados por Certeau (1994). O termo estratégico refere-se a comportamentos provenientes de uma organização e ou de instituições em geral, no entanto pode ser mais facilmente observável. A tática é um comportamento proveniente das pessoas comuns, não produtoras de poder, ordens, organização, planos e outros.

Entende-se por estratégia, conforme propõe Certeau (1994, p.46), “[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente”. Neste caso, podemos afirmar que ela é reconhecida como uma autoridade, exemplificando, ela está manifestada fisicamente em escritórios, matriz, quartel-general, entidades, prédios públicos e privados. Também pode ser percebida em produtos que são frutos dessas entidades físicas anteriormente citadas, como leis, linguagem, rituais, discursos, produtos de venda, arte e outros.

Já o contrário, segundo Certeau (1994, p.46), pode ser atribuída à tática, porque ela seria “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro”. Ela tem por princípio o improvisado, como não tem organização prévia, ela não tem por intento o enfrentamento, mas usa de pequenos subterfúgios para atender a algumas de suas necessidades. Ela, em alguns

momentos, tem o poder de neutralizar a estratégia, buscando sempre manter uma aparência de conformidade com aqueles que estabelecem poder sobre eles.

Baseando-nos em Certeau (1994, p.100), a estratégia apresenta um tipo específico de saber, em que pretende determinar para si um lugar próprio. O autor reforça ao asseverar que o “[...] poder é a preliminar deste saber, e não apenas o seu efeito ou seu atributo. Permite e comanda as suas características”. A representação, personificada nos integrantes que compõe a Secretaria Municipal de Educação, constitui-se nesse “lugar”, nessa delimitação que a estratégia precisa para exercer sua força e manifestar seu “poder”. Mas nem sempre expressar o poder é de interesse do grupo representante, por isso, lançam mão de recursos estratégicos. Assim, Certeau (1994, p.47) menciona que “as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição”.

Entendemos tática, conforme define Certeau (1994, p.101), como a arte do fraco. Muitas vezes, aquele que a usa tem a astúcia como seu único recurso, já que “quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais estará sujeita à astúcia. Traduzindo: tanto mais se torna tática”. Como ela é um recurso astuto, nem sempre é pensada e calculada, mas acontece de forma inesperada. Aqueles que as usam não têm uma visão do todo no processo em que se inserem, suas ações estão fundadas na ausência de qualquer expressão e tentativa de estabelecer poder sobre outros. Sendo assim, a tática acaba sendo um recurso daquele que não exerce o poder, o representado. Estes aproveitam as oportunidades que aparecem. Assim, lidar bem com o tempo é de suma importância, saber utilizar a tática no momento oportuno é essencial.

Voltando à questão de estratégias nesta pesquisa, entendemos sua atuação estratégica nos procedimentos, ações e práticas do grupo representante. Elas podem ser aplicadas ao grupo representado de diversas formas, uma delas é o discurso, recurso existente em todos os exemplares do *Jornal Escola Aberta*. Por

ele, o leitor pode ser levado à coação, ser sujeitado e convencido. Nas estratégias, aplicam-se também o conceito de apropriação, outro conceito trabalhado por Certeau – (1994), e Chartier – (1996; 1999a; 2002a; 2002b), porque nem todos serão persuadidos na leitura, alguns dos leitores podem simplesmente fazer contrassensos e demonstrar rebeldia. Por isso, afirmamos que a luta pela representação, assim como a luta de sua aceitação pelos representados acontecem pelo uso de estratégias, objetivando a apropriação dos conteúdos e da proposta pedagógica. No entanto, não significa uma aceitação única, uma interpretação universal, há pluralidade de leituras, entendimentos, interesses e interpretações. Podendo, assim, não sujeitar-se à apropriação conforme a intencionalidade de seus representantes. Ou seja, entre o que é proposto pela representação e o sentido construído pelo representado há uma distância, em que as discordâncias são possíveis.

Quem escreve um produto de sua representação, como, por exemplo, um jornal, um panfleto, uma revista, etc., entendemos que esse material aplica-se universalmente e que sua interpretação seja invariável e não individual. O autor esforça-se e acredita na possibilidade de uma compreensão linear do material produzido, mas, na realidade, isso se diferencia pela prática da leitura e na relação do leitor com o texto e, também, com o meio social vivido. Isso tudo pode diferenciar sua apropriação, seu modo de interpretação e entendimento enquanto prática social a ser aplicada.

Consideramos que as estratégias se fazem presentes na forma e ordem com que os temas e conteúdos do *Jornal Escola Aberta* foram elaborados. Percebemos também sua manifestação na metodologia da divulgação de projetos, no discurso político sempre presente e na metodologia da organização dos eventos para professores, feitos de forma sequencial, propiciando a apresentação dos representantes, da “filosofia” política, da proposta pedagógica, dos conteúdos, dos projetos, da metodologia e fundamentação teórica. Percebe-se que o *Jornal* foi elaborado de modo que houvesse aceitação, adesão e compreensão dos

professores representados para com a idealização e realização do trabalho pedagógico naquele contexto.

Primeiro, os jornais iniciam o trabalho com a apresentação dos integrantes da Secretaria, depois, a divulgação do projeto elaborado de maneira que a confiança e o convencimento dos professores fossem acontecendo de acordo com o engajamento político/partidário alcançado. Posteriormente, lançam seus conteúdos via eventos, e a teoria e os conteúdos são reforçados pelos jornais, por último, exemplificam o trabalho dentro da proposta escolhida, com projetos baseados na interação escola e comunidade. Foram ainda estratégicas a mudança curricular e a proposta pedagógica serem previamente escolhidas e embasadas por uma teoria que “combinasse” com a postura político-administrativa na cidade. Objetivamos, por meio dos jornais, apontar estratégias utilizadas.

O artigo de Santos (CURITIBA, 1988d, p.12), que tem como título “Da promoção de festas à luta pelo ensino”, complementa o texto de Guelfi (CURITIBA, 1988d, p.11), visto colocar como funciona o trabalho da Associação de Pais e Mestres e as atividades que desempenham junto à escola. Em suas palavras, evidencia-se que o principal papel, por ela desenvolvido, é ajudar a escola a adquirir recursos financeiros por meio de promoções, para que pequenos investimentos possam ser feitos com maior autonomia por ela. Ela conclui dizendo que é provável que isso revele o pouco interesse de pais e professores para efetivar sua participação em Associações. É mencionada uma cobrança de “taxa de contribuição familiar” para o funcionamento da mesma, no texto os pais parecem ser contrários à cobrança, mas que devemos julgar como voluntária, já que se caracteriza como “contribuição”.

Membros da Associação de Pais e Mestres afirmam que são chamados no início do ano para decidir sobre a ‘taxa de contribuição familiar’ para o funcionamento da Associação de Pais e Mestres; para priorizar em que se vai gastar este dinheiro; organizar festas para arrecadar ‘fundos’; para pensar em mais formas de chamar gente para o trabalho e, se for o ano de eleição de uma nova diretoria, começar a planejar como fazer a campanha. As outras muitas reuniões que se tem no decorrer do ano são para organizar e dividir tarefas, registrar tudo o que foi feito nos livros-ata e, no fim do ano, prestar contas [...] Depois de

muitos anos fazendo esse trabalho, pais e professores se questionam se esse é o verdadeiro papel da Associação de Pais e Mestres. Houveram encontros de todas as Associações de Pais e Mestres da Rede Municipal de Curitiba em 1983, 1984 e 1985 para avaliar a finalidade desse trabalho [...] descobriram que são sim muito importantes, mas para discutirem (pais, professores e alunos) qual o ensino que se está se fazendo nas escolas, como podem agir juntos para exigirem da administração do município as condições de funcionamento correto das escolas; Muitos já descobriram o caminho da aliança (pais, alunos, professores) para exigir um ensino de qualidade nas escolas que seus filhos estudam. Eles têm claro que ajudam dessa forma e não 'tapando os buracos' dos poucos recursos destinados às escolas (CURITIBA, 1988d, p.12).

Na segunda parte da citação, percebe-se o interesse em direcionar a existência dessa Associação para outros objetivos, não apenas focando o trabalho em arrecadação de recursos financeiros para a escola. O discurso propõe uma participação ativa da Associação nos assuntos pedagógicos da escola, contribuindo para que as cobranças para com a administração municipal acontecessem, exigindo qualidade de ensino e condições adequadas de funcionamento das escolas. Esta Associação estaria estruturada na escola como representante da comunidade e, assim, o processo de democratização almejado estaria dando seus primeiros passos.

Santos (CURITIBA, 1988d, p.12), no artigo com o título "Nota de recuperação de uma documentação", divulga uma pesquisa iniciada no ano de 1988 pelo Serviço de Apoio e Integração Escola-Comunidade do Departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação. Nela, evidenciava-se o empenho em melhor entender e aprofundar as relações escola-comunidade. Para isso, um grupo de estudos foi criado para debater esse tema e, a quem interessasse, poderia participar. A pesquisa de nome "Associação de Pais e Mestres – a organização concedida" foi desenvolvida pelas professoras: Wanirley Pedroso Guelfi e Izabel Pereira Alves do Serviço de Apoio e Integração Escola-Comunidade e Jussara P.Santos do Departamento de Planejamento e Administração Escolar – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. O objetivo deste estudo, de acordo com Santos, voltava-se para:

1- análise das orientações legais para a organização das Associações de Pais e Mestres das escolas da Rede Municipal de Curitiba, situando-as frente às políticas dos governos municipais para a Educação; 2- análise da relação entre as políticas de ocupação das áreas urbanas e processo de urbanização dos moradores da cidade e as formas de atendimento escolar empenhadas pela administração municipal. 3- análise das políticas de criação e formalização das Associações de Pais e Mestres nas escolas municipais e as formas de organização dos moradores usuários dessa rede de ensino. 4- Para realizar esse trabalho, houve um grande esforço para organizar as informações disponíveis sobre o tema, exigindo inclusive a realização de entrevistas com as pessoas que estiveram ligadas a esta atividade desde 1086. Os estudos encontram-se na fase de análise das informações coletadas, estando previsto seu término para o mês de fevereiro do ano de 1989 (CURITIBA, 1988d, p.12).

Registra-se, por tudo o que foi abordado, os esforços feitos pela Secretaria Municipal de Educação, junto a outras secretarias e com o apoio da Administração Municipal, para que fosse possível a aproximação da escola e a comunidade. Pensamos que, na realidade, queriam uma aproximação com a comunidade para que as novas propostas da Secretaria Municipal de Educação tivessem apoio popular para que o trabalho contasse com a responsabilidade da família. Ela faria isso ao garantir, pelo menos, a frequência e a permanência do aluno na escola. Percebemos, pelo discurso, estavam preparando todos os envolvidos na educação para a assimilação de uma nova escola, voltada aos interesses das maiorias populacionais, entre os quais estavam os mais carentes.

Desta forma, a comunidade se sentiria mais próxima e estabeleceria um vínculo de confiança por meio de um discurso que conquista, criando esperança a essa população que, até então, se sentia desmerecida, esquecida e ignorada.

5.1 PROFETIZAÇÃO: CAMINHOS DO CONVENCIMENTO

Num olhar “panorâmico” pelas as edições do *Jornal Escola Aberta*, destaca-se a vontade dos organizadores do Jornal e da administração municipal em fazer desse impresso um veículo para o convencimento do leitor, utilizando argumentos

voltados à demonstração de “boa vontade” e esforço empenhado por todos os envolvidos em prol da transformação da educação. Demonstrem-se as melhorias estruturais por meio das falas dos representantes da Secretaria Municipal de Educação, pelas fotos apresentadas e pela organização didático/metodológica para que as propostas de ensino acontecessem. Paralelo a isso, é evidenciado que muito estava sendo feito para que os professores trabalhassem com qualidade, dentro da proposta de ensino escolhida e ou imposta pela Secretaria Municipal de Educação. Em diferentes momentos, o Jornal veicula que cabe ao professor fazer ecoar na escola a nova proposta e, com ela, promover as condições de melhorias educacionais na prática. Para isso, frisa-se que o professor tem as condições estruturais e formação pedagógica necessária para que sejam colocadas em prática as novas motivações educacionais que passaram a fazer parte da realidade. Em resumo, faltaria apenas boa vontade do professor para melhorar o que lhe cabe para transformar a educação, uma vez que as condições estruturais, técnicas e metodológicas já haviam sido proporcionadas pela Administração Municipal de Curitiba.

O Jornal foi utilizado, particularmente, quando prefeito e secretário de educação usaram este espaço para o convencimento dos professores e, mais tarde, da comunidade, para o seu novo projeto pedagógico. As ideias ali expostas marcavam, pela via das palavras, o comprometimento com a mudança, para que a qualidade do ensino acontecesse sobretudo com aqueles de menor renda. É perceptível nos textos o esforço em passar uma imagem ao leitor de luta constante pelo povo. Entendemos que eles sentiam necessidade de apoio e aceitação de todos para desenvolver esse trabalho. Para isso, utilizaram o discurso político da democratização e, como consequência, a busca pela cidadania para que as transformações ocorressem. Seria necessário que as pessoas lutassem por ela assumidamente, assim como a administração, para sua melhoria e manutenção. O espírito de luta e de conquistas que se quer passar se evidencia na figura do prefeito, tentado demonstrar competência no que tem se proposto a fazer em “tão pouco tempo”. A citação a seguir transmite a ideia de luta e vontade política junto à população por parte da administração pública

municipal e também um exemplo das melhorias educacionais propostas por Roberto Requião. Trata-se da educação em tempo integral.

A partir do segundo semestre estaremos iniciando a implantação da escola em tempo integral. [...] os alunos poderão desenvolver, além das atividades curriculares obrigatórias, tarefas orientadas, atividades artísticas, recreativas, oficinas culturais, entre outras. Com isso, visamos garantir uma escola de qualidade onde o educando tenha acesso ao conhecimento elaborado e desenvolva habilidades necessárias ao exercício da cidadania. A implantação da escola integral significa para nós, um grande esforço material e humano que se justifica pelo avanço social que representa. Seus efeitos transbordam os limites do próprio processo educativo. Trata-se, portanto, de um projeto inovador e realista, que exige do executivo audácia e vontade política, mas que só se efetivará com a compreensão e a colaboração do conjunto dos professores da rede municipal (CURITIBA, 1986a, p.2).

O secretário da educação Puppi (CURITIBA, 1986a, p.2) complementa a ideia do Prefeito Roberto Requião quando explicita que educação eles desejam para a sociedade, a qual foi demarcada pelos percursos políticos traçados na campanha eleitoral até aquele momento. Nessa carta aos professores, comenta a origem do nome do Jornal, evidenciando o apreço pela administração Municipal anterior, governo de José Richa, e pelo Partido do Movimento Democrata Brasileiro. Assim se expressa Puppi:

Constituída a equipe de redação, à qual me associo, fomos buscar num passado recente o título que reata com uma origem e reporta a toda uma concepção da educação 'Escola Aberta'. Se o fizemos, não foi por critérios nostálgicos, mas para preservação da memória de uma conquista democrática a nível de sociedade e, em decorrência da Escola. Essa conquista democrática a qual me refiro, é considerada aqui não só como superação do período autoritário do regime militar, mas também como salto qualitativo em relação ao período que o antecedeu. [...] Por seu título o jornal fará lembrar o que melhor se colheu da gestão anterior, e servirá de estímulo para perseguir no mesmo caminho, com a disposição de assumir, aprimorar e ultrapassar. Esse compromisso, simultaneamente pedagógico e político, e político porque pedagógico, é a razão de ser da nossa inserção na Rede Municipal de Ensino. [...] Os resultados que daí advierem poderão converter-se em nossa maior contribuição à emancipação e transformação da sociedade e em nossa melhor gratificação cívica. [...] Do mesmo modo que, com essa finalidade, confiamos e contamos com os prezados colegas, podem vocês contar e

dispor inteiramente conosco. Queiram receber nossos cordiais cumprimentos! (CURITIBA, 1986a, p.2).

Neste trecho, registra-se a expectativa do Secretário Municipal da Educação em relação às conquistas cívicas por meio da escola, esperava que, por meio delas, pudesse contribuir na emancipação e transformação da sociedade curitibana. Não deixa de mencionar que os laços entre os compromissos pedagógicos e políticos existem. Sendo assim, não é apenas nossa interpretação pessoal aqui registrada, porque está registrado em suas palavras tal afirmação. Puppi também deixa claro que faz parte da redação do Jornal, envolvendo-se, portanto, em todo o seu processo de elaboração e edição. O que está de acordo com o mencionado por nós, ao considerar que o editorial e os demais conteúdos veiculados têm todo o grupo em exercício como “responsável”.

Demonstração enfática e direta poderá ser observada logo a seguir, no que se refere à busca pelo convencimento do leitor a uma aceitação positiva da administração municipal na época. Chama a atenção para o “bom trabalho” realizado, demarcando o lado positivo e de luta constante do governo municipal em favor da comunidade em geral. Registra como o município melhorou de forma significativa, desde que a nova equipe assumiu a prefeitura. Enfoca as “conquistas” feitas até então como algo inédito, fantástico, chamando a atenção para as prioridades que devem ser colocadas em prática. Ressalta, constantemente, a preocupação com os mais humildes, com as classes mais populares da sociedade ou de periferia, como as classifica. Em parte de um dos editoriais escrito pelo Secretário Municipal de Educação Ubaldo Puppi, percebemos a possibilidade de refletir diante das observações apontadas acima.

Este número especial do Jornal Escola Aberta quer demonstrar, com dados precisos, o que em tão pouco tempo se fez, está se fazendo e far-se-á junto à comunidade escolar. [...] Ao eleitor restará a tarefa de suprir, comparar e amarrar o que a concisão e os números não dizem. Com sua colaboração, a mensagem estará completa. Esta mensagem é prova de realização dos compromissos de um governo que confere prioridade – não exclusividade – de atendimento às demandas mais urgentes e prementes da sociedade. Somando o todo, sob essa perspectiva, poder-se-á, então, concluir, com evidencia, que jamais se

programou, se executou e executar-se-á tanto em favor das necessidades sociais, nelas incluindo particularmente a Educação, quanto na Administração Roberto Requião (CURITIBA, 1986b, p.2).

Em suas palavras, percebe-se que o leitor transformou-se em eleitor, o que demonstra que há também interesse e objetivo político no trabalho de produção e veiculação do Jornal, assim como no todo da proposta educacional feita pelos membros da Secretaria Municipal de Educação. Quando Puppi menciona a palavra prioridade e não exclusividade no trabalho voltado às periferias, pretende que o leitor entenda que, se a família do aluno se enquadra como o “pobre” e ou “carente”, como demarcam as pesquisas, este não será esquecido e que nenhum trabalho voltado a seus interesses deixará de ser executado. Nota-se a necessidade de evidenciar o nome do prefeito e em destacar a palavra “jamais” no trabalho deste político municipal, visto tal expressão demarcar seu trabalho como algo exclusivo e grandioso.

No terceiro número do Jornal, desde que o novo governo assumiu a administração, Puppi (CURITIBA, 1987, p.2), Secretário de Educação de Curitiba, escreveu seu último editorial. Neste, além de manter as características dos anteriores, levantar os olhos do leitor para a administração atual, também demonstra um discurso mais efetivamente voltado às intenções da Secretaria de Educação no propósito da educação em si. Já que o assunto do Jornal é o Currículo Básico e o seu conteúdo.

O que faz a diferença própria de uma consciente promessa de campanha eleitoral é a doutrina social e a decisão política que lhe servem de suporte. Estes dois ingredientes sempre estiveram – e estão – presentes nos discursos do prefeito Roberto Requião. Foram eles que revestiram de credibilidade o enunciado de uma educação inteiramente comprometida com a democratização do ensino, a destinação da educação para a tomada de consciência e o conseqüente exercício da cidadania por parte dos alunos. O contexto do enunciado é o que distinguia de toda a outra formulação homóloga esloganizada. Cabe à Secretaria Municipal de Educação, como órgão ‘ad. hoc’ de planejamento e execução, traduzir em ação a intenção do poder. Não porque o prefeito quer, mas porque ele quer o que efetivamente é a solução que se impõe. Esse discernimento crítico e competente, que esteve

presente desde a elaboração da proposta de campanha e de governo, é que está transformando a prática pedagógica desta Secretaria. O histórico do processo, sua natureza, seu conteúdo curricular, seu projeto de implantação e consolidação em nível das escolas, constituem a matéria deste número do 'Escola Aberta' [...] (CURITIBA, 1987, p.2).

É perceptível o destaque à pessoa do Prefeito Roberto Requião, coloca-o como um político de perfil de decisão, de trabalho efetivamente voltado ao eleitor, e a doutrina social presente em seu discurso é a crença e o trabalho em favor da democratização da sociedade. E que, a exemplo desse projeto social, resolveu-se aplicá-lo por meio da educação para o trabalho na conscientização e exercício da cidadania. Registra que a diferença da organização política de Requião das demais é que os outros fizeram seu trabalho político dentro de um contexto de formulação pautado apenas em *slogans*. Destaca, desta maneira, o trabalho do prefeito Roberto Requião como aquele que discursou em processo de eleição e que, depois de eleito, estava cumprindo suas promessas eleitorais. Puppi assume que a Secretaria Municipal de Educação está como representante do governo municipal e que, no processo de seu trabalho educacional, as ações são planejadas conforme as intenções do poder municipal, justificando que não foram feitas porque o prefeito quis, mas sim porque se fizeram necessárias.

Todo esse discurso ao governo municipal e, conseqüentemente, por seu trabalho desenvolvido remete-nos a uma percepção de um discurso enaltecido, que corresponde a um trabalho ligado a um desempenho empreendedor "fantástico". Na verdade, acreditamos que, além do convencimento, buscava-se ganhar a confiança da comunidade escolar, especialmente de professores e funcionários. Com a confiança almejada, poder-se-ia exigir lealdade e compromisso desses profissionais para o sucesso em seu novo projeto educacional, visando a uma nova proposta. Esse tipo de cobrança é observável nas "entrelinhas", em falas de dirigentes, impresso pelo *Jornal Escola Aberta* e nos cursos de formação de professores, "profetizando" um discurso que os mobilizasse e os conquistasse para o trabalho com a proposta educacional do Município de Curitiba.

Ilustrando essa afirmativa, destacamos, no *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1986a, p.4), o relato do trabalho feito por um professor sobre o conteúdo de leitura e da escrita. Nesse trabalho, percebe-se um apego à teoria proposta pela Secretaria de Educação de Curitiba, a Pedagogia Histórico-Crítica, assim como apresenta um caráter mais democrático para a escolha dos temas a serem abordados em sala de aula.

No *Jornal*, relata-se que, na Escola Atuba, por intermédio do professor Pio de Camargo, com dezessete anos de experiência, a proposta tem como objetivo resgatar valores de cada aluno e era levada a sério, visto que usava como ponto de partida experiências e necessidades oriundas da comunidade. Como ele mesmo afirmou, “[...] o trabalho se desenvolve a partir de pensar a própria história e para isso são feitas discussões de temas escolhidos pelo grupo com os pais e membros da comunidade [...]” (CURITIBA, 1986a, p.4). Isto exemplifica o método que o professor usava e o fazer de uma aula mais democrática e menos imposta, o que sugerindo um bom exemplo a todos os professores.

Destacamos a forma como o *Jornal* foi utilizado no relato de experiência desse professor, já que há um reforço positivo, conforme podemos observar na sua fala, em que assinala sua bem sucedida metodologia. O *Jornal* o coloca como exemplo a ser seguido. Aponta-se o sucesso desse professor e de sua aula devido ao seu compromisso com a educação de qualidade e com a nova proposta educacional. Mostra que o professor deve ter um real compromisso educacional, responsabilizando-o na sua condição profissional, praticamente, como se fosse uma escolha em ser bom professor ou não.

A estratégia utilizada foi usar o trabalho e as palavras de um professor, que assumiu as propostas pedagógicas de acordo com as mudanças educacionais propostas pela Secretaria Municipal de Educação, para mobilizar a atenção dos demais professores às propostas pedagógicas assumidas por esta Secretaria. Esse professor, condição profissional idêntica aos demais professores, os representados, com sua postura e experiência pedagógica, poderia “sensibilizar”

os colegas e ajudá-los na reflexão sobre o “assumir” o discurso e o “fazer” na educação, em comum com as mudanças educacionais propostas pelo grupo que representa a educação Curitiba.

Esta ação estratégica ajudaria chamar a atenção do professor representado, atuante em sala de aula, por ter uma identificação entre os leitores/professores representados e o exemplo de “sucesso” apresentado pelo Jornal, porque o Professor Pio era igualmente representado. O que significa mostrar que um professor assumiu e teve sucesso a ponto de merecer destaque no Jornal. Os demais poderiam seguir tal exemplo e “experimental” as novas propostas pedagógicas que estavam sendo implantadas.

Observa-se, no destaque a seguir, que o discurso já estava assumido pelo Professor Pio, o qual serviria de exemplo aos demais professores representados, colocando em prática os conteúdos e metodologia desejada. Destacamos que o discurso enfático, no decorrer das edições dos exemplares do *Jornal Escola Aberta*, significava uma estratégia de convencimento do professorado. E a citação abaixo serve de exemplo, por ser uma das passagens que demarca bem tal afirmação.

O sucesso desta proposta, segundo Pio, depende somente da postura e da boa vontade do professor. Enfatiza não permitir que seus valores se tornem mais importantes que os dos alunos e sim, juntos, descobrir os valores de cada um. Na opinião do regente, ‘o pensar, o criar não são atos importantes apenas na esfera do aluno. O professor também deve resgatar essa prática, porque atualmente tem se limitado a passar para os alunos idéias dos outros’ (CURITIBA, 1986a, p.4).

Depois de um exemplo como o do Professor Pio, o *Jornal Escola Aberta* (CURITIBA, 1987, p.6) chama a atenção do professor para uma mudança de postura, já que precisa “recuperar a sua função”, levando em conta a nova proposta de que o “contexto social”, político e econômico do aluno deveriam ser considerados. Desta maneira, evidencia, mais uma vez, o convite ao compromisso do professor com a educação, com os alunos e com a Secretaria de

Educação de Curitiba. Quem escreve é Evangelista (CURITIBA, 1987, p.6), Chefe da Divisão de Aperfeiçoamento Profissional.

O professor que hoje atua na Rede Pública – especialmente no ensino de 1º grau – precisa recuperar sua própria função. Em primeiro lugar, precisa ter claro que seu trabalho está indissolivelmente ligado ao conjunto escola: aluno, especialista, conteúdos, métodos, materiais didáticos, outros profissionais, pais. Este é o seu horizonte próximo. Em segundo lugar, tem que levar em consideração o contexto social, econômico e político dentro do qual a escola deve ser entendida, isto é, a realidade brasileira. A partir dessas duas premissas, o professor terá que perguntar para onde quer encaminhar seu aluno. O que pretende com o seu trabalho? Respondendo a essas perguntas, o professor poderá, então, definir quais conteúdos trabalhará, como e com quais materiais didáticos. No trabalho deste ano de 1987, a participação de todos que atuam na unidade escolar é condição primeira para que a alteração do currículo, dos métodos de ensino e das relações de trabalho no seio da escola realmente aconteçam de forma a cumprir as necessidades da população que atendemos (CURITIBA, 1987, p.6).

A recuperação da função do professor, mencionada acima, é apresentada como um argumento estratégico. Os problemas apontados na pesquisa, por indicativos educacionais, deixam de ser uma expressão genérica dos problemas na educação. Sendo assim, a responsabilidade dos problemas educacionais, que deveria ser dividida com todos os envolvidos na educação, centraliza-se na figura do professor. “Sugere-se” que a culpa do fracasso referente à educação é dele.

Acreditamos que isso foi evidenciado devido à necessidade destacada por seus representantes em recuperar o seu papel e a sua função. O texto sugere que o professor não estava trabalhando de acordo com a clientela que recebia nas escolas, mas que, a partir daquele momento, ao assumir o currículo, os métodos de ensino, os materiais didáticos oferecidos e as relações de trabalho acontecendo conforme a proposta, passaria a levar em conta sua “clientela”. Defendia o texto que a educação, naquele momento, orientava a pensar conforme a realidade social, econômica e política.

Entendemos que, em todo esse processo de construção do caminho para a mudança, a proposta educacional municipal em Curitiba teve como primeiro intento ganhar a confiança da comunidade escolar, para isso, foi preciso mostrar suas ideias e projetos de caráter prático e até mesmo físico para as instituições. Neste sentido, nas páginas 4 a 8 do Jornal de Edição Especial de outubro de 1986, relata-se o que já foi feito, o que a equipe estava fazendo e o que ainda iria fazer pela educação naquela época. Em outro exemplar, destaca-se esse trabalho com uma constatação impactante, que se fez expressar no título de um dos textos, “1987: O maior orçamento da História da SME (Secretaria Municipal de Educação)”. Segundo o Jornal, eles tiveram por objetivo dar condições para que a Secretaria Municipal de Educação executasse “seus audaciosos projetos”, como: escola em período integral, expansão da rede, ampliação da pré-escola, a escola do horto, a recuperação das escolas, professores melhorando sua prática, acréscimo de 10% ao salário dos professores que trabalhavam nas escolas mais distantes, um padrão com jornada dupla, oficinas para o professor saber e saber fazer, currículo básico, parque de ciências, ciclo básico de alfabetização, entre outros. Relata-se que, desta forma, a pretensão era promover, definitivamente, um salto na qualidade de ensino, mediante o aperfeiçoamento profissional com palestras, cursos, seminários, semanas móveis e oficinas.

O Jornal, ao divulgar os investimentos feitos na educação, faz uso de um discurso enaltecendo ao governo municipal de Curitiba. Utiliza também um discurso de convencimento de que as propostas, o currículo, o material didático, a metodologia de trabalho e as balizas teóricas que fundamentavam o trabalho deveriam ser alteradas, de acordo com a proposta democrática, em que as famílias e alunos mais humildes encontravam-se no centro do discurso como os mais privilegiados. Isso possibilitaria à comunidade em geral criar expectativas diante desse novo projeto de educação e, conseqüentemente, gerar “cobranças” para que o projeto fosse efetivamente colocado em prática. Entendemos isso como estratégia daqueles que representavam e formulavam o Jornal, a fim de que a proposta se popularizasse juntamente com a proposta governamental democratizante do município, para que o convencimento e o trabalho executado acontecessem conforme seu direcionamento.

Tentando estabelecer essa confiança e demonstrando o investimento feito pela Secretária Municipal de Educação, busca, por meio de estratégia diferenciada, incentivar e motivar o professor para a proposta pleiteada. Isso, está expresso em uma passagem do Jornal, em que se coloca como um dos melhores serviços educacionais em nível nacional: “A Rede Municipal de Curitiba já pode orgulhar-se de ser considerada uma das melhores do país, tanto pelas condições materiais quanto pelo nível de seus professores” (CURITIBA, 1986b, p.3). A estratégia não era mais apontar as fragilidades do professorado, nem seus erros, mas destacar o sistema de ensino como um dos melhores do país. A nosso ver, parece um tanto contraditória tal afirmação diante do exposto anteriormente em relação às “críticas” do trabalho pedagógico dos professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

Em contrapartida, mesmo diante de elogios de referência nacional, mantém-se o chamamento de que é preciso abraçar a causa e trabalhar com competência para alcançar os objetivos. Na passagem do texto selecionado a seguir, percebemos que, ao mesmo tempo em que levanta a autoestima do professor, chama a sua atenção de que melhorar é preciso. Faz-se entender o que a Secretaria já havia feito, estava fazendo e destaca que iria fazer de tudo para ser e ter uma escola de qualidade. Sendo assim, só dependeria dos integrantes da escola “abraçar ou não a causa” para o sucesso esperado. Registra-se isso ao mencionar que “os meios para que esta condição avance estão dados. O que resta é o trabalho de todos nós para que transformemos a Educação num instrumento de libertação dos nossos jovens e de nossa Nação” (CURITIBA, 1986b, p.3).

Ao mesmo tempo em que a Secretaria Municipal de Educação tenta ganhar a confiança, mostrar serviço e comprometimento com a comunidade escolar, busca justificar seu novo projeto de educação. Evidencia os benefícios a serem alcançados e, com isso, torna-se perceptível, segundo seus argumentos, o quanto era necessário mudar o conceito e a forma de fazer educação. Para iniciar essa discussão, apresentamos como Olinda Evangelista, Chefe da Divisão de

Aperfeiçoamento Profissional, justifica a razão que levou a Rede Municipal de Ensino a mudar seu Currículo. Os números apresentados por ela são retirados de um balanço divulgado pela Fundação Pedroso Horta, mas não menciona em sua bibliografia o documento referido.

No Paraná, cerca de 60% dos alunos são excluídos da escola antes que completem a 4ª série do 1º grau e apenas 20 a 25% dos alunos conseguem concluir a educação básica completa. A cada 100 alunos que ingressam na 1ª série apenas 15 continuam até o final da 8ª série sem reprovação. Nos últimos anos, a reprovação tem girado em torno dos 30% e neste ano passou a 32%. Deste total de reprovados 44% deles reprovaram em língua portuguesa (CURITIBA, 1987, p.4).

Evangelista classifica, com base nesses dados, a escolarização no Paraná como precária e que, aliada à pobreza, compõe um quadro comprometedor. Ante tal quadro, entende que o repensar da escola pública em Curitiba era necessário. Era real, segundo e autora, que as crianças paranaenses encontrassem grandes dificuldade de sobrevivência digna, seja ela relativa à situação econômica, cultural ou social. No sentido de reverter esse quadro ela assinala, justificando a proposta:

Assim, o trabalho que agora começamos tem um objetivo claro, discutir os conteúdos curriculares da Rede Municipal de Ensino. Nosso compromisso é inequívoco: vincular esses conteúdos aos interesses da maioria da população, concretizada na criança da periferia que ocupa hoje os bancos de nossas escolas. Tendo esses dois elementos presentes, poderemos pensar e propor mudanças nos conteúdos e nos métodos escolares (CURITIBA, 1987, p.4).

Olinda Evangelista define como papel da escola pública para com o aluno, segundo o entendimento do grupo do qual faz parte, os que exercem o papel de representação na educação municipal em Curitiba:

É tarefa da escola pública instrumentaliza-lo para a compreensão do mundo que o rodeia. Compreensão concreta, que dê conta das forças sociais em jogo e das saídas políticas para os problemas que vive no seu cotidiano. Esta consciência crítica lhe conferirá o estatuto de cidadão. O exercício da cidadania é o horizonte dentro do qual temos que trabalhar. Temos que dar condições ao nosso aluno pensar o mundo, de intervir em seu mundo, não apenas

como subalterno, mas como sujeito capaz de decidir e dirigir sua vida e da sociedade (CURITIBA, 1987, p.4).

A seguir, Evangelista registra o papel social que a escola deve cumprir e como levar esse fazer pedagógico para dentro da escola, da sala de aula.

A escola pública para cumprir a contento sua função social, considerará minuciosamente a realidade do aluno para, a partir dela, auxiliá-lo na caminhada em direção à cultura elaborada, agora recriada por professores e alunos. Nosso ponto de partida é o aluno, o conhecimento que já traz. Não se pode desmerecer seu saber, bem como não se pode elogiá-lo pura e simplesmente. E entre o que a criança já sabe de maneira pouco elaborada e o saber escolar que o professor vai fazer uma 'limpeza do terreno', deixando permanecer o que é coerente e discutindo o que é produto de absorção massificada e alienada da realidade (CURITIBA, 1987, p.5).

Por meio do exposto, salientamos que o conteúdo do Jornal, composto por manchete, editoriais, artigos e demais espaços, vai sendo criado com formas e com conteúdos diferenciados a cada edição, atendendo a um processo contínuo e gradativo para a "incorporação" da nova proposta e de nova postura educacional no município de Curitiba. Os seus conteúdos apresentados de forma diferenciada em cada edição, devido aos diferentes temas selecionados a se veicular, são também "redundantes", porque esbarram sempre na mesma "motivação", no mesmo discurso de "convencimento", espalhados nos diversos assuntos propostos em todo o Jornal. Consideramos que falta espaço para os professores se posicionarem frente às mudanças que se impunham, falta espaço para a troca de ideias e experiências nesse meio de comunicação. Sendo assim, a proposta "democrática" nos parece apenas de convencimento.

Vemos que todo o corpo do jornal é composto por "vontades" específicas, que se personificam naqueles que compõem os integrantes do grupo em representação da Secretaria Municipal de Educação, aliados à sua identidade, buscando fazer com que o professor identifique-se com o grupo representante, vendo-se como semelhante a seus representantes, aproximando-os das propostas e das responsabilidades a serem assumidas conjuntamente.

As “vontades” que partem, inicialmente, do grupo representante, vão sendo inculcadas e, acreditamos, posteriormente absorvidas pelos representados. Percebe-se esse processo “forçado” ora pelo poder do discurso, ora pela sensibilização e culpabilidade dos professores da Rede Municipal de Ensino, diagnosticado por meio dos números alarmantes obtidos pelas pesquisas e que seus representantes divulgavam.

O discurso está marcado pelo convencimento diante das argumentações positivas da nova proposta educacional e da teoria que a fundamenta, dos trabalhos e investimentos colocados em prática. Tais trabalhos e argumentações foram “noticiados”, exemplificados e articulados junto às estratégias de persuasão ao público leitor, proporcionados pela elaboração do projeto educacional e que percebemos na leitura do *Jornal Escola Aberta*, mediante as contribuições de Chartier para o aprofundamento analítico. Para a mobilização e ou sensibilização dos professores diante da realidade que compõe a educação daquela cidade, naquele contexto, acreditamos ter sido eficiente o uso dos números alarmantes divulgados quanto ao rendimento e aproveitamento escolar dos alunos. Assim, poderiam ser convencidos mais facilmente de que a proposta educacional vigente até então não condizia com os resultados esperados, portanto, o entendimento de que mudanças eram necessárias para que um melhor resultado educacional acontecesse.

Não nos fazemos contra a mudança proposta, queremos expor apenas como ela interiorizou-se na escola de forma oficial, materializando-se de forma direta e imediata, sendo transportada à realidade escolar como uma solução e até salvação. Por outro lado, esperava-se que não ficasse, segundo os representantes, entre os muros da escola, e sim que as mudanças educacionais tivessem alcance de qualidade também no social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os capítulos foram formulados de modo que possibilitassem conhecer o material impresso utilizado como fonte/objeto. Tal procedimento contribuiu para evidenciar a organização do jornal, o que facilitou sua posterior problematização. Sendo assim, o primeiro capítulo dedicou-se a descrever materialmente a nossa fonte: suas imagens, tiragens, páginas, o que há de diferente em cada exemplar. Essa metodologia ajudou-nos a tomar conhecimento da forma e composição dos impressos. No segundo capítulo, ainda para reconhecimento da fonte, priorizamos do material impresso os editoriais, manchetes e artigos, descrevendo-os resumidamente, para que fosse facilitado o entendimento do conteúdo veiculado pelo *Jornal Escola Aberta*.

Partindo do que já conhecíamos do Jornal, conforme esboço acima, sentimos a necessidade de entender como e porque o grupo da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba apresentava-se de forma tão expressiva, com pouca contra-argumentação dos professores e comunidade escolar às “exigências” do novo projeto educacional. Estavam presentes, nos exemplares do Jornal, duras críticas feitas pela Secretaria em relação à educação em geral, inclusive aos professores, estes pouco se manifestaram em resposta. Assim, os conceitos reelaborados e ou construídos por Chartier (1990; 1996; 1999; 2002a; 2002b; 2007) e Certeau (1982; 1994) ajudou-nos a entender os mecanismos estratégicos utilizados para que o conhecimento veiculado e ao entendimento de que houve uma possível aceitação dos professores representados para com os professores/organizadores/representantes da proposta educacional, para que esta viesse efetivamente à acontecer. O “convencimento”, ao que percebemos, foi eficiente para que os trabalhos dos professores fossem feitos de acordo com as novas orientações educacionais.

O último capítulo é fruto de estudo e análise da fonte e das teorias de Chartier (1990; 1996; 1999; 2002a; 2002b; 2007) e Certeau (1982; 1994). A fundamentação

teórica destes contribuiu para a percepção de que os dois últimos números do Jornal exemplificam e delineiam formas do trabalho feito pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba para a concretização de sua proposta educacional. Ficou evidente que a estratégia utilizada foi fundamental para a aceitação e o entendimento prático do que era a proposta elaborada.

Entendemos que a referida Secretaria teve condições de desencadear esse processo de trabalho aos poucos, foi amadurecendo a proposta no decorrer da apresentação/estudo/formulação e, no final, assessorou e deu exemplos de aplicação do projeto educacional por eles elaborados no meio escolar. De forma resumida, podemos afirmar que os projetos apresentados, por meio dos exemplares estudados, exemplificaram aos professores como retirar e aplicar as informações e conteúdos da realidade social, histórica, econômica, política e cultural da comunidade ao conteúdo escolar. Partia-se do conhecimento e contexto do aluno para, depois, estabelecer relações com outros conhecimentos considerados científicos. De acordo a Secretaria Municipal de Educação, representantes da educação municipal curitibana, teve o trabalho pedagógico norteado por essa proposta, já que esta, segundo seu ponto de vista, teria maior significado e relevância para o aluno, resultando em interesse e assiduidade.

Acreditamos que o grupo em exercício, que representava a Secretaria Municipal de Educação, acabou por formular uma pedagogia, e não se trata de um julgamento nosso. Entendemos importante a contribuição e a organização desta Secretaria para trabalhar dentro da proposta da Pedagogia Histórico-Crítica, proposta esta também era trabalhada pela Secretaria Estadual de Educação (SEED) na época. A nosso ver, o entrecruzamento de fontes (municipal e estadual) poderia enriquecer ainda mais os conhecimentos sobre a educação naquele contexto e melhor evidenciar como e porque a Pedagogia Histórico-Crítica se “instalou” de forma tão expressiva e generalizada no Paraná, contribuindo, dessa maneira, com a História da Educação, já que nossa fonte não nos permite responder a contento tal questão.

Nosso trabalho ficou limitado no sentido de não responder à forma como os professores apropriaram-se da nova proposta educacional em Curitiba na década de 1980, uma vez que as respostas efetivas dadas pelos professores se fizeram por meio das moções e cartas, e isso pouco contribuiu para que pudessemos concluir como, efetivamente, eles utilizaram e compreenderam as propostas encaminhadas pela administração e Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, mas nos deu pistas de como os professores “responderam” a tais mudanças.

Para que entendêssemos o discurso político e todo o processo democratizante pelo qual a administração municipal de Curitiba dedicou-se a trabalhar, com contribuição e trabalho empenhado pela Secretaria Municipal de Educação, e fazer desse projeto realidade por meio da educação, fomos buscar os alicerces histórico/filosóficos do Partido do Movimento Democrático Brasileiro num contexto geral, para entender as propostas do administrador municipal de forma situada. Esclarecemos isso na introdução deste estudo para facilitar o entendimento do leitor, mas, no movimento da pesquisa, tal entendimento só se fez necessário posteriormente. Destacamos, com isso, que o tema em estudo é importante para evidenciar que a produção de conhecimento e pesquisa não se faz apenas pelo estudo do viés político, mas que ele muito contribui se estudado, analisado e debatido pela cultura. Os impressos, frutos de um contexto – democratização da sociedade pela educação –, em um tempo – década de 1980 – e em um lugar geográfico – Curitiba – e social – professores da Rede Municipal de Curitiba –, como é o caso do *Jornal Escola Aberta*, em uma linguagem simples, colocaram em prática um projeto que fez acontecer uma teoria e uma metodologia pedagógica que era novidade até então, resultando em novos conteúdos, didática, currículo e postura educacional.

Podemos considerar que este estudo pode contribuir para que conheçamos o que estava sendo debatido em termos educacionais no Paraná e em outras regiões do país. Uma vez que o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, que na década de 1980 era considerado forte e influente em nível nacional, dividia

preocupações, filosofia de governo e encaminhamentos políticos com diferentes estados brasileiros e dividia também as metas a serem alcançadas por meio da educação democrática, já que a estrutura do partido político em questão fazia-se idêntica em todo país.

Pensamos ainda que, por meio desta pesquisa, fica destacado o valor da Imprensa Pedagógica para o estudo da História da Educação, tendo-a como fonte e ou objeto. Isso porque o *Jornal Escola Aberta*, como exemplar da Imprensa Pedagógica do Paraná, propiciou-nos conhecer as ideias pedagógicas e educacionais que circularam na década de 1980 em Curitiba. Ideias que descobrimos ter vínculos políticos, devido à proposta do partido no qual a administração municipal estava agregada. Visível tal aspecto também, no decorrer das oito edições do Jornal, no tom do discurso marcadamente político/partidário ao elaborar e defender a proposta educacional pelo viés da democracia.

REFERÊNCIAS

FONTES

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação. **Jornal Escola Aberta**. Curitiba; ano 3, n. 7, maio/jun., 1986a.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação. **Jornal Escola Aberta**. Curitiba; ano 3, Edição Especial, out., 1986b.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação. **Jornal Escola Aberta**. Curitiba; ano 4, n.9, ago., 1987.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação. **Jornal Escola Aberta**. Curitiba; ano 5, n.10, fev., 1988a.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação. **Jornal Escola Aberta**. Curitiba; ano 5, n.11, jul., 1988b.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação. **Jornal Escola Aberta**. Curitiba; ano 5, n.12, ago. 1988c.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação. **Jornal Escola Aberta**. Curitiba; ano 5, n.13, dez. 1988d.

CURITIBA, Secretaria Municipal de Educação e Conselho Municipal da Condição Feminina. **Programa Mulher e Educação**. Curitiba; Edição Especial, ago. 1988e.

LITERATURA DE APOIO

ARAÚJO, José Carlos Souza. Sobre a função educadora da imprensa e história da educação. **Revista HISTEDBR**, n.5, jan., 2002. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/edicanter.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.34, jan./abr., 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>>. Acesso em: 17 out. 2008.

BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a Atualização do professor: a revista do ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992) In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p.47-75.

CAPELATO, Maria Helena R. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier. **Revista Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, p.143-165, 2005. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=Alex+francismar.+Representa%C3%A7%C3%A3o&meta=&aq=f&oq=>>>. Acesso em: 18 out. 2008.

CARVALHO, Carlos Henrique; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. As manifestações do positivismo e do liberalismo no pensamento educacional da imprensa de Uberabinha-MG (1907-1942). **Revista HISTEDBR**, n.24, dez., 2006. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/edicanter.html>>. Acesso em: 17 out. 2008.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. Apresentação. In: _____. (Org.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p.5-10.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; Revisão Técnica [de] Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo (Org.). **A história da leitura no mundo ocidental**. Tradução de Guaciara Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento; Revisão da Tradução Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002a.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 2002b.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. Tradução de Luzmara Cursino Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação, estado e democracia no Brasil**. 4.ed. São Paulo: Cortez; Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense; Brasília, DF: FLACSO do Brasil, 2001.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha; XAVIER, Libânia Nacif; CARVALHO, Luiz Miguel de. Aspectos da imprensa periódica educacional em Lisboa e no Rio de Janeiro (1921-1963). **Revista Brasileira de História da Educação**, n.15, set./dez., 2007. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br>>. Acesso em: 17 out. 2008.

FONSECA, T.N.L.E. História da educação e história cultural. In: FONSECA, Thais Nivia de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.49-75.

GONÇALVES, Aracely Mehl. **A educação na imprensa: Ponta Grossa (1913-1930)**. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PERCURSOS E DESAFIOS DA PESQUISA E DE ENSINO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6. Uberlândia, MG, abr., 2006. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/253AracelyMehlGon%E7alves.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2008.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCENA, Maria de Lourdes Almeida; SILVA NETO, Gonçalves Wenceslau. Imprensa e educação: um estudo sobre o pensamento educacional uberlandense através do Jornal A Tribuna (1930-1942). **Revista HISTEDBR**, n.27, set., 2007. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/edicanter.html>>. Acesso em: 17 out. 2008.

MELO, Cristiane Silva; MACHADO, Maria Cristina Gomes. Rui Barbosa: estado, educação na imprensa de 1989. **Revista HISTEDBR**, n.25, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/edicanter.html>>. Acesso em: 17 out. 2008.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840). São Paulo: Hucitec, 2005.

NEVES, Fátima Maria. A história da educação no Brasil: a trajetória de um campo de ensino e de pesquisa. In: ROSSI, Edinéia Regina; RODRIGUES, Elaine, NEVES, Fátima Maria (Org.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2009. p.13-29.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e de ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI; Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Org.). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p.11-31.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPED**, Porto Alegre, n.5, p.7-64, set., 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2.ed. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINTASSILGO, Joaquim. O debate sobre as universidades portuguesas na imprensa portuguesa de educação e de ensino. O exemplo de “A Vida Portuguesa” (1912-1915). **Revista HISTEDBR**, n.24, dez., 2006. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/edicanter.html>> Acesso em: 17 out. 2008.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. **História da educação pelas revistas periódicas**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA: GUERRA E PAZ – ANPUH, 23. Londrina. 2005. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/xxiiisimposio/anais/textos/M%C3%A1rcia%20Elisa%20Teté%C3%A9%20Ramos.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2008.

RODRIGUES, Elaine. **A invenção da democracia no Paraná**: 1983 a 1987. 2002. 273f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista, Assis.

RODRIGUES, Elaine. O projeto de educação e a redemocratização nacional: em destaque o Estado do Paraná de 1980. In: ROSSI, Edinéia Regina; RODRIGUES,

Elaine, NEVES, Fátima Maria (Org.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2009. p.135-152.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22.ed.rev. ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

SODRÉ, N. Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad. 1996.

ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak. Irati: Imprensa e educação (1954-1959). **Revista HISTEDBR**, n.24, dez., 2006. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/edicanter.html>>. Acesso em: 17 out. 2008.

ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Irati: Imprensa e educação na primeira república. **Revista HISTEDBR**, n.18, jun., 2005. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/edicanter.html>>. Acesso em: 17 out. 2008.

ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **Jornal como fonte de pesquisa em Educação**. In: JORNADA DO HISTEDBR. SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO: UM BALANÇO DO SÉCULO XX E PERSPECTIVA PARA O SÉCULO XXI, 8. Londrina. jul., 2008. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada8/txt_compl/Ci%20audia%20Zanlorenzi.doc>. Acesso em: 18 nov. de 2008.

APÉNDICES

APÊNDICE A INDICAÇÕES DE LEITURA E RESUMOS NA ÍNTEGRA

1. SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983 (Coleção Polêmica de Nosso Tempo).

Apesar de ter sido publicado em 1983, este livro do professor Dermeval Saviani é de vital importância para todos para todos os que trabalham com educação. Seu interesse reside no fato de que põe em discussão as várias teorias pedagógicas – a tradicional, a nova, a tecnicista, a crítico reprodutivista e aponta para as novas possibilidades concretas de um novo ‘fazer’ pedagógico a partir de uma visão crítica da educação. Este livro é composto de 4 textos, sendo que os três primeiros giram em torno daquelas teorias e o último ‘Onze teses sobre educação e Política’ – discute as relações entre esses dois momentos desfazendo alguns equívocos bastante comuns. Por exemplo, o de que a educação é neutra onde a política não possui dimensão pedagógica.

2. LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia Crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola 1985 (Coleção Educar, I).

Este livro é composto por 6 artigos que, embora escritos separadamente, tem como preocupação principal encontrar caminhos que recuperem a prática pedagógica do educador a partir da crítica que este mesmo educador faz a sua prática... Segundo Teresa Roserley N. da Silva – na apresentação – José Carlos Libâneo – não se alinha com abordagens românticas, segundo os quais o modelo ideal de escola para a clientela brasileira passa pela negação da escola atual, e o movimento em direção a uma nova escola mais democrática e popular deve ser feito pela ruptura total coma existente. Assim este livro torna-se importante ao apontar saídas viáveis para a Escola Pública. Saída que passa, inexoravelmente pela conquista e permanência bem-sucedida das crianças das camadas populares na escola (p.8).

3. OLIVEIRA, Betty A.; DUARTE, Newton. **Socialização do Saber Escolar**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985 (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 17).

Os autores dessa obra composta de 4 artigos, procedem uma análise da relação conteúdo-forma no processo de transmissão e assimilação do saber escolar e da função política que esta relação possui. Isto é, discutem o caráter político presente no processo pedagógico, especialmente suas formas deturpadas: tecnicismo e o politicismo.

A crítica a esses ‘desvios’ é feita com base em trabalhos de equipe que os autores vêm desenvolvendo no Programa de Educação de Adultos da Universidade Federal de São Carlos.

Para B. Oliveira a não compreensão da dinâmica da Educação tem imobilizado muitas das tentativas de programar e realizar intencionalmente práticas educativas compromissadas de fato, com os interesses populares.

4. RODRIGUES, Neidson. **Por uma Nova Escola:** o Transitório e o Pertinente na Educação. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1985. (Coleção Educação Contemporânea).

O professor Neidson Rodrigues escreveu a partir de suas experiências na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), Seminários, Encontros e particularmente, a partir do Congresso Mineiro de Educação.

Além de possuir uma análise crítica da Escola Pública, aponta saídas concretas e viáveis para os profissionais da Educação. A questão que se coloca em última instância é a seguinte: que escola queremos ter, ou que escola podemos ter? A resposta encontra-se na obra como um todo. A leitura é imprescindível para aquelas que hoje fazem da educação seu lugar privilegiado de atuação e quantos queiram repensar sua prática pedagógica e dar-lhe um sentido social definido, qual seja, o de ser consoante aos interesses da maioria da população (CURITIBA, 1986a, p.4).

APÊNDICE B PRIMEIRA MOÇÃO

Nós, participantes do Seminário Municipal do Livro Didático, realizado no período de 16 a 22 de outubro de 1987, em Curitiba/PR, manifestamos nosso repúdio ao Livro Didático de Estudos Sociais e Ciências intitulado 'O Paraná e seus Municípios' de Rosi e Proença, editado pelo IBEP, para a 3ª série do 1º grau, usado por mais de 3.500 alunos da RME. Tal obra, à página 44, passa uma visão de que o Golpe Militar de 31 de março de 1964 foi uma revolução que contribuiu para melhorar as condições sociais, políticas e econômicas do povo brasileiro... Curitiba, outubro de 1987. Os participantes do Seminário Municipal do Livro Didático, realizado no período de 16 a 22 de outubro de 1987, em Curitiba/PR, vêm a público registrar seu repúdio à política de editoração do Livro Didático desse país, endossada pelo Governo Federal, que vem contribuindo fortemente para mutilação intelectual de nossas crianças, prestando um desserviço à cultura, à educação e às camadas majoritárias da população brasileira. Curitiba, outubro de 1987. (CURITIBA, 1988a, p.24).

SEGUNDA MOÇÃO

A Assembléia Geral, realizada no dia 15 de julho de 1988, durante o Seminário sobre Avaliação, aprovou as seguintes moções de:

1. Apoio a mesa e a todos os educadores presentes aqui, pela demonstração evidente de compromisso político com a educação e o interesse na sua transformação, apesar de todas as suas adversidades.
2. Repúdio ao recrutamento de estagiários para as Escolas da Rede Municipal de Ensino.
3. Repúdio ao não atendimento dos critérios de lotação nas escolas, o que também está servindo como entrave às discussões para implantação da nova proposta curricular.
4. Repúdio à ausência de infra-estrutura (falta de professores, inexistência de livros e de mimeógrafos, etc.) nas escolas municipais, o que esta influenciando profundamente nas discussões sobre a implantação da proposta curricular.
5. Repúdio às políticas que não tem a educação entre as prioridades e muito menos a educação pré-escolar. Independentemente disso, a pré-escola é por nós considerada enquanto prioridade histórica e fundamentada na importância dos primeiros anos de vida para o desenvolvimento do indivíduo.

Quanto ao aspecto qualitativo, temos hoje uma proposta que define claramente a função pedagógica da pré-escola. No entanto, quanto ao aspecto quantitativo, pouco tem se alterado nos últimos tempos. A pré-escola da RME não pode continuar sendo caracterizada como um ensino elitista, no sentido de que poucas crianças têm direito a esse atendimento. Assim reivindicamos PARA JÁ: expansão e garantia da pré-escola: equiparação ao número de turmas de 1ª série; revisão dos critérios de escolha de turmas; garantia de inclusão do pré-escolar nas Propostas Curriculares das séries iniciais;

Revisão do atendimento as creches, buscando um trabalho articulado entre as propostas pedagógicas.

Temos a esperança de que a nossa voz não caia, mas uma vez, no vazio.

Temos também a certeza de que continuaremos lutando, a certeza de que “se nos cortarem este verso escreveremos outro!” (CURITIBA, 1988b, p.24).

APÊNDICE C EM BUSCA DA QUALIDADE DE ENSINO

Escola em período integral

A prefeitura junto a Secretaria Municipal de Educação tem como meta a implantação gradual do projeto “Educação Integrada em Período Integral”. Tem como objetivo melhorar a qualidade de ensino e ampliação do tempo da criança na escola como indispensável para uma formação mais completa, se preocupando com os interesses e necessidades dos alunos, contribuindo dessa forma para um melhor rendimento escolar.

O atendimento será de segunda a sexta-feira atendendo crianças de 1ª a 8ª série, com oito horas diárias de atividades. Oferecendo três refeições e materiais didáticos gratuitos. Junto a isso o atendimento médico odontológico ficará sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação por meio de programas integrados a esse. Quanto ao aspecto físico serão adaptadas as escolas que tem espaço para sua ampliação. Ressaltando que as demais escolas a serem construídas pela Prefeitura Municipal de Curitiba, já terão estrutura para atendimento dos alunos em tempo integral. O fator que vai assegurar o sucesso do projeto é a nova proposta pedagógica integrada a ser implantada. No qual ela visa desenvolver no aluno uma concepção de conjunto da realidade que o cerca com todas as suas contradições e, assim, capacita-lo para fazer relações com o ensino da escola e a sua realidade concreta.

Implantação do projeto

A primeira escola a atender em tempo integral é a Escola Antônio Pietruza, localizada no Pinheiro, na Vila Tatuquara e atenderá 700 alunos. Outras seis escolas deverão ser construídas neste final de ano e início do ano de 1987.

‘Professores pensando, discutindo e melhorando sua prática’

Dentro da proposta de qualificação o Departamento de Esportes e Recreação junto aos professores de educação física fazem grupos de estudos uma vez ao mês, na finalidade de discutir a prática da educação física. Até o mês de agosto escolheram e trabalharam temas como:

- A imagem do professor na sociedade;
- marginalização social;
- treinamento precoce;
- técnico ou educador, etc.

Qualidade de ensino: meta da Rede Municipal de Ensino

Além da semana móvel, a divisão de aperfeiçoamento profissional promove cursos de atualização e qualificação. Se pretende com isso possibilitar a reflexão sobre a prática pedagógica da rede e apresentar propostas que contribuam para uma melhor qualidade no ensino e diminuição da repetência e evasão escolar. Com esse espírito foram feitos cursos, debates, conferências em todas as áreas da educação, com participação de aproximadamente 1000 professores.

10% para professores em escolas de difícil acesso

Escolas que se localizam em áreas mais distantes, sofrem com o problema de alta rotatividade de professores. Isso muito prejudica o processo educacional, já que contribui

para os índices de reprovação. E aos professores lotados nessas escolas terão ajuda de custo de 10% do piso salarial a partir de outubro.

Dois padrões na mesma escola, a nova opção

Para facilitar a permanência do professor em dois períodos em uma mesma escola a Secretaria Municipal de Educação deve implantar novos critérios para o concurso de remoção. Isso facilita a sua locomoção e melhora seu rendimento de trabalho. Já que dos 587 professores que tem dois padrões, 183 estão em escolas diferentes.

Um padrão, jornada dupla

Outra novidade é a oportunidade do professor poder optar por um padrão de 20 ou 40 horas semanal na mesma escola. Assim assegura-se não só a lotação de pessoal nas escolas, mas também a interação do professor com escola e comunidade.

Corpo livre em movimento

Os Departamentos de Esportes e Recreação e de Ensino, promoveram o III curso de atualização em Educação Física. O objetivo foi colocar em discussão as práticas pedagógicas desses profissionais. Já que esta é entendida como instrumento educacional, que busca a humanização da prática esportiva e recreativa e seu engajamento político no processo de transformação social. A tônica também foi dada as buscas de novas práticas que inovem ao mesmo tempo em que apontem novos caminhos.

Oficinas: saber e saber fazer

Além dos assessoramentos na escola, o Departamento de Ensino tem atendido professores em forma de oficinas, com trabalho essencialmente prático. Atualmente têm funcionado oficinas de: Artes, Ciências, Física, Biologia e matemática envolvendo em torno de 300 profissionais.

Currículo básico na rede

Entendendo que a função da escola é a socialização do saber sistematizado, a Secretaria Municipal de Educação tem como meta definir os conteúdos básicos da rede em todas as áreas. Fundamentado no direito universal de que toda criança tem o direito de acesso ao conhecimento universal cabendo a Secretaria coordenar esse processo. A proposta é promover discussões como a da Semana Móvel entre os profissionais da educação para que o currículo seja implantado até o ano de 1988.

Semana Móvel: um ganho para os professores

Essa semana significa abrir espaço para a discussão das questões da educação pelos professores municipais. Tem tido como base das discussões o redimensionamento curricular e a definição do currículo básico para a Rede Municipal, tendo como princípio a democratização do saber. Os professores estão fazendo uma avaliação de sua prática e estabelecendo diretrizes para desencadear um processo de mudança nas escolas. Desta maneira espera-se uma educação que responda as necessidades da população e também as instrumentalize para atuar de forma crítica e transformadora na sociedade.

Essa semana iniciou em fevereiro do corrente ano até este momento, em que participaram 200 professores de pré-escolas, 1.200 de 1ª a 4ª séries e 400 de 5ª a 8ª séries. Até final do ano todos os professores terão participado dos debates e de Semana Móvel pelos vários campos de conhecimento.

Parque de ciências

Esse é um projeto junto com a Secretaria do Estado de Educação, com a integração e articulação de todas as escolas públicas de Curitiba. Objetiva facilitar a aplicação dos métodos e técnicas de ensino e pesquisa, promovendo um trabalho integrado e dinâmico

de ciências e promover atividades extras curriculares e ofertar cursos de aperfeiçoamento profissional.

O parque será implantado numa área de 510.000m² do Parque do Iguaçu, espaço já cedido pela prefeitura Municipal de Curitiba. A primeira atividade do Parque será uma Feira de Ciências que culminará os esforços de professores e alunos na construção e afirmação do conhecimento científico.

Ciclo básico de alfabetização

O processo de alfabetização que fica entre as 1^a e 2^a séries e envolve inúmeras questões que se não forem bem desenvolvidas pelo professor pode comprometer a vida escolar da criança, dentre elas:

- A concepção e visão de língua que o professor tem.
- Compreensão das características da clientela.
- O significado de ensinar a língua em sua variedade padrão para uma clientela que fala outra variedade lingüística.
- O domínio de alternativas metodológicas adequadas para produzir ensino e aprendizagem.
- A utilização de materiais adequados.

Para 1987 o atendimento a essas séries iniciais se fará a partir de um projeto que garanta um tratamento integrado a essas séries, para que passem ser entendidas como uma etapa inicial do processo de escolarização básica.

O projeto envolve também a discussão de alternativas metodológicas para o trabalho de alfabetização. Esses aspectos deverão conduzir para um trabalho que atinja níveis mais elevados de qualidade e produtividade.

Universidade e Secretaria firmam convênio

A Secretaria Municipal de Ensino junto com a Universidade Estadual do Paraná estão firmando convênio, no sentido de que esta assessore e acompanhe a elaboração da proposta pedagógica da Escola Integrada em período integral, e também no processo de definição do Currículo Básico para Rede Municipal de Ensino. Durante dois anos especialistas trabalharão com os profissionais da Secretaria Municipal de Educação para esse propósito.

O interesse desse convênio reside no fato da Universidade produzir conhecimentos que são fundamentais para a prática pedagógica. Por outro lado essa prática dará elementos para que a Universidade direcione os resultados de seus trabalhos as necessidades e exigências concretas da sociedade brasileira.

A prática nossa de cada dia

A valorização e socialização das experiências pedagógicas, desenvolvidas nas escolas têm conseguido bons resultados. E com essa preocupação a Divisão de Aperfeiçoamento Profissional está desenvolvendo o projeto "A Prática Nossa de Cada Dia" que prevê um Seminário da Rede Municipal de Ensino sobre a qualidade do ensino. Os professores estarão discutindo propostas pedagógicas que vêm implantando cotidianamente. Assim a participação de cada escola com seus professores é fundamental para que as alternativas de cada uma das escolas integrem o elenco de possibilidades de todas as escolas. E esse projeto tem o objetivo de viabilizar e sistematizar esse intercâmbio.

Educação Especial

A Rede Municipal de Ensino tem 19 classes Especiais, atendendo cerca de 140 alunos, além da Escola Especializada Ali Bark. A Divisão da Educação Especial responsável pelo

assessoramento das escolas que formam classes especiais, tem como objetivo atuar junto ao aluno dito especial, no sentido de reintegrá-lo ao ensino regular e a sociedade. Entende-se para essa divisão que os atendimentos de Educação Especial não são irreversíveis, mas respostas a situações específicas, devendo ter por objetivo primeiro, programas regulares sempre que possível.

A cidade brinca junto

Uma das propostas do Departamento de Esportes e Recreação é estimular a todos a brincar junto (re) descobrindo brincadeiras tradicionais como, por exemplo, a perna de pau. Esse evento tem acontecido por várias ruas e avenidas da cidade. Uma preocupação dessa administração é de lançar propostas de novos espaços para que a comunidade descubra e utilize-os para que a população viva mais e melhor na sua cidade.

'As escolas e o esporte'

Na área do esporte escolar estão sendo promovidos jogos desportivos colegiais pré-mirins, mirins e infantis na finalidade de inter-relacionar através do jogo e também mostrando seu aprendizado adquirido na escola. Para isso foi programado o 1º Festival de Jogos das Escolas Municipais que se realizará de 4 a sete de novembro, que já conta com a inscrição de 15 mil crianças da periferia da cidade.

Esporte e recreação na periferia da cidade

Curitiba tem estrutura e equipamentos esportivos no centro das cidades em função das prioridades de administrações passadas, negando esse espaço nas periferias. Para reverter isso:

- Seis Ruas de Lazer, junto a operações concentradas e mais quinze em diversos bairros atendendo até agosto.
- Integrar o trabalho de esporte e recreação ao Circo da Cidade, programa da Secretaria Municipal de Cultura, com quatro circos itinerantes.
- Programa de recreação para creches, onde professores de educação física com atividades que contribuam para o desenvolvimento global das crianças.

Programas especiais para pessoas especiais

O Departamento de Esporte e Recreação junto a secretaria municipais de Desenvolvimento Social, Cultura e Turismo, têm dado atenção especial aos "Irmãos Mais Velhos". Esse programa possibilita encontros entre grupos da 3ª idade do SESC, da SMDS, das unidades recreativas e asilos e outros grupos da cidade com diversas programações atividades como bailes, pic-nic e etc.

Um grupo de professores desenvolve orientação para ginástica geriátrica em oito locais da cidade.

Apóia-se também a Semana do Excepcional com atividades recreativas permanentes durante toda semana na Sociedade Duque de Caxias.

Esporte comunitário para crianças e jovens

O Ministério da Previdência e assistência Social está implantando o programa Esporte Comunitário para crianças e jovens carentes de 7 a 16 anos. A meta desse programa é atingir até 1987 um milhão de crianças para contribuir para a integração dos menores desassistidos no seu grupo de convivência social.

Pretende-se orientar atividades esportivas reforçando seu caráter educativo e ainda promover orientação para o trabalho através de cursos profissionalizantes com refeição no período em que estiver com as atividades.

Conheça melhor as nossas praças

Em 22 unidades recreativas professores orientam a comunidade em suas horas de lazer, proporcionado pelo Departamento de Esportes e Recreação. Alguns exemplos desse trabalho são:

- Através das escolinhas de basquete e voleibol as crianças e adolescentes criam o hábito da prática esportiva.
- A saúde do corpo trabalhada através da prática do condicionamento físico, corrida e ginástica estética para adultos.
- A expressão artística com cursos de música, atividades artesanais e etc.
- Programas especiais como colônia de férias, campeonatos, festas juninas, programação da festa do dia das crianças e etc.

Programações esportivas populares

O Departamento de Esportes e Recreação promove atualmente as seguintes atividades:

- Campeonato de Futebol Unidos do Portão com 80 equipes e Campeonato de Futebol de Pelada em conjunto com Bamerindus e Tribuna do Paraná, com 370 times.
- Cinco Corridas Rústicas, contando com a experiência nova de corrida de orientação no Parque Barigüi.
- Campeonato Sênior de Basquetebol, para atletas com mais de 30 anos.

Condições infra-estruturais

Rede de ensino é ampliada

A Rede de Ensino completa 22 anos e conta com 93 escolas, 23 unidades recreativas e 1 centro de integração. Esse complexo atende 54 mil alunos distribuídos principalmente na periferia da cidade. Em 1986 3 escolas foram construídas e mais 3 deverão ser concluídas até final do ano.

Só neste ano foram 32 salas de aulas com capacidade para 2.170 alunos em dois turnos e construídas cantinas, dependências administrativas e almoxarifados em 4 escolas. A opção para ficar mais funcional esses ambientes diferentes do passado é fazer as estruturas específicas para cada função e de acordo com o número de alunos da escola.

Manutenção é trabalho que não pára

A falta de funcionalidade dos prédios públicos deixados por outras administrações é um problema assim como a localização desses prédios em lugares que proporcionam uma rápida danificação destes como lugares úmidos, por exemplo.

Devemos levantar também que muitas escolas não haviam sido pintadas desde a sua construção. De 1983 foram pintadas mais 60 escolas e mais 2 serão pintadas ainda esse ano.

31 escolas precisam de substituição completa dos telhados e parcialmente mais 46. Até agora, em função do alto custo foram substituídos o telhado de 11 escolas.

Material escolar de consumo

A Secretaria de Educação, preocupada com a qualidade do ensino da rede Municipal de Ensino tem tentado melhorar a qualidade dos materiais didáticos e de consumo das escolas. Para isso implantou-se uma cota per capita por aluno de Cz\$ 75,00 por ano podendo escolher os materiais que atendam as suas necessidades específicas. Essa sistemática foi aprovada pelas direções das escolas e entrará em vigor a partir do ano que vem com base no consumo deste ano.

Além da cota estabelecida, o Departamento Administrativo tem atendido solicitações de emergências das escolas, ampliando assim a cota material de algumas unidades escolares.

Operações concentradas também nas escolas

Paralelo ao trabalho regular e diário das equipes de manutenção, vem sendo desencadeado um processo de recuperação dos prédios municipais na área educacional através de operações concentradas. Atividades realizadas as sextas e sábados foram recuperadas instalações hidráulicas, elétricas, muros, telhados, pinturas, jardins, alambrados, pátios e recapeamento de quadras de esporte de mais de 20 escolas. E também na parte externa como manilhamento de valetas, construção de calçadas e ajardinamento, este trabalho também está sendo realizado em postos de saúde, creches, Centros Sociais Urbanos (CSUs) e unidades recreativas.

Outros programas

Duplicados postos de educação para adultos

Temos apoiado atualmente cerca de 2 mil alunos atendidos em 92 escolas para o ensino supletivo. Esse tipo de ensino é fundamentado na necessidade de jovens e adultos adquiram conhecimentos para que possam participar do processo político e social da nação. Seu funcionamento se dá das 19 às 22h30, os cursos são ofertados a pessoas com mais de 14 anos. O material escolar é cedido pela Fundação Educar e repassado pela prefeitura. Apesar da duplicação de vagas em relação ao ano passado reconhece-se a necessidade de uma redefinição da Política de Educação de Adultos.

Ampliação do pré-escolar

As classes pré-escolares funcionam hoje em 71 das 94 escolas municipais, atendendo a 8.106 crianças de 5 e 6 anos. Das 371 turmas, 178 são conveniadas e 163 são classes regulares da Rede Municipal de Ensino.

A Prefeitura Municipal de Curitiba reconhece a importância desse atendimento para instrumentalizar a criança para o desenvolvimento do pensamento crítico. Para 1987 pretende-se ampliar o atendimento através do projeto Cura II.

Escola e comunidade caminham juntas

Uma das preocupações da Secretaria Municipal de Educação é estimular a participação da comunidade nas atividades escolares. Para isso têm prestado serviços de assessoramento as escolas para criação, organização e fortalecimento das Associações de Pais e Mestres.

Escola do Horto

A Secretaria Municipal de Educação está implantando a Escola do Horto que tem uma área de 19.400 m² (antigo Matadouro Municipal), sendo 1.756 m² de área construída atendendo alunos oito horas por dia cerca de 500 menores de 7 a 17 anos. Considerando as condições objetivas da população a ser atendida em estado de semidesagregação social, a finalidade é trabalhar buscando o direito a cidadania plena desses menores.

Este projeto abrigará oficinas de matemática, literatura e ciências. Terá auditório e oficinas para habilitação do trabalho de marcenaria, metal e cerâmica, etc. outro prédio abrigará também biblioteca, cozinha e refeitório.

Atividades recreativas, esportivas artísticas e de lazer terão espaço em canchas esportivas polivalente com concha acústica. Há também no projeto espaço para oficinas de horticultura, paisagismo e cultura de animais domésticos.

Os alunos terão três refeições diárias e locais apropriados para banho.

Calendário

O calendário a ser elaborado respeitará as características dos alunos a serem atendidos. As atividades curriculares e produtivas serão ofertadas de segunda a sexta-feira, permitindo realizá-las nos prazos e momentos do dia mais desejáveis.

Em fins de semana a escola permanecerá aberta para atividades culturais e recreativas.

Merenda nas férias

A prefeitura fornece alimentação escolar a 190 mil crianças de 146 escolas de Curitiba: 93 municipais, 177 estaduais e 146 mantidas por entidades filantrópicas. Este ano a merenda estendeu-se no período de férias e deve continuar sistematicamente para os próximos anos.

O Departamento Administrativo discutindo junto a FUNDEPAR visando a melhoria na qualidade da merenda escolar. Fruto disso foi a redefinição de pauta de compra adequando o tipo de alimento as necessidades e hábitos alimentares dos alunos de Curitiba. E também a regularidade da entrega dos gêneros alimentícios.

Reivindicações: Posição na Administração

Quanto ao piso salarial de 3 salários mínimos.

A Prefeitura reitera a posição anterior. Embora reconheça que o piso salarial dos professores e demais servidores é básico, não tem condição orçamentária de conceder aumento.

Esclarece que a elevação salarial é uma meta desta administração e que estão sendo tomadas todas as medidas possíveis para se reverter o atual quadro orçamentário. Observação: todas as informações sobre a situação financeira da Prefeitura estão à disposição dos professores e de sua Associação.

Quanto à promoção por merecimento.

O Estatuto do Magistério prevê o benefício a partir de 1988. A administração antecipou para janeiro de 1987. Os estudos de implantação já foram elaborados pela Secretaria Municipal de Educação com subsídios definidos por uma Comissão Paritária composta por membros do Magistério e funcionários da Secretária Municipal de Educação.

Quanto à abertura de cinco cursos noturnos de 4ª a 8ª séries

A demanda de atendimento de 5ª a 8ª séries é de responsabilidade do Governo Estadual. No entanto, nove escolas estão sendo atendidas através de convênios firmados entre o Estado e o Município. De acordo com o convênio, a Administração Municipal cede os prédios e os cursos são administrados pelo Estado. Em 1987, este convênio será ampliado, e o atendimento dado em quantas escolas for necessário. Mais cinco escolas estão sendo construídas para atender estes cursos.

Quanto à antecipação de enquadramento de 10% dos professores para o pagamento pela habilitação

Será implantado em janeiro de 1987 de acordo com o Estatuto do Magistério. O percentual e data foram previamente negociados com a própria categoria na Administração do Prefeito Mauricio Fruet e serão cumpridos pela atual Administração.

Quanto à criação de creches para filhos de funcionários

Já foi determinada, pelo Executivo, a criação de vagas preferenciais nas creches comunitárias, podendo os professores fazerem suas inscrições junto às direções das escolas tendo em vista o regulamento a ser determinado.

Quanto à lotação de pessoal nas escolas

A reivindicação será atendida através da elaboração de um plano anual de lotação, por parte da Secretaria Municipal de Educação, pelo qual a lotação do professor será fixada na unidade escolar.

Ajuda de custo para o professor nas escolas de difícil acesso

O Executivo determinou um ajuda de custo de 10% do piso salarial aos professores lotados nas escolas valor ponderal seis e sete a partir de outubro próximo.

Quanto às férias e horas extras

Esta sendo encaminhada à Câmara de Vereadores uma mensagem para a alterar a redação do artigo 50 da lei 4.789, atendendo as reivindicação: 'na concessão das férias e da licença prêmio, o servidor, desde que esteja prestando serviços extraordinários há mais de 9 meses, ininterruptos ou não, no período de 12 meses, imediatamente anterior ao gozo, perceberá uma gratificação correspondente a média dos meses de trabalho extraordinário realizado'.

Embora não constem da pauta de reivindicações, a Prefeitura determinou as seguintes medidas:

- 1 Para o ano de 1987, elevação do orçamento para a educação em 141% em relação a este ano, ou seja, de 221.042.223 milhões para 553.617.000 cruzados;
- 2 Envio de mensagem à Câmara Municipal abrindo a possibilidades do professor optar pelo regime de 20 ou 40 horas;
- 3 Garantir aos professores com dois padrões, no Município, que apartir de dezembro exerçam suas atividades em uma só escola (CURITIBA, 1986b, p.4-8).

APÊNDICE D EDITORIAIS

EDITORIAIS: AUTORES IDENTIFICADOS

Palavra do secretário

Este número especial do Jornal Escola Aberta quer mostrar, com dados precisos, o que se fez, está se fazendo e far-se-á junto a comunidade escolar. Mais ainda. Elementos informativos demonstram como a Educação vem caminhando no Município de Curitiba.

Ao leitor restará a tarefa de suprir, comparar e amarrar o que a concisão e os números não dizem. Com a sua colaboração a mensagem estará completa. A mensagem é prova de realização de compromissos de um governo que confere prioridade – não exclusividade – de atendimento às camadas mais urgentes e prementes da sociedade.

Somando o todo, sob essa perspectiva, por-se-á, então, concluir, com evidencia, que jamais se programou, se executou e executar-se-á tanto a favor das camadas sociais, nelas incluindo particularmente a Educação, quanto na Administração de Roberto Requião (PUPPI, out., 1986b, p.1).

Editorial

O que faz a diferença própria de uma consistente promessa de campanha eleitoral é a doutrina social e a decisão política que lhe serve de suporte. Estes dois ingredientes sempre estiveram – e estão – presentes nos discursos do prefeito Roberto Requião. Foram eles que revestiram de credibilidade o enunciado de uma educação inteiramente comprometida com a democratização do ensino e a destinação da educação para tomada de consciência e o conseqüente exercício da cidadania por parte dos nossos alunos. O contexto do enunciado é o que distinguia de toda outra formulação homóloga esloganizadora.

Cabe a Secretaria Municipal de Educação como 'ad hoc' de planejamento e execução traduzir em ação a intenção do poder. Não porque o prefeito quer, mas porque ele quer efetivamente é a solução que se impõe. Esse discernimento crítico e competente, que esteve presente desde a elaboração da proposta de campanha e de governo, é que está transformando a prática pedagógica desta secretaria.

O histórico do processo, sua natureza, seu conteúdo curricular, seu projeto de implantação e consolidação a nível das escolas, constituem a matéria desse número do 'Escola Aberta'. Chamarei a atenção do leitor desprevenido ou ainda não completamente informado, para a densidade da significação e da relevância social que se ocultam sob o conceito aparentemente inocente e inofensivo de **currículo básico**. Para enfatizar a advertência, direi que se trata aqui da proposta e da doação do Currículo Básico em nova chave, chave com a qual pretendemos abrir as portas inveteradamente fechadas.

Quem não está inteiramente 'por dentro', terá aqui excelente oportunidade para reflexão e transformação de sua intervenção no ato pedagógico. Os destinatários dos textos aqui contidos, não é, - como também não o são os autores -, o membro partidário, mas o educador. Nosso compromisso, no caso, é político, mas não partidário. Compromisso com a pesquisa científica e com a história, com o ser da criança e com suas relações sociais (PUPPI, ago., 1987, p.2).

O jogo da memória

Na sociedade urbano-industrial contemporânea, o esquecimento e a própria tensão da continuidade. Se por um lado é estratégia do poder recuperar determinadas memórias, torná-las universais e silenciar outras, existem memórias que, teimosamente, resistem e permanecem como possibilidade de libertação. Se o esquecimento traz a perda do sentido do mundo, individual e coletivo, a luta pela recuperação das memórias contém o germe da resistência.

Esta luta, que tem a haver com o cotidiano, a busca de identidade do ser humano, dos grupos e das sociedades traz, em seu bojo, a essência de um jogo – a relação entre o que ganha e o que perde.

É carregada de tensão, sendo esta uma característica da cotidianidade. Ela está presente na relação dominantes e dominados, dominação e resistência. É ela que permite sacudir o conformismo da tradição e atualizar o passado à luz dos momentos críticos do presente.

A Gincana da Memória, na sua terceira fase, foi um destes momentos privilegiados. Ela permitiu que pais, alunos, educadores, mobilizassem instantes preciosos do passado que estão inclusos no universo das memórias. Trata-se de instantes, recordações, fontes de paixão e energia humana. O resgate destes instantes-memórias pelo trabalho da Gincana e seu aproveitamento no âmbito do saber escolar é fundamental porque poderá ser libertador. Estas memórias contêm experiências e sonhos de homens concretos, são aquelas memórias que foram ditas e se perderam ou foram reprimidas.

Sem qualquer pretensão, o trabalho Gincana da Memória desenvolvida pelo Departamento do Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e o Departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Curitiba, possibilitou o resgate da história, não só pelo que aconteceu, mas do que poderia ter acontecido, na dimensão libertadora da utopia e da paixão que existe na tensão do jogo da memória (SCHMIDT, dez., 1988d, p.2).

APÊNDICE E EDITORIAS: AUTORES NÃO IDENTIFICADOS

Editorial

Colega

O 'ESCOLA ABERTA' está de volta, em seu terceiro ano de vida. com a cara nova e a mesma intenção: ser uma mão de duas vias que socializa o que acontece nas escolas e na SME.

Sua proposta é ser veículo de informações e, ao mesmo tempo, por em discussão as questões emergentes da educação no município e no país.

O 'ESCOLA ABERTA' acredita que o acesso a informação e formação, em todas as suas formas, é fundamental para que os educadores possam pensar melhor sua própria realidade. Neste número damos a palavra ao prefeito, ao secretário, e sua equipe diretora. Também publicamos uma entrevista com o secretário das finanças - Heitor Wallace de Mello e Silva.

A cada número traremos um secretário para conversar conosco. Assim, poderemos entender melhor os mecanismos da administração pública e neles investir de maneira objetiva.

A coluna 'INFORMAÇÃO' traz notícias relativas à educação e poderá ser usada por todos. Temos a seção 'LIVROS' que visa dar dicas de publicações em nossa área e outras de nosso interesse. Além disso, temos 'MULHER E EDUCAÇÃO' que pretende discutir a situação da mulher na educação, atendendo a proposta aprovada no Encontro do dia 26 de março.

A pesar de, neste número, não termos forte contribuição dos professores das escolas, esperamos, a partir do próximo, que isso aconteça. para isto, criamos as seções 'CARTAS' e 'FALA, PROFESSOR'. Nelas todos poderemos reclamar, sugerir idéias e contar nossas experiências pedagógicas.

E, por último, temos o bate-papo cultural. Se você compõe, escreve contos, poesias, publique no seu jornal. É nosso desejo que o 'Escola Aberta' represente sua posição frente as questões educacionais, estando, portanto, efetivamente aberto a você que deve ter muito a dizer.

A redação do seu Jornal fica no terceiro andar do Pery Moreira, ramal 475.

Venha trazer suas contribuições. Um abraço e até o próximo número! (CURITIBA, 1986a, p.1).

Editorial

Os debates em torno do livro didático vem crescendo em nosso país. Tal fato se deve a pelo menos duas causas: o livro didático tem funcionado como suporte da prática pedagógica e decorrente dessa, sua qualidade deve ser questionada.

Para subsidiar as discussões sobre este problema, a Secretaria Municipal de Educação e o Conselho Municipal da Condição Feminina realizaram um Seminário Municipal sobre o Livro Didático de 16 a 22 de outubro de 1987.

A idéia do seminário foi sugerida por profissionais da RME, integrados ao projeto 'A discriminação Sexual e Racial no Livro Didático', da Secretaria Municipal de Educação e Conselho Municipal da Condição Feminina.

Ao discutir a discriminação, chegou-se a conclusão que as várias áreas de ensino deveriam ser também objeto de reflexão. Dessa maneira, o Seminário realizou-se com grupos de trabalho por área de conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Avaliação e Discriminação Sexual e Discriminação Racial. Cada grupo produziu um texto, que agora é publicado.

Cada grupo produziu um texto, que agora é publicado embora não houvesse grupo para o tema da Educação Ambiental estamos publicando texto sobre ele dada sua importância na escola. Também estão sendo publicadas as conferências da Abertura e as das mesas-redondas. Uma delas trata da literatura na escola básica e outras da discriminação sexual e racial.

É importante destacar que os textos produzidos pelos grupos de trabalho foram aprovados em Assembléia Geral. Além dos textos aprovou-se duas monções de repúdio.

Finalmente entrevistamos o professor Carlos Alberto Faraco, que tem desenvolvido esforços no sentido de escrever livros didáticos, na Área de Língua Portuguesa, que contribuam na construção de um raciocínio crítico do aluno.

Acreditamos que este número da Escola Aberta que agora chega às escolas, poderá contribuir para o trabalho dos professores com o material pedagógico que tem em mãos. Mesmo porque a parte substantiva deste jornal é resultado das reflexões destes mesmos profissionais (CURITIBA, 1988a, p.1).

Editorial

A realização do Seminário sobre a Avaliação promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Departamento de Planejamento e Administração da Universidade Federal do Paraná, de 06 a 15 de junho se constituiu num fato de grande importância para nós educadores. Os altos índices de repetência, hoje em torno de 30%, na Rede Municipal de Ensino, objeto de inúmeras discussões levou a promoção do Seminário com vistas a possíveis soluções para este problema. A avaliação, articulada intrinsecamente com os conteúdos e métodos de ensino é um momento fundamental do processo pedagógico. Ao ser trabalhada intensamente o Seminário, foi questionada e vista sob suas múltiplas faces: o rendimento do aluno o desempenho do professor, a organização da escola, as condições materiais para o ensino, etc.

A conferência de abertura, proferida pelo professor Cipriano Lukesi, a mesa-redonda, composta pelas professoras Jussara P.Santos, Lizia Nagel e Lilian Wachowicz – ofereceram subsídios para os grupos que debateram sobre a avaliação em cada área de conhecimento (Aspectos Políticos e Pedagógicos, Pré-escolar, Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Ciências, Educação Artística, Educação Física e Educação Especial).

Os trabalhos por área se realizaram a partir de textos preliminares escritos pela equipe técnico pedagógica da SME. Com base nas discussões ocorridas, foram ampliados, reduzidos ou mesmo, reescritos. No último dia de Seminário, o material foi levado à apreciação da em Assembléia Geral, que o aprovou.

Sendo assim, este número do jornal ESCOLA ABERTA é o resultado de um processo de discussões que procurou ser o mais amplo e profundo possível, entre os educadores da RME, da SME e do DEPLAE/UFPR.

O documento que agora chega nas escolas não está pronto e acabado, mas se constitui ainda, em fonte de novas e necessárias reflexões.

O ESCOLA ABERTA está publicando também as reivindicações dos profissionais da educação e as moções aprovadas em Assembléia.

A Secretaria Municipal da Educação acredita que esse número do jornal poderá contribuir para o avanço da prática pedagógica na medida em que a avaliação desponta com um dos elementos de grande importância no processo educativo (CURITIBA, 1988b, p.2).

Editorial

A alfabetização vem sendo objeto de acirradas discussões entre os educadores. Isso se deve ao fato de que o processo que envolve a aquisição da leitura e da escrita é visto sob vários enfoques, sem, contudo, dar conta de uma concepção de alfabetização articulada a uma concepção de linguagem.

A partir do segundo semestre de 1987, o Departamento de Ensino constituiu um grupo de estudos, coordenado pelo professor Carlos Alberto Faraco (UFPR), com o objetivo de traçar algumas diretrizes básicas que pudessem auxiliar o trabalho nas classes iniciais.

O documento que agora chega as escolas é o resultado das reflexões desse grupo e das contribuições dos professores presentes na Semana de Estudos Pedagógicos realizados no início desse ano.

Esta edição do jornal ESCOLA ABERTA traz considerações preliminares sobre a alfabetização, propondo um tratamento que permita superar os problemas evidenciados naquela semana, tendo em vista a redução dos índices de evasão e repetência na Rede Municipal de Ensino, hoje em torno dos 30%.

Ainda com o intento de ampliar as possibilidades do trabalho nas séries iniciais, estamos publicando as conferências de Carlos Alberto Faraco e Regina Leite Garcia (proferidas na já citada, Semana de Estudos Pedagógicos), bem como textos sobre a educação Pré-escolar, o ensino supletivo e as áreas de conhecimento em conexão com o tema da alfabetização.

O que se pretende, a partir da publicação deste ESCOLA ABERTA, é abrir uma discussão sistemática sobre os problemas que atingem o processo de aquisição da leitura e da escrita, norteadas pelo nosso compromisso com a democratização do saber escolar (JORNAL ESCOLA ABERTA, ago., 1988c, p.1).

Editorial

O Programa Mulher e Educação está em seu terceiro ano de existência. Começou timidamente, em 1986, comemorando o 08 de março. Cresceu em 1987, criando o projeto 'As discriminações Sexuais e Raciais no Livro Didático' – especialmente para a RME -, que resultou em um vídeo cassete (Virando a Página), um Seminário e um Jornal Especial (Escola Aberta, n. 10).

Neste ano de 1988, além das comemorações de 08 de março promovidas pelo Programa Mulher e Educação, varias atividades foram desencadeadas como parte do Projeto Mulher, Educação e Sociedade (antigo As Discriminações Sexuais e Raciais no Livro Didático). Entre essas atividades merecem destaque as entrevistas com mães, as redações sobre uma mulher da família, bem como os desenhos, quadrinhos, debates, jornais, murais, cartazes, jornais de alunos que tiveram como tema a questão das relações entre homens e Mulheres.

No total, foram vinte e uma escolas municipais a participarem dos trabalhos. Este jornal é a demonstração do empenho dos profissionais da Rede Municipal de Ensino e dos alunos, mostrando a todos nós um pouco do universo infantil.

A leitura deste universo nos ensina a embarçar na utopia da igualdade entre homens e mulheres (PROGRAMA MULHERES E EDUCAÇÃO, ago. 1988e, p.2).